

Alejandro Mario Chagua Cortez

Escola Integral: Implantação e Avaliação de
uma Proposta de Lazer para a Mudança
do Cotidiano Escolar

Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Filosofia e Ciências

Marília - SP

1998



**ESCOLA INTEGRAL: IMPLANTAÇÃO E AVALIAÇÃO DE
UMA PROPOSTA DE LAZER PARA A MUDANÇA DO COTIDIANO ESCOLAR**

ALEJANDRO MARIO CHAGUA CORTEZ

1410000937



**Tese apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências,
Campus de Marília, Universidade Estadual Paulista,
como parte dos requisitos para a obtenção do título
de Doutor em Educação (Área: Ensino na Educação
Brasileira).**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
MARILIA-SP**

1998

f. 937

**ESCOLA INTEGRAL: IMPLANTAÇÃO E AVALIAÇÃO DE
UMA PROPOSTA DE LAZER PARA A MUDANÇA DO COTIDIANO ESCOLAR**

Alejandro Mario Chagua Cortez

Orientadora: Prof. Dr^a Maria Aparecida T. Zamberlan

**Tese apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências,
Campus de Marília, Universidade Estadual Paulista,
como parte dos requisitos para a obtenção do título
de Doutor em Educação (Área: Ensino na Educação
Brasileira).**

MARILIA-SP

1998

DEDICATÓRIA

**ÀS CRIANÇAS E AOS MEUS
SOBRINHOS**

AGRADECIMENTOS

À professora Maria Aparecida Trevisan Zamberlan, minha estimada orientadora, mestre e amiga, pela confiança, amizade e grande dedicação para auxiliar-me na construção, desenvolvimento e conclusão deste estudo.

Sua admirável competência, orientação segura e cooperação tornou o processo de “gestação” desta tese prazeroso e gratificante;

Aos professores: Dr. José Misael Ferreira do Vale, Dr^a. Iclea Rodrigues de Lima e Gomes e Dr. Luiz Alberto Lorenzetto pelas sugestões e contribuições relevantes ao desenvolvimento deste estudo;

Aos professores: Dr. Nelson C. Marcellino, Dr. Carlos V. França, Dr. José Camilo dos Santos Filho, Dr. Augusto C. Novaski e Dr. Ivan Santo Barbosa pelos valiosos ensinamentos e estímulos;

Ao Prof. Dr. Celestino Alves da Silva Júnior, pelo apoio e incentivo a este estudo;

Aos amigos do doutorado;

A todos os professores, secretárias, bibliotecárias e demais funcionários da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, Marília, pelo constante incentivo, carinho e apoio e, em especial, à Maria Ines, Edna e Vilma;

À direção, professores, animadores, pais e alunos do CIEP Zanaga “Oniva de Moura Brizola”, bem como aos funcionários, pela boa vontade e colaboração com este trabalho de pesquisa e pela convivência com cada um que muito contribuiu para meu crescimento pessoal;

Aos alunos que fizeram parte desta pesquisa, que colaboraram e participaram com sua naturalidade de criança;

À CAPES, pela bolsa de estudos obtida nos primeiros 3 anos de realização do trabalho,

Aos meus tios, primos e sobrinhos pelo apoio e por compreenderem minha ausência;

Aos amigos e, em especial à Perci, Cassia, Caçula, Davina, Eliane, Flávio, Elaine e Larissa pelo apoio incondicional e por compreenderem minha ausência em tantos momentos;

À amiga Profª Eliana M. C. Devides, pelas valiosas colaborações com este trabalho;

Aos meus irmãos Albino, Juan, Hugo e Olga e, em especial a meus pais: Matias e Julia, por estarem sempre "prontos" a ajudar e presentes em todos os momentos em que precisei, sempre dispostos a me auxiliar e colaborar;

Aos sogros Nazare e Arnílcar, cunhados Zoila e Rosa pelas palavras de incentivo, apoio e pela "torcida" e em especial à minha cunhada Marilu, Benício e minha sobrinha Alessandra, por estarem sempre "prontos" a ajudar,

Aos familiares e, em especial, a você, Renata, companheira e amiga que sempre esteve ao meu lado, me apoiando, estimulando e cooperando. Você que me acompanhou nessa caminhada, com tanta dedicação, tendo dado também sua colaboração indispensável na coleta de dados e tantas outras "forças" que eu precisei. Agradeço pelo amor e compreensão de cada momento,

Alejandro Mario Chagua Cortez

RESUMO

Este trabalho surgiu como resultado da observação de que na maioria das escolas públicas não ocorrem atividades de lazer planejadas. O lazer está desvinculado do currículo escolar, muito embora seja um instrumento de desenvolvimento das potencialidades do educando e facilitador de sua interação.

Vários fatos constatados no interior da escola mobilizaram nosso interesse por idealizar um trabalho de arte/educação - o qual foi proposto, implantado e avaliado através da realização de oficinas culturais com professores, alunos e animadores culturais no CIEP - Zanaga - da cidade de Americana - S.P. entre os anos de 1996 a 1997. Os objetivos do trabalho consistiram em: 1º) Observar as atividades de lazer praticadas naquela escola de tempo integral; 2º) Propor e descrever a implantação de um programa de animação Cultural na referida instituição; 3º) Acompanhar e avaliar os resultados de implantação do programa, em termos de mudanças de comportamentos dos educandos, de professores e alterações no cotidiano escolar. Foram observadas e registradas em fotos e cursivamente as atividades espontâneas e organizadas na proposta de animação cultural e analisados depoimentos de educandos, professores, animadores e do diretor da escola, quanto à interação e desenvolvimento pessoal que as atividades planejadas de lazer proporcionaram aos educandos. No geral, foram registradas avaliações muito positivas de parte de todos esses informantes, quanto à importância das oficinas culturais desenvolvidas, junto a cada grupo de alunos, destacando-se as atividades de teatro.

Os resultados e conhecimentos advindos do trabalho foram efetivos para a orientação, planejamento e desenvolvimento de atividades culturais destinadas a locais abertos, implementadas na escola, bem como mostraram-se úteis à formação e treinamento de animadores, visando desenvolver, através do currículo, habilidades de natureza social, intelectual e afetiva nos educandos.



ABSTRACT

This work has emerged as a result of the observation that in the majority of public schools there aren't planned recreational activities. Leisure is got off from school curriculum, although it's a tool for the potential development for the children and facility for its engagement.

Many verified facts inner school have changed our interest in idealizing an art/education task - which has been purposed, introduced and valued through the realization of cultural offices with teachers, students and cultural animators at CIEP - Zanaga - in the city of Americana - S.P. - through 1996/1997. The aim of the work consisted in: 1st: Observing the recreation activities practiced at those schools in full time; 2nd: Purposing and describing an introduction of an animation program of culture on the referred institution; 3rd: Going along with and valuing the program introduction, in terms of conduct exchanging of the students, the teachers and changing in the school day-by-day. The spontaneous activities were observed and proved by photos and organized with the purpose of create a cultural animation as well the students, teachers, animators and the school director's depositions analized, in the engagement and personal development that the planned activities of leisure gave to the students. Generally, very positive valuations were registred from all these informations, in terms of the importance of the cultural offices developed, with each student's group, mainly drama activities.

The results and knowledgement that came from the work were effective for the cultural activities orientation, planning and development, doomed to open places, introduced in the school, as they were showed useful to the animators formation and training, to develop, through the curriculum, abilities of social, intelectual and affective nature on the students.



RÉSUMÉ

Ce travail est issu du résultat de l'observation dans plusieurs écoles où il n'y a pas d'activités de loisir planifiées. Le loisir n'est pas annexé au travail scolaire, pourtant il est un instrument de développement potentiel pour les élèves, facilitant même leur intégration.

Plusieurs faits constatés à l'intérieur des écoles ont attiré notre intérêt pour l'idéalisation d'un travail d'art/éducation - lequel a été proposé puis implanté et enfin évalué en réalisant des ateliers culturels avec des professeurs, des élèves et des animateurs culturels dans l'école CIEP - Zanaga - de la ville d'Americana - à São Paulo, dans les années de 1996 à 1997.

Les objectifs de ce travail consistaient à:

- 1°) observer les activités de loisir pratiqués dans cette école à temps plein;
- 2°) y proposer et décrire l'implantation du programme d'animation culturel;
- 3°) accompagner et évaluer les résultats de cette implantation, envisageant les changements de comportement des élèves aussi bien que des professeurs et ses modifications dans le quotidien scolaire.

Le tout a été observé, enregistré et photographié par les dépositions des élèves, des professeurs, des animateurs et du directeur de l'école qui ont parlé de ce que cela leur a proportionné en tant que développement personnel. L'évaluation générale a été très positive, selon les participants, quant à l'importance de ce genre d'atelier surtout quant aux activités du théâtre.

Les résultats et les connaissances issus de ce travail ont été importants pour l'orientation, la planification et le développement des activités culturelles destinées aux surfaces en plein air, implantées dans les écoles, comme utiles à la formation et entraînement des animateurs qui envisagent le développement des habilités de nature sociale, intellectuelle et affective des élèves.

LISTA DE FIGURAS E DE ANEXOS

P.

Figura 1. Alunos brincando com bolinha de gude	88
Figura 2. Apresentação das máscaras confeccionadas	91
Figura 3. Crianças confeccionando o boneco do Ciep	92
Figura 4. Crianças confeccionando colares, brincos e pulseiras	93
Figura 5. Crianças tocando flauta	96
Figura 6. Apresentação de coreografia	98
Figura 7. Crianças construindo brinquedos de madeira	99
Figura 8 Crianças escrevendo cartas e lendo correspondências recebidas	100
Figura 9. Exposição do jornal "A Voz do Ciep"	102
Figura 10. Representações de alegorias no chão	108
Figura 11. Representações de teatro na rua	113
Figura 12. Representações no desfile de "7 de Setembro"	115
Figura 13. O dia a dia no Ciep	118
Figura 14. Representação da procissão de luzes	122
Figura 15. Crianças realizando estudo do meio-ambiente	131

P.

Anexos 1a. Modelo de Questionário aplicado aos educandos	161
1b. Roteiro das Entrevistas com: Diretor, Professores e	
Animadores culturais	161
Anexos 2a. Resposta de um Educando quanto à participação na	
atividade de Teatro	162
2b. Resposta de um Educando quanto à participação na	
atividade de Teatro	163

SUMÁRIO

P.

DEDICATÓRIA	i
AGRADECIMENTOS	ii
RESUMO	iv
ABSTRACT	vi
RÉSUMÉ	vii
LISTA DE FIGURAS E DE ANEXOS	viii
SUMÁRIO	x
 INTRODUÇÃO	 01
O Problema	01
O Encontro com nosso objeto de pesquisa	03
Objetivos	09
Alguns pressupostos orientadores	10

PARTE I

Capítulo 1

A Escola e sua Relação com a Sociedade	13
1) A Função Social da Escola e a Organização Curricular	14
2) A triste realidade das nossas escolas	18
3) Ausência de uma Proposta Pedagógica Coerente	20

Capítulo 2

A Escola Integral	25
A) Aspectos Históricos	25
B) A Escola de Tempo Integral nos dias recentes	28

Capítulo 3

O Lazer	33
3.1 O Lazer: Considerações e Conceituações	34
3.2 Elementos para uma Política de Lazer	38
3.3 Necessidade e Importância do Lazer na Escola	46
3.4 Relações entre Lazer, Lúdico e Brincadeiras	52
3.5 Condições para a Implantação da Animação cultural na Escola	57
3.6 Educação para o Lazer	59

PARTE II

Capítulo 4

Metodologia	63
4.1 O Contexto da Pesquisa	63
4.1.1 Breve Histórico da constituição da cidade	63
4.1.2 Caracterização	65
4.2 Procedimentos Metodológicos	68
4.3 Descrição da Instituição	69
4.4 Programação Curricular, Acadêmica e Atividades Extra-Classe e Extra-Ecolares	72
4.5 O Foco da Pesquisa - O Teatro como Lazer	79
4.6 Sujeitos da Pesquisa	80

Capítulo 5

Proposta de Intervenção - Programação de Atividades de Lazer na Escola	81
5.1 Bases Filosóficas do Currículo Escolar	81
5.2 Atividades de Lazer desenvolvidas	85
5.2.1 Documentação e Análise das Informações	85
5.2.2 Organização dos Grupos e Atividades	85
5.3 Áreas Integrativas	86
Arte	86
Música	94
Dança	96
Construção de Brinquedos	99
Jornal e Correspondências	100
Teatro	103

Capítulo 6

Acompanhamento e Avaliação da Proposta - O Programa de Animação Cultural Sugerido	119
6.1 Conceito de Avaliação de Programas	119
6.2 O que e como foi avaliado no Programa de Animação Cultural	120
a) Participação das crianças nas atividades realizadas	121
b) Envolvimento, interação social e cooperação entre as crianças	124
c) Entrevistas com alunos, animadores, professores e diretor	125
6.3 Uma Nota Final sobre o Currículo Escolar	133

Capítulo 7

Considerações Finais e Discussão	135
---	------------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	152
---	------------



INTRODUÇÃO

O PROBLEMA

A escola pública primária preocupa-se em ressaltar o saber formal. Dá ênfase ao desenvolvimento intelectual e prioriza as variedades de conteúdos, noções e informações.

O seu método de ensino está centralizado na transmissão de conhecimentos adquiridos através de modelos prontos. Valoriza o educador como único conhecedor do saber e despreza os conhecimentos que o aluno traz e sua realidade social. Nesta escola, o educando está para aprender e cumprir as atividades livrescas dos dominantes. E é desconhecida ou desvalorizada totalmente a divisão entre a obrigatoriedade (tarefas escolares) e não obrigatoriedade (tempo livre), importando-se mais com o ensino formal do que com o lúdico.

Esta instituição deixa de lado o lazer. Os jogos, brincadeiras e festas dos alunos são tidos como desnecessários para sua formação, mostrando-se despreocupada com a formação integral do educando.

O ensino do saber livresco desta escola nem sempre atinge o objetivo educacional, pois dados estatísticos demonstram que há um alto índice de evasão e retenção dos educandos nas primeiras séries do ensino fundamental.

A escola pública necessita formar o aluno integralmente respeitando a sua história de vida, utilizando as experiências que traz do seu meio circundante, valorizando o que ele sente, pensa e



deseja, estimulando a socialização, dando oportunidade para que ele possa brincar, desenvolver seus jogos com a espontaneidade e alegria que são características naturais da criança.

Segundo TEIXEIRA (1962), na escola deve ser oferecida à criança oportunidade complementar de vida, compreendendo atividades de estudo, de trabalho, de vida social, de recreação e de jogos.

A escola integral foi implementada no Centro de Educação Primária Carneiro Ribeiro, inaugurada em 1950 por Teixeira, em Salvador-Bahia e oferecia às crianças da camada popular, uma escola-classe e uma escola-parque. Na escola-classe era realizada a instrução intelectual e na escola-parque eram realizadas as atividades sociais como teatro, biblioteca e educação física. A frequência do aluno era diária e em tempo integral com 4 horas para o ensino intelectual e 4 horas para as atividades artísticas e sociais, com intervalo para o almoço. A duração deste ensino era de 5 anos.

O mesmo plano de educação também foi realizado por Teixeira, em Brasília, em 1960.

Outro modelo com o mesmo estilo foi criado nos anos de 1980 a 1992, nos Estados do Rio de Janeiro, Curitiba e São Paulo, o Centro Integrado de Educação Pública (CIEP). Segundo seus idealizadores, visava o atendimento da classe popular e seu acesso ao ensino primário. Segundo RIBEIRO (1986), se pretendia oferecer uma educação básica, eficaz, ensinar a ler, escrever e a contar.

O sistema dominante (segundo RIBEIRO, 1986), não pode negar ao educando o mínimo do domínio da escrita e da leitura, para conviver, trabalhar e progredir. A proposta pedagógica é formada por ensino formal (tarefas escolares) e pelas atividades informais (animação cultural).

A preocupação com o ensino fundamental, estendendo-se o horário de atendimento dos educandos foi debatida por educadores, entre eles Darcy Ribeiro, redator da reforma educacional, que foi aprovada em 1996.

As idéias de Darcy aparecem na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96. Nesta é destacado e priorizado o ensino primário público, obrigatório e gratuito. No seu artigo 32 estabelece o ensino fundamental de oito anos, obrigatório e gratuito na escola pública, visando



desenvolver no educando a capacidade de aprender o domínio da leitura, da escrita e do cálculo. No seu artigo 34, a LDB diz que a jornada será de pelo menos quatro horas de trabalho efetivo em sala de aula, sendo o período de permanência na escola ampliado progressivamente em tempo integral, a critério do sistema de ensino.

Para a complementação da formação do aluno é importante respeitar sua realidade social e valorizar seus jogos e brincadeiras.

A escola pública primária não oferece ao aluno um ensino de acordo com a sua realidade, necessidade e interesse para aprender e brincar, tornando-se uma educação desinteressante para sua formação e desenvolvimento. Segundo CAMARGO (1993), a escola é uma instituição desinteressante que possui um modelo escolar separado do interesse e necessidade dos educandos. A escola do sistema dominante reproduz a estrutura escolar elitizante e autoritária, passa ao educando da classe operária padrões sociais burgueses, ou seja, de acordo com seus valores e seu "status-quo", tornando a educação elitista e marginalizadora.

O ENCONTRO COM NOSSO OBJETO DE PESQUISA

A partir da constatação desses fatos e problemas que há muito vêm ocorrendo no ensino e tendo interesse em colaborar com a educação, no ano de 1992 me encontrava realizando trabalhos de Arte/educação em algumas escolas e havia publicado um artigo sobre esse assunto. Foi nesta época que fui convidado pela Secretaria de Educação da Prefeitura de Americana, sob o governo municipal do PDT (de 1990 a 1993), para realizar atividades culturais no Ciep.

A realização das oficinas culturais com os professores e alunos foi uma experiência gratificante (atividades de construção de brinquedos, máscaras, pipas, carrinhos, etc.).



A escola possuía características diferentes das demais, a de ser uma escola de tempo integral, pública e de contar com Animação cultural entre sua proposta pedagógica.

Neste período conheci muitos professores, animadores, alunos e diretores, que estavam entusiasmados com o projeto.

Nos anos de 1993 a 1996, a cidade e suas repartições públicas estavam sob o comando do PMDB, que havia ganhado as eleições. No Ciep muitos projetos foram cortados (Ciência Viva, Biblioteca, e outros), o que afetou, expressivamente, o seu desenvolvimento e crescimento, impedindo a continuidade e concretização dos programas de bom nível de ensino.

No final do ano de 1994, fui à escola onde conversei com o diretor Perci Moreira sobre as minhas preocupações à respeito da educação, que também eram as dele. Ele me contou como estava sendo a sua experiência na escola, me falou de seus sonhos, de seus desejos de novas propostas educacionais e da possibilidade da realização e implementação de alguns trabalhos pedagógicos. E foi, nesse momento, que me convidou para participar e ajudar no projeto de animação cultural.

Em 1995, fui para a escola para desenvolver as atividades de animação, onde permaneci até 1997. E é sobre os trabalhos de Animação Cultural realizados nesse período que irei comentar e que serão feitas as análises e discussões. Serão expostas e comentadas como foram realizadas as atividades de lazer no cotidiano escolar e suas contribuições para o crescimento e desenvolvimento pessoal e social dos educandos.

O início do trabalho constou da observação da realidade escolar, de qual era o nível do envolvimento dos alunos com a escola, durante as aulas e as reuniões com os professores.

No trabalho de Animação Cultural, encontrei alguns professores preocupados em oferecer atividades que viessem ajudar na permanência das crianças, colaborando com o bom comportamento destas na escola. Outros viam a importância do lazer para os alunos e para a escola. Os professores comentavam que as atividades, que seriam desenvolvidas, poderiam atrapalhar o desempenho dos alunos e a convivência escolar. Principalmente, porque a maioria destas crianças não estavam acostumadas a permanecerem por muito tempo na escola.

A permanência das crianças, em período integral, agradava os pais, pois elas teriam alimentação, brincadeiras, banho, material didático e segurança.

Ao falar com as crianças, muitas comentavam que a escola era muito barulhenta, tinha muita briga; outras, que era muito legal, havia brincadeiras, mas as vezes, os jogos eram interrompidos pelos grandes, que se misturavam em suas brincadeiras atrapalhando os menores. Algumas crianças diziam que a escola não tinha nada a oferecer, queriam ir para casa e inventavam que estavam mal.

Assim, percebi que as atividades de Animação deveriam servir para atender a permanência, evitando que alguns alunos fugissem da escola; melhorariam o comportamento, mantendo-os ocupados durante o período livre, pois o excesso de barulho incomodava alguns professores que não entendiam a importância deste trabalho. Notei também que vários educadores compreendiam que o lazer é essencial para a vida do aluno e da escola, para que o educando possa brincar e se divertir.

Algumas críticas dos professores estavam relacionadas ao desempenho dos animadores que na maioria das vezes não possuíam formação adequada e faltava-lhes metodologia para desenvolver as atividades e controlar os alunos, que se espalhavam pela escola, atrapalhando as aulas.

Os professores também me contaram que os animadores que trabalhavam na escola eram "procurados" no bairro - estes apresentavam algumas habilidades para desempenhar as atividades de animação.

Os animadores trabalhavam com um grupo muito grande que era conduzido para desenvolver atividades como: construção de brinquedos, pintura, colagem e música. Muitas crianças saíam do local que era destinado a estas atividades de lazer, comprometendo o seu desenvolvimento e envolvimento. Estas atividades não eram dadas todos os dias, sendo realizadas em meio período, pois os animadores não podiam permanecer durante todo o dia na escola, visto que estes trabalhavam nas indústrias e fábricas da cidade.

A contratação do animador era muito difícil pois não era um cargo criado e não existia no estatuto do funcionário público da prefeitura. Assim, deveria ser treinado e receber instruções de como atuar na escola. Esta situação ocasionava a falta de animadores com várias habilidades. Outras

vezes, os professores eram treinados para desenvolverem estas atividades, isto só ocorria em escolas que tinham consciência da importância deste trabalho.

A Animação funcionava nas horas livres, ou seja, sempre antes ou após uma determinada matéria. Tinha a duração de uma ou duas horas. As vezes, acontecia na primeira hora-aula do dia da segunda feira. Após isto as crianças não poderiam ter mais lazer, pois as classes não tinham essas atividades todos os dias.

Assim, mediante reuniões foram sendo explicitadas a importância do lazer na formação das crianças, seu comportamento na sala de aula e a preocupação com a realidade e mudança da escola, através da inserção de atividades daquela natureza.

Tínhamos claro que a escola é repassadora da cultura acumulada pela humanidade; é uma cultura sabidamente sistematizada. Na escola focada (1º grau) o aluno inicia a leitura da realidade circundante que lhe é passada. Porém, a escola não é reprodutora passiva do status social. Daí a filosofia de uma educação democrática, criativa, crítica, socializante - onde as ciências humanas devam ser priorizadas e os conhecimentos técnico-científicos devam caminhar lado a lado com o ensino das humanidades.

Todos os educadores envolvidos no processo sabiam que deveriam dar sua contribuição, estimulando as iniciativas dos educandos, respeitando-os em suas manifestações, valorizando sua criatividade, dando-lhes oportunidades de ver o mundo na sua realidade, para que pudessem individualmente, ou em conjunto, transformá-lo.

Todas as pessoas, que desenvolviam as atividades, compreendiam que era necessário trabalhar a interação social dos educandos, estimular o sentimento de união e de grupo, resgatar a auto-estima e incentivar a auto-valorização das crianças.

Um outro assunto que fazia parte das discussões era a questão da disciplina em sala de aula. Os professores comentavam que era necessário utilizar a sua autoridade tendo, porém, uma postura de amor e amizade; devendo ser evitado o rancor, os gritos, os xingamentos, os castigos e



procedendo-se à anotação na ficha individual do aluno o comportamento que havia originado a repreensão.

Nos diálogos dos professores sobre os “maus” comportamentos dos alunos foi levantado que poderiam ser fruto tanto de dificuldades de aprendizagem como da necessidade de mais atenção e carinho ou causados por problemas familiares.

Foram levantados pelos educadores alguns pontos para verificar as dificuldades específicas de aprendizagem dos alunos e propor atitudes que o ajudassem a vencer essas dificuldades. Mantinham sempre os pais ou responsáveis informados, pedindo sua colaboração no processo educacional; incentivando sempre os alunos e valorizar suas realizações, progressos, boas ações, fortalecendo sua auto-estima.

Com o passar do tempo, através do desenvolvimento do trabalho de Animação Cultural, estes comportamentos foram mudando. Foram esclarecidos alguns pontos referentes a comportamento e disciplina, que contribuíram para que, gradativamente, ocorressem mudanças nas formas de pensar e agir, tanto dos professores quanto dos alunos.

Outro ponto salientado era referente às brincadeiras perigosas ou violentas, no pátio, durante o recreio. Estas aconteciam por que algumas crianças se excediam e aproveitavam de seu porte físico avantajado para brincarem de “empurra empurra”, de puxar pelo braço, engalfinhar-se sobre o colega.

Com a Animação foi melhorando o comportamento dos alunos. Eram oferecidos muitos brinquedos e jogos: dominó, xadrez, bolinhas de gude, trilha. Além disto, a Biblioteca era aberta, naquele horário, para que os alunos a frequentassem.

Os pais foram, muitas vezes, convidados a participar das atividades culturais que tinham como objetivo o envolvimento da comunidade. Eles falavam sobre sua profissões, recitavam poesias, contavam histórias, ajudavam a manter a escola, faziam reuniões e realizavam exposições de trabalhos manuais.



A Biblioteca foi organizada de tal maneira, que facilitou o controle e o acesso das crianças pequenas, pois nas prateleiras mais baixas foram colocados os livros indicados para as séries iniciais, que poderiam manuseá-los com facilidade e levá-los emprestados para casa.

Outro assunto dizia respeito à conservação da escola. Foi decidido que uma tarde por bimestre, todos os membros da escola deveriam participar da sua limpeza e conservação. Os pais seriam convidados também a participar da faxina. Consertariam carteiras e mesas, limpariam paredes e outros espaços físicos. Também concordou-se que a escola deveria ser ajardinada e que cada classe ficaria responsável por uma parte disso, juntamente com o professor e pais. O trabalho consistia em plantar (em vasos e canteiros), flores ou plantas ornamentais, que, posteriormente, decorariam a escola.

A partir destes aspectos, ressaltados e refletidos sobre a escola, passou-se a discutir de como seria a Animação para os alunos junto com os professores e a equipe interdisciplinar.

Um dos aspectos tratados, com o grupo de professores e a equipe, sobre a animação foi que esta não poderia funcionar como uma aula e os alunos deveriam participar segundo a escolha de determinada atividade cultural. Foram feitos alguns comentários de que essa forma de trabalhar poderia atrapalhar ainda mais a escola, pois poucos iriam realizar as atividades devido a seu caráter de livre escolha e ficariam no pátio, atrapalhando as aulas de educação física.

A partir desta discussão houve formação de grupos de alunos, que obedeceriam agora à livre escolha e seriam oferecidas muitas atividades para que pudessem atendê-los em seus interesses e desejos. As atividades de lazer envolvidas seriam a Arte, Música, Dança e Teatro. E também se deixou espaços para brincar de bolinha de gude, com boneca, carrinhos, correr e pular elástico, frequentar a biblioteca e a sala de vídeo.

Para organizar os grupos passou-se de classe em classe falando das atividades propostas para que pudessem escolher, onde também se pedia sugestões sobre o que gostariam de ter, como: dança, teatro, piscina ou outras atividades.



A partir disto seriam formados os Grupos de Oficinas, os quais eles frequentariam para realizar suas atividades de lazer segundo sua escolha e gosto. Esta organização permitiu maior participação e envolvimento dos alunos, pois muitas dessas atividades vinham ao encontro de seus interesses.

Para que obtivéssemos êxito na Animação, concluímos que seria necessário mais animadores, com bom nível de conhecimento cultural. Como tínhamos poucos animadores procuramos encontrar alguma saída para que pudéssemos atender e preencher as necessidades de escolha das crianças. Os animadores não poderiam funcionar como "quebra-galhos" ou preencher faltas dos professores; eles poderiam auxiliar mas não assumiriam as aulas dos professores.

Os materiais utilizados para a Animação cultural foram os convencionais e os recicláveis, que contribuíram na conscientização dos alunos sobre a importância da preservação do meio ambiente, e estimulando e desenvolvendo a criatividade e a socialização.

OBJETIVOS

Tendo em vista os aspectos relatados neste trabalho, pretendeu-se:

- 1º) Observar as atividades de lazer praticadas na escola - CIEP Zanaga de Americana;
- 2º) Descrever a implantação de um programa de Animação Cultural no CIEP de Americana;
- 3º) Acompanhar e avaliar os resultados da implantação do programa, em termos de mudanças de comportamento dos educandos, dos professores e no cotidiano da escola;
- 4º) Analisar depoimentos de Diretores, Professores e Animadores quanto à interação social e o desenvolvimento pessoal que as atividades de lazer proporcionam aos educandos.

Algumas hipóteses de trabalho guiaram a investigação:

1º) No que se refere ao lazer e às atividades culturais, o ambiente criado por estas favorece a interação social e o estímulo ao trabalho em grupo e à cooperação;

2º) As atividades de Animação cultural - lazer, desenvolvidas são complementares para favorecer a mudança do ambiente e cotidiano escolar, tornando-o mais atrante, alegre e prazeroso para os educandos.

Esta investigação, e outros estudos nesta linha de trabalho poderão colaborar para a orientação, planejamento e elaboração de trabalhos destinados a locais abertos, que visem o desenvolvimento intelectual, social e emocional do educando, sua socialização, aprendizagem e a transformação do cotidiano da escola, de modo a criar ambientes mais agradáveis de se frequentar, estar e aprender.

Os resultados e conhecimentos advindos deste trabalho poderão contribuir ainda à formação e treinamento de animadores que desenvolvem as atividades de lazer na escola, tanto no que diz respeito ao seu papel, como na identificação e entendimento dos aspectos envolvidos na prática do lazer, visando o desenvolvimento pessoal e social do educando.

ALGUNS PRESSUPOSTOS ORIENTADORES

A idéia deste trabalho surgiu através de experiências vividas em escolas, onde se observa que não ocorrem atividades de lazer e que estas não são valorizadas. Isso torna a escola um ambiente não atraente para os educandos, não proporcionando vivências prazerosas e interação entre estes.

Em nossa escola pública é ressaltado o ensino formal, são passados padrões elitistas não se valorizando o conhecimento dos educandos e a realidade circundante.

Na escola os espaços para os trabalhos artísticos e culturais são restritos ou inexistem. Há, portanto, a necessidade da ampliação do tempo de permanência dos alunos nesta. Isso poderia ser possível através de uma escola de tempo integral.

Porém, a escola não é autônoma em relação às condições políticas, econômicas e sociais. Da mesma forma, o lazer não está desvinculado destes aspectos.

Raras vezes, é dada oportunidade e espaço ao lazer e estímulo à convivência e interação. Na escola não são proporcionados espaços para que os alunos possam desenvolver sua criatividade, se divertir, interagir com os amigos e participar constantemente de atividades como teatro, dança, música, desenho, pintura, modelagem, jogos e brincadeiras. Esta é a realidade da maioria das nossas escolas.

A inclusão do lazer através das atividades de Animação Cultural na escola é importante pois este desempenha uma função essencial no processo educacional dos alunos, no seu desenvolvimento físico, emocional e mental e na formação de uma consciência crítica, criativa, solidária e democrática.

O lazer (segundo MARCELLINO, 1986), "oferece a oportunidade privilegiada, desinteressada e prazerosa para o desenvolvimento pessoal e social. (...) "O exercício do lazer, com suas características lúdicas, de jogo, de festa, (...). As oportunidades de lazer constituem também oportunidades de informação e conseqüentemente podem contribuir para o exercício da cidadania" (p. 62-63). A sua prática estimula e valoriza a atuação humana nos campos da arte, esporte, dança, música e outros.

O lazer é uma atividade livre e espontânea, centralizada no interesse cultural que preenche e envolve o tempo vazio com muitas atividades voluntárias e prazerosas. Assim, segundo CAMARGO (1980), lazer é um conjunto de atividades gratuitas, prazerosas, voluntárias e liberatórias que estão centralizadas em interesses culturais, físicos, manuais, intelectuais, artísticos e associativos, realizadas fora das obrigações profissionais e domésticas.

O educando, através do lazer, será capaz de modificar e redescobrir caminhos, adquirir conhecimentos e passar a elaborar, mediante compreensão, novas atitudes frente à realidade:



exercendo uma postura democrática de participação na sociedade, desenvolvendo seus talentos no seu potencial máximo, alcançando novas dimensões de felicidade e plena satisfação.

A pretensão deste estudo não é substituir o ensino formal pelo lazer. Mas de mostrar a importância das atividades do lazer e sua contribuição com o processo educacional, colaboração com a formação de seres mais críticos e criativos, tornando o processo educacional mais atraente e a escola em um local mais gostoso de se estar, aprender e frequentar.



PARTE I

REVISÃO DE LITERATURA

CAPÍTULO I

A ESCOLA E SUA RELAÇÃO COM A SOCIEDADE

A escola apresenta uma relação intrínseca com a sociedade, interage com os aspectos econômicos, políticos e sociais. É uma instituição ligada à sociedade que não pode ser vista isoladamente desta e do contexto social. Faz parte, influi e se deixa influenciar em seu funcionamento. É renovadora e reprodutora do saber, nunca estática nem neutra, está em movimento e atendendo interesses de grupos sociais. Possui uma ideologia e uma práxis escolar que está presente na sociedade. Sua função deve envolver aspectos que visem o desenvolvimento social, cognitivo e afetivo do educando e não a simples reprodução do sistema social.

A escola não pode ser vista como a única solução para os problemas sociais que afetam nossa sociedade. Também não deve ser encarada como a única responsável pela mudança da realidade vigente. Porém, não se deve negar a sua função pois a esta cabe uma parcela de contribuição na formação do indivíduo e sua participação na sociedade, que é essencial para que possam ocorrer as mudanças necessárias àquela e que venham a trazer benefícios à maioria da população.

O indivíduo com uma boa formação e educação poderá melhor usufruir de benefícios sociais, possibilitando-lhe refletir sobre suas condições sociais, participando da vida política, procurando saídas para a transformação social e para uma sociedade mais justa, solidária, cooperativa e humana.

Para que isso venha a ocorrer também é imprescindível que haja vontade política para realizar e efetivar as mudanças necessárias no sistema educacional.

A escola, dentro da sua função e relação com a sociedade, necessita cumprir sua função social instrumentalizando os educandos para que estes se apoderem do saber sistematizado. Com a posse do saber e o desenvolvimento da capacidade de observar, analisar e interpretar a realidade circundante o indivíduo terá possibilidades de intervir na sociedade e caminhar em direção à transformação dessa realidade, podendo buscar e obter os benefícios sociais para seu crescimento pessoal e social.

1) A Função Social da Escola e a Organização Curricular

A função política e social da escola pode ser compreendida como uma forma de reproduzir e interpretar o mundo de pessoas, grupos e classes, através do diálogo e construção de conhecimentos entre o educando e o educador.

A leitura do mundo é estabelecida a partir do contato do indivíduo com a realidade que o circunda e os aspectos relacionados a esta. A escola para reproduzir estes aspectos busca transmitir ao aluno os valores sociais e também a sua conscientização, cumprindo, assim, sua função política.

A escola é uma instituição que, além da função política, exerce uma função social, devendo oferecer um ensino de boa qualidade, se preocupando com o saber sistematizado e com sua socialização.

O saber sistematizado não é espontâneo nem fragmentado, mas é um conhecimento elaborado com raízes na ciência. Esse saber diz respeito à cultura erudita e também à cultura popular, ou seja,

este saber permite acrescentar novas ações às anteriores e não excluir nenhuma delas. É um movimento dialético na construção do conhecimento.

De acordo com SAVIANI (1984), se a escola preocupar-se apenas com o saber elaborado (Ciência) e não fundamentar-se em opiniões, experiências de vida, em práticas escolares para sua existência, isto colocará a escola à deriva.

A função da escola exige que os educandos se apropriem do conhecimento elaborado, metódico e também a influenciem com sua cultura. A escola deve oferecer os instrumentos necessários para levar os educandos ao conhecimento e à utilização desses conteúdos e, a partir disto, organizar as atividades escolares.

Segundo SAVIANI (1984), o saber sistematizado se torna a primeira exigência para aprender a ler e a escrever. E é importante garantir o domínio das quatro operações; saber somar, abstrair, multiplicar e dividir, e apreender as Ciências Naturais e as Ciências Sociais (História, Geografia). Estes elementos formam o conteúdo do currículo do ensino fundamental. A sua aprendizagem se dá gradualmente e em sequência, passando do não domínio para o domínio do conhecimento.

As atividades extra-curriculares são importantes na medida em que são tidas como enriquecedoras do currículo e não como substitutas do saber elaborado.

A função essencial da escola é ensinar, transmitir o conhecimento necessário para que os alunos desenvolvam habilidades e potencialidades individuais e cooperem com sua classe para transformar a sociedade.

Dessa forma é necessário, segundo RODRIGUES (1985), que o educando receba o melhor ensino possível de Língua, História, Geografia e de iniciação ao Conhecimento Científico. Estas áreas de estudo são importantes para que a escola seja social e politicamente importante.

A disciplina de História permitirá conhecer as relações sociais e políticas, as formas de produção econômica, a cultura, as idéias e valores da sociedade. Com isto, o aluno aprenderá a analisar e compreender a história da humanidade e a história da produção do homem. Estes fatos

históricos estão situados e datados, porém é possível uma mudança na sua interpretação e também a partir de uma nova forma de perceber a história pode-se caminhar para uma mudança na realidade.

A Geografia é um instrumento de conhecimento do espaço como produção humana, seja o espaço do homem do campo ou do homem urbano, um espaço apropriado e transformado de acordo com os interesses que foram estipulados pelo homem. A Geografia conduz ao conhecimento do espaço concreto, ao entendimento das relações de poder e dos interesses dos homens e mostra que o espaço incorporado à realidade do homem se humaniza pelo trabalho humano.

A iniciação ao Conhecimento Científico dos educandos não ocorre apenas por decorar fórmulas de Matemática, Física ou Química, mas mostrar que o conhecimento é produzido pelo esforço do homem, com a disciplina da observação, aplicação metódica, comparação e registro de fatos. A ciência deve estar ao serviço e alcance dos homens e não atender a interesses pessoais. Através da ciência e da técnica o peso e o esforço físico gasto com o trabalho podem ser aliviados tornando-se possível a ampliação do tempo livre para o lazer.

A língua é um instrumento de ligação para a integração do homem com a sociedade, para o reconhecimento e interpretação da realidade social. A linguagem permite a compreensão e o domínio da realidade. Ela é base das ações e do reconhecimento da criação do mundo. O entendimento e a explicação da realidade. Através da linguagem, o educando tem um instrumento valioso de conhecimento para interpretar e compreender o mundo.

A escola também deve proporcionar momentos de lazer para que os alunos possam usufruir do tempo livre com atividades culturais, para brincar e criar fantasias e sonhos, fortalecendo o seu espírito criativo e crítico. Essas atividades ajudam no seu desenvolvimento social e pessoal, complementando sua formação integral.

A escola deve ampliar o tempo de permanência dos alunos e dividir a sua estrutura formal em dois momentos: um período de estudo e outro de lazer. Com isto, poderá ajudar a despertar a criatividade e a desenvolver a consciência crítica, a criatividade e a participação.



De acordo com HAYDT (s/d), é preciso que a escola se preocupe em:

"formar o indivíduo sadio, tanto fisicamente e psicologicamente, que esteja em harmonia consigo próprio e com a natureza, que demonstre equilíbrio interior, ponderação, respeito ao próximo, que seja cidadão participante, conhecedor e consciente de seus direitos e deveres, dotado de senso crítico e capacidade de auto-análise para poder reconhecer suas próprias falhas e avaliar as experiências que vivência tendo em vista o aperfeiçoamento constante e portador de espírito construtivo e senso de responsabilidade pelos destinos da humanidade" (HAYDT, s/d, p. 5).

Enfim, HAYDT sugere que se forme o cidadão humano e consciente.

Também a educação conformista deve ser superada e não fazer parte da educação. Assim, segundo GRAMSCI (cit. por RODRIGUES, 1985), deve-se:

"superar a fastidiosa experiência de escolas que oferecem um ambiente frio, opaco a qualquer luz, que resistem a qualquer esforço de unificação ideal, com jovens reunidos em salas, não com o desejo de melhorar e de compreender, mas com a finalidade de apenas fazer carreira, conquistar um diploma, enganar hoje a si próprio e a outros amanhã" (RODRIGUES, 1985, p. 84).

Para que a prática pedagógica seja um ato democrático e pedagógico é preciso que haja uma mudança em seus discursos tradicionais. Não se pode falar em democracia se a prática estiver em outro sentido (sempre com atitudes antidemocráticas). Portanto, a escola não pode falar de democracia, enquanto sua prática for autoritária e utilizar o método do medo e da punição para reproduzir o que a sociedade capitalista deseja e prega.

Ao agir assim, o discurso democrático se tornará inexistente para a comunidade escolar, não havendo uma ação e um trabalho coletivo e cooperativo.

É preciso eliminar o individualismo e o egoísmo na prática escolar, levando os educandos a processos cooperativos. Isto significa que as instâncias de poder e de autoridade devem ser democratizadas e passar a buscar um equilíbrio nas suas relações.

É necessário também renovar a prática educacional através da formação continuada, da troca de experiências, das discussões, sintetizando novas idéias e colocando na prática educativa aquelas



que possam trazer contribuições para a melhoria da educação. Isso poderá ajudar na busca e criação de novas idéias para a elaboração de um projeto comum entre professores e especialistas. Não é necessário destruir a escola para construir um novo modelo pedagógico; o importante é que os professores e especialistas realizem os trabalhos coletivamente para o bem da educação pública.

2) A Triste Realidade das Nossas Escolas

A escola, em geral, encontra-se com muitos problemas nos dias de hoje: falta de qualidade e infra-estrutura para levar adiante o seu projeto pedagógico de ensinar e formar seres criativos, críticos e democráticos.

O seu funcionamento é afetado por diversos fatores, como a falta de recursos, espaço físico inadequado, a falta de professores para preencherem as diferentes áreas de estudo, má formação do professor, carência de material pedagógico, a distância enorme que há entre os objetivos educacionais do docente e do diretor, a burocracia impondo-se como essência na educação e colocando o pedagógico em segundo plano.

No aspecto físico, a maioria das nossas escolas apresentam na sua construção problemas de ordem estrutural, são espaços mal edificadas para o atendimento dos alunos. Ela é construída, geralmente, sem característica escolar. Não há planejamento da escola de acordo com a clientela. E, em sua grande maioria, não são construídas para terem em seus espaços os avanços tecnológicos. Não visam uma construção para o futuro. São construções que nos lembram caducas e caixas de fósforo.

A escola possui poucas salas de ensino, conta com pátio, biblioteca e poucos livros, refeitório, cantina, banheiro, sala do professor, laboratórios com poucos recursos, secretaria e direção.

As salas de aula não contam com cadeiras e giz suficientes, as janelas são pequenas não as iluminando adequadamente e tornando a ventilação precária. A decoração das salas não existe. As cores das paredes estão desgastadas, os móveis quebrados e o chão deteriorado.



A biblioteca não conta com muitos livros, as carteiras e mesas são poucas e o espaço é pequeno. Os livros precisam ser renovados e atualizados e estão gastos pelo seu uso. Necessita de estantes e armários para melhor organização e fichamento do acervo para poderem ser pesquisados.

As salas de laboratório não apresentam as condições necessárias de funcionamento, não contam com aparelhos necessários para iniciar pesquisas.

O refeitório é pequeno, muitas vezes a merenda é servida em um corredor, não conta com número suficiente de pratos, colheres, garfos e panelas. A remessa de alimentos é deficitária e, muitas vezes, não chega na data prevista.

Os banheiros, às vezes estão sujos, com mau cheiro, canos quebrados e com falta de papel higiênico e sabão.

O pátio é pequeno e não conta com brinquedos nem com hidrante, a pequena área atrapalha o desenvolvimento das atividades lúdicas e pedagógicas. Em geral, está deteriorado e não recebe manutenção.

A cantina, mantida pela APM, é pequena. Com o lucro da venda de doces, balas e chocolates, tenta suprir alguns problemas financeiros.

A Secretaria representa o escritório da escola. É uma sala ampla, onde se guardam todos os documentos dos alunos e demais materiais necessários ao funcionamento da escola. Conta com máquina de xerox e de escrever.

A sala da direção, é um lugar aconchegante, limpo, com carpete e bem decorada e onde está instalada a linha telefônica.

A sala do professor é pequena e acolhedora, possui cadeiras, mesa e uma estante.

A escola, pela sua construção física não comporta, muitas vezes, a clientela escolar e isto leva a improvisar: o porão e a biblioteca convertem-se em salas de aula. Outras vezes, divide-se uma sala de aula em duas para atender os alunos, comprometendo a sua aprendizagem e formação.

A construção de escolas ocorrem em espaços cedidos pelo poder público às grandes empreiteiras as quais, muitas vezes, não levam em conta as necessidades dos alunos e o cotidiano da



escola. Uma escola construída sem princípios básicos pedagógicos, leva, por exemplo, à falta de luz natural nas salas de aula, banheiro perto da cozinha e do refeitório, o pátio do lado das salas de aula.

O poder público, que insere os burocratas pedagógicos nas secretarias educacionais, não se preocupa com o avanço da ciência e tecnologia. As escolas vêm sendo construídas, reproduzindo o que se tem, sem uma estrutura física para atender à maioria da população. Este espaço ainda é mais comprometido pela expulsão das pessoas do campo, pela falta de uma política agrária e social que ocasionam a vinda dessa população para os centros urbanos, superlotando também as escolas (Correio Popular, 1995). A escola, que vê comprometido o seu espaço, a sua estrutura, não poderá comportar o número de alunos que deverão frequentá-la. Ou seja, torna-se uma escola que não tem a capacidade de atender suficientemente a muitos alunos, e que não poderá atender a maioria destes, nem aparelhar seus espaços com equipamentos tecnológicos e dar condições de lazer para seus alunos.

É necessário pensar o futuro ao construir a escola. É preciso pensar nesse aspecto para que seja possível edificá-la e distribuir bem os espaços físicos para acompanhar os avanços da Ciência e Tecnologia.

3) Ausência de uma Proposta Pedagógica Coerente

A proposta pedagógica da escola apresenta muitas concepções que visam o ensino/aprendizagem dos alunos. Estas concepções educacionais estão presentes no Currículo Escolar.

Estas idéias de ensino nem sempre foram discutidas com a comunidade escolar ou estiveram de acordo com elas. Uma concepção teórica que possa atender aos alunos é aquela que introduza o diálogo, respeito, que estimule a liberdade de expressão, o trabalho em grupo, atenda à individualidade, incentive a pesquisa e a sua aprendizagem, ofereça oportunidade de lazer e abra espaço para a participação da comunidade. Enfim, uma concepção que vá ao encontro de interesses de alunos e educadores.

A linha teórica, adotada pela escola, deve ser discutida com todos (funcionários, alunos, responsáveis ou pais dos alunos) para deixar explícita a proposta pedagógica e o seu funcionamento. Com isto se evitaria a confusão de propostas educacionais que prejudicam a função educacional.

Tendo uma diretriz pedagógica assumida, caminha-se conscientemente e coerentemente na proposta de ensino.

Ao optar por uma proposta sócio-cultural, é necessário conhecer o seu embasamento filosófico e quais princípios deverão ser inseridos na escola: a educação estimula a constante aprendizagem e o desenvolvimento do ser humano em cidadão criativo e crítico, capaz de transformar a realidade vivida.

Estes princípios, se forem adotados, devem constar da proposta, dos objetivos, das diretrizes da escola, dos métodos, da didática de ensino, da avaliação, da disciplina e das ações que envolverão a comunidade.

É importante seguir uma proposta pedagógica para atender, coerentemente, o aluno na sua aprendizagem. Torná-lo mais consciente de seu desempenho escolar, de sua liberdade de criar, de criticar e de brincar. Permitindo-lhe participar e envolver-se no seu processo de formação e crescimento humanos.

A elaboração de uma proposta coletiva que atenda, diretamente, aos alunos, possibilitando-lhes conhecê-la e entendê-la; caminhando para a democratização do ensino e a socialização de conhecimento. Melhorando, inclusive, o relacionamento com o corpo administrativo, supervisor, diretor, orientador, professores, funcionários, pais e alunos.

O diretor necessita estar comprometido com o bom andamento da escola, legislar para o bem da escola e dos alunos que fazem parte deste processo educacional. Deve estar dialogando sempre com os membros da escola e dividindo responsabilidades, tomando parte nos problemas e se envolvendo, e não ficar apenas na sua sala. Estar presente na escola para tomar as medidas necessárias, realizar tarefas em conjunto com os membros escolares para o bom andamento da instituição.



A sua parcela de participação no processo de ensino não deve ser apenas burocrática, mas também educacional (VALE, 1982).

O diálogo será o princípio da construção do conhecimento, que ajudará a respeitar o outro como colega, despertando a colaboração e a consciência crítica de todos, passando a entender que cada um tem o seu valor individual e que todos ajudam a formar uma idéia coletiva.

O método, a didática e a avaliação poderão ser discutidos e propostos mediante diálogo; a fim de encontrar a metodologia que esteja de acordo com a expectativa de todos, facilitando a aprendizagem, tornando-a agradável, abrindo espaço para o lazer, criando um ambiente lúdico e de prazer.

O trabalho individual não fortalece o coletivo, obstaculiza e faz ver o trabalho em conjunto como desnecessário. A atividade coletiva não poda a individual, ela é imprescindível no processo educativo. Representa um elemento a mais no trabalho em equipe.

Neste projeto pedagógico a participação dos inspetores, merendeiras, zeladoras e associação de pais e mestres se faz necessária na escola, é de suma importância para levar adiante a proposta educacional.

Os inspetores de aluno são membros importantes na escola e precisam estar integrados do projeto educacional para contribuírem com o processo de aprendizagem, dialogando e orientando sobre seu comportamento e ajudando o professor na sala de aula, quando este precisar. Não é apenas um elemento disciplinador, que denuncia os alunos, anota suas faltas e seu mau comportamento ou entra na sala de aula somente para dar recados.

As merendeiras também desempenham uma função relevante na escola, servindo a alimentação que é o sustento de muitas crianças. O tratamento que elas oferecem às crianças na hora de servir as refeições, o cuidado com a qualidade da alimentação e a higiene que mostram, são importantes para a educação das crianças.

A alimentação oferecida na escola, é importante e necessária, pois contribui para a aprendizagem do aluno e sem a qual o processo de ensino seria dificultado. Uma alimentação de boa



qualidade, preparada sob a orientação de nutricionistas, balanceada e equilibrada, rica em vitaminas, ajuda a repor a falta de nutrientes que colaboram para o crescimento e desenvolvimento intelectual do ser humano.

As zeladoras desempenham uma função importante no funcionamento da escola, mantendo a limpeza das salas de aula e demais dependências.

A limpeza e os cuidados refletem na qualidade de ensino, sem os quais comprometer-se-ia a tarefa da educação. Manter a limpeza da escola não é apenas trabalho da zeladora, mas sim de todos. Cada um dos envolvidos no processo educacional tem a obrigação de ajudar a mantê-la limpa. É preciso conscientizar que lugar de lixo é no lixo, e que não se deve jogá-lo em qualquer canto da escola.

Neste empreendimento educacional, para dar uma formação integral aos educandos, é necessário a participação dos pais no projeto pedagógico e no funcionamento da escola; discutindo as propostas, os encaminhamentos, acompanhando o desenvolvimento das ações, das questões burocráticas, ajudando a organizar festas, mutirões de limpeza, participando do Conselho de Escola. E não comparecendo à escola, apenas, para saber do rendimento escolar ou problemas disciplinares, restringindo a participação e envolvimento e levando ao isolamento e distanciamento. E, assim, a escola que deveria ser o centro ou eixo articulador entre os pais da comunidade passa a ser um local estranho e alheio. Este aspecto cria nos pais e na comunidade um espaço frio e sem uso, tirando-lhes a iniciativa de ajudar e cooperar.

A escola é da comunidade. Precisa estar aberta para que seus membros possam usufruir de seus espaços, realizando encontros, confraternizações e jogos.

Além da participação e envolvimento do corpo administrativo, funcionários, alunos e pais, é importante ressaltar o currículo da escola.

O currículo do Ensino Fundamental, de um modo geral, apresenta uma grade de disciplinas que visa a uma formação acadêmica. A nossa escola preocupa-se muito com o saber intelectual, esquecendo-se do aspecto emocional e afetivo.



O recreio é limitado, apenas a 15 minutos, que são utilizados para correr, pular e chutar bola. É um espaço sem uma proposta de lazer, deixando de lado o espírito da alegria, o jogo e a brincadeira, não valorizando o lúdico, tão necessário para o desenvolvimento e crescimento integral de seus alunos. Assim, neste clima frio e triste são desenvolvidas tarefas educacionais. Mas é preciso resgatar o espírito ou a alma da escola, a alegria. Ou seja, se faz necessário o lazer, tão necessário aos alunos, para incentivar seu convívio e socialização, para o estímulo da sua aprendizagem e para tornar a escola um espaço agradável de estar.



CAPÍTULO II

A ESCOLA INTEGRAL

A) Aspectos Históricos

TEIXEIRA (1962), ao comentar sobre a Educação integral, afirma que nossa educação, desde a época do Império, fora influenciada pela Pedagogia francesa e buscava atender a burguesia e reproduzir o dualismo educacional brasileiro, desse período:

“a escola primária, a escola normal e as escolas de artes e ofícios constituíam o sistema da classe média, então pequena e reduzida; o ginásio e a escola superior, o sistema escolar da elite dominante” (TEIXEIRA, 1962, p. 22).

Assim, a escola primária visava atender a elite e não ao povo.

Em contraposição a essa realidade educacional, o Centro Integral Carneiro Ribeiro, que encontrava-se localizado numa zona de maior pobreza da cidade de Salvador, buscava o atendimento da população menos privilegiada. A região onde estava localizado este centro integral era o centro de uma das chamadas invasões que equivalem, no Rio de Janeiro, às favelas. A escola contava com muitos alunos dessa origem.

Eram crianças retardadas em sua escolaridade regular. Os professores das escolas-classe eram normalistas do próprio Estado e que ministravam o ensino convencional e, para a escola-parque estes

receberiam treinamento especial dado pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (TEIXEIRA, 1967).

Segundo TEIXEIRA (1962), este movimento visava superar a forma dual do ensino brasileiro da época imperial. Esse processo, de acordo com o autor, encurtava a duração e o programa da escola primária para atender ao povo produzindo o inchaço pela procura e matrícula, levando a serem feitos 2, 3 ou 4 períodos, que preparariam para o exame de admissão às escolas médias.

Assim, ao invés de reduzir o programa e encurtar a duração, seria um centro de educação integral visando a formação intelectual e não à simples instrução (TEIXEIRA, 1962).

TEIXEIRA também dizia que a construção deste Centro Educacional visava oferecer “de novo, à escola primária o seu dia letivo completo” (TEIXEIRA, 1959, p.79), ou seja, utilizado com estudo, trabalho e atividades recreativas. O horário escolar envolvia dois períodos: um, de instrução em classe e outro, de trabalho - incluindo-se neste último a educação física, as atividades sociais e artísticas. O seu funcionamento ocorria em regime de semi-internato, onde as crianças chegavam às 7h e 30 minutos da manhã e saíam às 4h e 30 minutos da tarde.

O prédio foi projetado para 4000 crianças e possuía quatro escolas-classe para atender 1000 alunos cada uma, funcionando em dois turnos. Contava com doze salas de aula e uma escola-parque, com pavilhão de trabalho, ginásio, pavilhão de atividades sociais, teatro e biblioteca para 2000 alunos, cursando-a pela manhã e à tarde. E possuía, ainda, edifícios de restaurante e de administração (TEIXEIRA, 1977).

O conjunto lembrava uma Universidade infantil, com os alunos distribuídos pelos edifícios das escolas-classe que ofereciam as atividades convencionais de instrução intelectual e pela escola-parque, que oferecia as oficinas de trabalho, o ginásio e campo de esportes, o edifício de atividades sociais que abrangia a loja, clubes, organizações infantis, o teatro e a biblioteca (TEIXEIRA, 1977).

Essa escola tinha como filosofia oferecer às crianças uma representação da vida em sociedade, com suas atividades diversificadas, o seu ritmo de preparação e execução, dando-lhes as experiências de estudo e de ação responsáveis. Assim, na escola-classe predominava o sentido da



preparação da escola e na escola-parque as atividades de trabalho, sociais, de educação física e de arte:

"predomina o sentido de atividade completa, com as suas fases de preparo e de consumação, devendo o aluno exercer em sua totalidade o senso de responsabilidade e ação prática, seja no trabalho, que não é um exercício mas a fatura de algo completo e de valor utilitário, seja nos jogos e na recreação, seja nas atividades sociais, seja no teatro ou nas salas de música e dança, seja na biblioteca, que não é só de estudo mas de leitura e de fruição dos bens do espírito" (TEIXEIRA, 1977, p. 130).

Esta escola integral, comentava TEIXEIRA (1977), não consistia em reproduzir apenas a comunidade humana, mas sim em edificá-la de sorte a que se tratasse de comunidade socialmente integrada, onde a criança poderia encontrar atividades de estudo para sua formação e preparo, atividades de trabalho, de ação, organização e prática, permitindo resultados exteriores e utilitários e que estimulassem a sua iniciativa e responsabilidade.

Com isto, o educando teria a oportunidade de praticar na comunidade o que viria a ser no amanhã: o intelectual, o atleta, o artista, o operário, ou seja, um ser útil, responsável e feliz.

O autor também dizia que essa escola deveria servir como centro de treinamento de magistério, pelo método de aprendizado e ser um modelo para a reconstrução da educação primária e formação do novo professor.

A escola também tinha em seus planos educacionais oferecer residência a 200 crianças órfãs, neste local elas poderiam estudar e morar. Tais alunos participariam de todas as atividades escolares e teriam o mesmo tratamento dos que frequentassem o Centro. Teriam obrigações e responsabilidades na organização e distribuição dos trabalhos da escola, e esperava-se que não viessem a sofrer discriminações, nem preconceitos, em virtude de sua classe social.

O mesmo plano (segundo TEIXEIRA, 1977), foi elaborado para o Distrito Federal, para que a capital tivesse a oportunidade de ter um centro que servisse como exemplo e demonstração de um conjunto de escolas integradas para o sistema educacional vigente.



Darcy Ribeiro concretiza essas idéias nos CIEPs criando no Rio de Janeiro, a escola popular de tempo integral, no governo de Leonel Brizola, quando ocupava o cargo de Secretário de Educação daquele Estado. Seguiram-se àquela outras edificações nestes mesmos moldes, no Estado do Paraná, em Curitiba, e no Estado de São Paulo, em Americana, bem como nos anos posteriores, as edificações do PROFIC, CAIC e Escola-Padrão.

B) A Escola de Tempo Integral nos dias recentes

A Escola Pública de Tempo Integral, idealizada por Darcy Ribeiro, surgiu no Rio de Janeiro, em 1983, sendo o projeto de sua construção realizado por Oscar Niemeyer.

Essa escola teve a preocupação de atender e dar o saber letrado à população carente e marginalizada daquela metrópole e de propiciar aos alunos (segundo RIBEIRO, 1986), uma escola de horário integral com ensino de boa qualidade, alimentação, banho, atendimento médico e odontológico, hospedagem, lazer e atividades de animação cultural.

A escola pública, antes do surgimento do Ciep, adotava vários turnos. Segundo RIBEIRO (1986), o CIEP desdobrou os horários de funcionamento, mas essa medida não foi suficiente para atender o número crescente da clientela vinda da zona rural e das comunidades pobres da metrópole. Isto complicou o seu sistema, tirando dela o pouco de qualidade que tinha. Por isso, se pensou em multiplicar escolas pequenas, como as existentes no Rio Grande do Sul e outros estados.

Esses fatos levaram à idealização dos Centros Culturais Comunitários - para atenderem a população, antes ou depois das aulas ou em meio período, oferecendo: refeição, estudo dirigido, atividades culturais e recreação. Também, a construção de escolas-parque, assim como aquelas que foram pensadas por Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro, construídas em Brasília, que possuíam em seu currículo atividades artísticas e recreativas integradas com as áreas de estudo. Num primeiro momento



foram criados 60 CIEPs, prevendo-se até o final do mandato do governador do Rio de Janeiro a construção de mais 500 (RIBEIRO, 1986).

A escola integral funcionava das 8 horas da manhã às 17 horas da tarde; tinha a capacidade de atender a 1000 alunos e a sua construção incluía três prédios: no prédio principal, que possuía três andares, encontravam-se as salas de aula, um centro médico, a cozinha, o refeitório e as áreas de apoio e recreação. No segundo piso havia o ginásio coberto, com suas quadras e arquibancadas. Este espaço destinava-se à prática de esportes e atividades culturais. E no último, havia a biblioteca e moradias destinadas a alguns alunos que necessitavam de alojamento (RIBEIRO, 1986).

Quanto à localização, os CIEPs se encontravam em lugares de população carente do município e do Estado.

Era uma escola em nível de 1º grau de 1ª a 8ª séries, para alunos de 7 a 14 anos, em período integral diurno (de 8h. às 17h) e para os jovens de 14 a 20 anos, no horário noturno (das 18 às 22h).

Funcionando o dia todo, oferecia, na sua grade curricular, aulas e estudo dirigido, prática de esportes e atividades culturais para elevar o rendimento global de cada aluno. Exercendo função cultural para a integração da escola e comunidade.

O projeto atendia às crianças desassistidas pelo poder público, chamados de alunos-residente, que ocupavam os apartamentos, estudavam pela manhã e permaneciam na escola à noite, eram cuidados por casais (RIBEIRO, 1986).

O Ciep (segundo RIBEIRO, 1986), tem uma proposta pedagógica, que visa respeitar os direitos das crianças por meio de programa educacional integrado. Como tal é capaz de mobilizar o potencial dos alunos para a aprendizagem, proporcionando múltiplas atividades que complementam as tarefas escolares, como: recreação, esporte e atividades culturais.

Para levar adiante este programa escolar é necessário que todas as pessoas envolvidas no processo educacional, como docentes, administrador, funcionários e a comunidade possuam boa formação para terem condições de oferecer aos educandos um bom atendimento pedagógico.



Segundo RIBEIRO (1986), o Ciep não esconde a dura realidade das crianças de classes mais pobres; compromete-se com ela para poder transformá-la. Sabe que não é possível educar crianças desnutridas e que os filhos de pais que não têm recursos financeiros sofrem de doenças infecciosas e apresentam problemas dentários, visual ou auditivo. Por isso, o Ciep oferece alimentação, material escolar, assistência médica e odontológica.

Os trabalhos pedagógicos na escola integral são realizados dentro de uma visão interdisciplinar. A tarefa do educador deve ser a de integrar, vir a somar e a fortalecer as atividades dos demais docentes e membros da administração e funcionários (RIBEIRO, 1986).

Assim a proposta é de envolver mais pessoas para participarem da educação (como membros não-especializados) pois isso favorecerá a conscientização de todos e ao entendimento da perspectiva global da educação.

Segundo RIBEIRO (1986), há um clima favorável no momento atual, para a participação comunitária nas instituições da sociedade e isto está contemplado na proposta democrática do Ciep.

Pretende-se que o diretor seja um líder e participante das tarefas da escola e comunidade; que o professor atue de forma comprometida e entusiasmada; que o professor orientador não seja apenas um técnico mas sim um estimulador para melhorar o ensino; que as cozinheiras não preparem somente a comida, mas que se relacionem com as crianças; os inspetores e os funcionários não vigiem ou reprimam, e os que fazem a limpeza (todos eles) sejam colaboradores do processo educativo (RIBEIRO, 1986).

Todo o pessoal é preparado num treino intensivo, em serviço e mediante reuniões que ajudam a troca de idéias e experiências.

A escola ressalta o universo cultural dos alunos, levando em conta o que a criança conhece e sabe fazer para a sua sobrevivência.

Ribeiro (1986) aponta, ainda, que "a tarefa primordial do Ciep é introduzir a criança no domínio do código culto, mas valorizando a vivência e a bagagem de cada uma delas" (RIBEIRO, 1986, p.48).



Portanto, há uma preocupação com a aprendizagem do educando e com o entendimento de sua realidade, o que, de acordo com RIBEIRO (1986) é fundamental. Busca-se refletir e priorizar o atendimento às classes de alfabetização e de 5ª série, pois são nessas que ocorrem o maior índice de reprovação (por volta de 50%). A língua portuguesa é o elo integrador das diferentes áreas do currículo (RIBEIRO, 1986).

Pretende-se oferecer para as classes de 1ª e 5ª séries, todo o apoio pedagógico e material específico que, depois, pode ser estendido às demais séries, de 2ª a 4ª e de 6ª a 8ª séries, para dar continuidade ao processo de ensino (RIBEIRO, 1986).

Pode-se perceber que a língua é um instrumento básico, ao atuar no entrosamento das áreas do currículo e com uma metodologia centrada no aluno, pode contribuir para a diminuição dos índices de evasão escolar e reprovação.

O material oferecido para estas classes, foi criado e pesquisado por especialistas e professores com sólida formação acadêmica e vasta experiência docente, de sorte a atender as necessidades das crianças. Na medida em que são obtidos resultados com os alunos, através do uso do material pedagógico do Programa Especial de Educação, os professores irão aperfeiçoando-os para depois reproduzi-los em uso diário (RIBEIRO, 1986).

Nota-se (segundo RIBEIRO, 1986), uma grande preocupação por parte dessa escola e de seus profissionais, com a criação e adequação do material pedagógico às reais necessidades dos educandos.

As classes são dirigidas por professores habilitados em nível de 2º grau, que recebem apoio pedagógico de um professor orientador.

Para o desenvolvimento desse programa é criada uma consultoria pedagógica de treinamento que realiza este trabalho junto aos profissionais de educação do Ciep. A equipe é composta por 60 professores, que formam o grupo de trabalho de 1ª a 4ª séries e o grupo de 5ª a 8ª séries (RIBEIRO, 1986).



O trabalho pedagógico desenvolvido, segundo a equipe da consultoria, abrange as seguintes atividades:

- 1) o aperfeiçoamento do corpo docente e dos funcionários de apoio, através do treinamento intensivo, em serviço, nos seminários e em outros encontros;
- 2) a orientação das equipes técnico-pedagógicas para a organização dos currículos;
- 3) o acompanhamento do processo de implantação do trabalho pedagógico, dando ênfase aos projetos essenciais, como: a alfabetização e língua portuguesa na 5ª série, ao estudo dirigido e a transmissão do treinamento recebido pelos professores e funcionários na escola;
- 4) a realização do acompanhamento dos projetos em integração com a equipe de consultoria e,
- 5) a participação na avaliação de todo o processo de implantação do Ciep.



CAPÍTULO III

O LAZER

O lazer vem sendo alvo de inúmeras pesquisas no intuito de estudar os aspectos envolvidos e na busca de que este seja oferecido às classes menos favorecidas.

Os valores do trabalho profissional vêm mudando desde o século XIX. O trabalho industrial contava com a jornada de 10 horas por dia, na Europa, na América do Norte e América Latina e o tempo livre era considerado e associado à preguiça. Segundo DUMAZEDIER, "reclamar o tempo livre era ser preguiçoso" (DUMAZEDIER, s/d, p.3). Após muitas décadas o tempo livre começou a ser reconhecido como um direito e não como preguiça.

Sobre o reconhecimento da preguiça, LAFARGUE (1990), escreveu, no século passado, criticando os males que a sociedade industrial ocasionaram na consciência do trabalho.

Entre os estudiosos deste assunto podemos citar Marcellino, Magnani, Sales, Dumazedier, Requiza, entre tantos outros.

Parker aponta que há três formas gerais de explicar o lazer. E considera sua realização em relação ao período de tempo. Para esse autor o lazer são: "as vinte e quatro horas do dia, subtraindo delas os períodos que não são de lazer, trabalho, sono, alimentação, atendimento às necessidades fisiológicas, etc." (PARKER, 1978, p.19).

De acordo com essa explanação, alguns elementos como o sono e a alimentação não são considerados como lazer, mas podem fazer parte do lazer.



Josef Pieper (cit. por PARKER), entende o lazer como: "uma atitude mental e espiritual - não é o resultado inevitável do tempo de folga, um feriado, um fim de semana ou um período de férias. É...uma atitude do espírito, uma condição da alma" (PARKER, 1978, p.20)

O lazer é tido como qualidades de refinamento, aliados a valores espirituais ou artísticos. Essa definição é utilizada por alguns sociólogos, ressaltando as suas qualidades de liberdade. Tournaine (cit. por PARKER) "concebe o lazer como liberdade de regras e de modelos de comportamento aceitos ou socialmente impostos" (PARKER, 1978, p.20).

Este tipo de lazer apresenta o seu sentido normativo para sua prática.

Já o terceiro tipo de definição do lazer trata de fazer uma junção entre o tipo do componente residual e o de uma afirmação normativa sobre o que o lazer deveria ser. Segundo Parker, lazer é o tempo livre de que uma pessoa dispõe, tanto do trabalho como de outras obrigações, é o momento que pode ser destinado ao descanso, à diversão, à participação de festas, eventos ou para o crescimento pessoal.

De acordo com Parker, o lazer também é,

"uma série de ocupações com as quais o indivíduo pode comprazer-se de livre e espontânea vontade - quer para descansar, divertir-se, enriquecer seus conhecimentos ou aprimorar suas habilidades desinteressadamente, quer para aumentar sua participação voluntária na vida comunitária após cumprir seus deveres profissionais, familiares e sociais" (PARKER, 1978, p. 21).

Para tais autores o lazer é determinado pelo tempo e ocupação, estes aspectos indicam o que pode ser realizado, como por exemplo, jogos, recreação, viagens, tocar um instrumento musical, etc.

3.1. O Lazer: Considerações e Conceituações

O lazer surgiu a partir da Industrialização e da urbanização da sociedade e apresenta-se como um fenômeno social em benefício do trabalhador, com direito ao descanso e divertimento, fora do trabalho (DUMAZEDIER, s/d).



É essencial para o ser humano. Oferece a oportunidade privilegiada, desinteressada e prazerosa para seu desenvolvimento individual e social. A sua escolha é espontânea e é realizada em tempo livre.

Sua valorização e importância está ligada aos valores da sociedade que evoluíram com a História e que estão em mudança permanente. Os valores da sociedade medieval não são os mesmos da época moderna. A população e as instituições assumiram outros valores sociais. As indústrias se modernizaram e passaram a produzir mais, em menos tempo e com mais lucro, liberando o trabalhador para seu descanso ou para ter um tempo livre.

Os valores do ensino escolarizado são contestados pelos conteúdos das atividades extra-escolares como: cinema, teatro, rádio, televisão, grupos de amigos, de música e outros. Hoje se fala em valorização de autoformação voluntária - realizada pelos próprios jovens, cuja formação geral deve estar centrada na análise crítica das atividades culturais executadas no período extra-escolar. A autoformação pode ser realizada através do lazer e de outras instituições.

Sobre o valor do lazer familiar, existe, atualmente, uma valorização do lazer individual em relação ao coletivo, que era quase totalitário nas épocas anteriores. Esta situação pode ser observada cada vez mais na obrigação familiar, relacionada à divisão do trabalho doméstico entre os componentes da família. A obrigação da mãe já não é apenas a de realizar as tarefas a ela destinadas antigamente, como o batismo, aniversário, os cuidados com a casa, e outros, agora ela também possui outras funções.

O lazer em família, devido aos novos tempos e à diminuição da totalidade familiar, não se restringe apenas ao passeio dominical ou assistir à televisão.

Quanto aos valores políticos, sua evolução é mais complexa. Segundo DUMAZEDIER (s/d), pode-se afirmar que estes recuam diante da progressão dos valores do lazer. O autor aponta que há duas tendências: uma, que vai em direção da valorização de uma política de lazer, ou seja, o poder público intervém com uma política de lazer, oferecendo equipamentos de lazer e de animação à comunidade; e, a outra, que caminha no sentido contrário: as autoridades não dispensam ao lazer



tratamento e valor igual ao concedido a outros setores - como a Escola, considerada obrigação do Estado. O lazer não é prioritário e não existe obrigação de inseri-lo na comunidade.

Segundo DUMAZEDIER, para "alguns o tempo livre é o "meio de recuperação da força de trabalho"; para outros, é "um campo de realização do homem" (DUMAZEDIER, 1976, p.101-102).

Os sociólogos tratam o tema do lazer sob duas vertentes. Para alguns (segundo DUMAZEDIER, 1976), é uma espécie de dogma, interdição ou tabu e para os outros, o lazer manifesta-se como uma reação contrária ao dogma e que escapa aos determinismos econômicos. Dumazedier complementa dizendo que as interpretações dos sociólogos representam apenas uma confusão entre doutrina de ação e a teoria explicativa para o lazer ou para o trabalho.

Esta discussão da dicotomia entre trabalho e lazer está presente em nossa sociedade, prevalecendo decisivamente o trabalho sobre o lazer.

O lazer não nega o trabalho e não pode ser confundido com ociosidade. Representa uma conquista e um direito social dos tempos modernos advindos do confronto entre trabalho e tempo livre.

O tempo livre é um termo oposto ao trabalho, nele o ser humano exerce atividades definidas, como o lazer. Mas não há um conceito unânime sobre esta palavra, sua utilização e as atividades que podem ser chamadas de lazer. O que há é uma evolução do seu uso em si mesmo e que se condiciona às fases de desenvolvimento de cada sociedade. Sua definição não se liga necessariamente ao conceito de lazer (YURGEL, 1983).

O lazer é a ocupação livre, fora do trabalho, é o tempo de folga que resta após serem atendidas as necessidades de sobrevivência e cumpridas as obrigações sociais.

Mas, este tempo pode ser utilizado e preenchido de acordo com o estilo de vida pessoal e do grupo ao qual o indivíduo pertence. Pode-se escolher e aproveitar o tempo, fora do trabalho, para o lazer.



O caráter ideológico do lazer vem à tona ao se defender que o indivíduo pode realizar atividades de sua preferência no tempo livre. Mas é preciso observar que "o tempo livre e a natureza do lazer estão mutuamente ligados à realidade da sociedade industrial" (CAVALCANTE, 1983, p.16).

Ao contrário disto, a nossa realidade social mostra que a maioria da população brasileira ainda não consegue nem ser atendida em suas necessidades essenciais.

Apesar da nossa sociedade industrial continuar sendo orientada por uma doutrina que prega a prioridade do trabalho na vida do ser humano, o lazer representa um aspecto essencial, um êxito para o indivíduo fora das suas obrigações ocupacionais e relações sociais. Segundo DUMAZEDIER, "o lazer é o grande vencedor do tempo liberado do tempo profissional e doméstico, muito mais que o trabalho social voluntário, que o engajamento espiritual ou engajamento sócio-político" (DUMAZEDIER, 1976, p.105-106).

Este interesse pelo lazer leva, muitas vezes, a idéias preconceituosas de que os trabalhadores preferem trabalhar pouco, porque não gostam ou são preguiçosos e que devido a isto suas condições sociais não melhoram.

"O não trabalho é visto como dupla perda: de tempo e de dinheiro, daí a hostilidade contra feriados, carnaval, Natal emendado ao Ano novo, Copa do Mundo, etc" (OLIVEIRA, 1986, p.8).

O enaltecimento do trabalho e tratamento do lazer como desnecessário para o indivíduo representam as idéias presentes no discurso das camadas dominantes, contudo, a procura e a prática do lazer pelo trabalhador, na sociedade industrial, representam uma necessidade essencial à sua vida e uma resistência contra a imposição do sistema industrial que limita a sua liberdade de ação e expressão.

O trabalhador através do lazer pode buscar a superação e resistência à dominação.

Segundo VALLE (1988), recriam-se nos bairros antigas atividades informais, como torneios de futebol e os fundos de quintal.

O fundo do quintal representa uma reação às restrições aos encontros e a espontaneidade causados pelas severas regras que regulam as quadras das escolas de samba. No fundo de quintal,



grupos de samba e compositores se encontravam e estavam mais preocupados com o samba do que com as disputas de samba enredo do carnaval. A prática popular pode ser um mecanismo de resistência à dominação e alienação (VALLE, 1988).

Também são buscadas outras formas de lazer pelos trabalhadores, para contestar e resistir à alienação e oporem-se ao trabalho. Temos, como exemplos, as excursões a praias, que certamente despertam emoções e alegria, e que, muitas vezes, são feitas às custas de sacrifícios financeiros.

MACEDO comenta que

"para as classes populares, a vida é dura, cheia de sacrifícios e requer muita luta. Mas a experiência do povo é marcada por uma estranha capacidade de retirar das agruras uma perene alegria, que se projeta em esforços, de pelo menos de vez em quando, divertir-se e criar circuitos de felicidade - da festa, enfim; de um pouco de sombra e de água fresca" (MACEDO, 1986, p. 61).

Segundo MAGNANI (1984), esta classe encontra espaço para se divertir, brincar e descansar, nos seus jogos, festas e confraternizações.

É necessário haver uma política de lazer para que seja oferecido à comunidade oportunidades de atendimento a seus diversos interesses culturais.

3.2. Elementos para uma Política de Lazer

Segundo BRAMANTE (1993), para o desenvolvimento de uma Política de Lazer não basta apenas belas instalações, é preciso "uma programação que atraia os interesses de possíveis usuários" (p. 168).

Portanto, é importante "resgatar as tradições locais, prestigiando-se as manifestações da cultura popular" (BRAMANTE, 1993, p. 168).

Dessa forma é necessário conhecer e respeitar os interesses e necessidades da população que irá usufruir dessas atividades.

Atualmente, ainda é pequeno o oferecimento e acesso da classe trabalhadora à prática do lazer.

Sobre o trabalhador, Marcellino comenta que

"é gente comum, bem distante do que poderia ser caracterizado como "classe ociosa", que trabalha, luta para trabalhar, mas que também faz questão de preservar a alegria, na maioria das vezes, impossível no ambiente de trabalho, pela rotina, pela exploração, etc." (MARCELLINO, 1990, p. 207).

O trabalhador deseja ter lazer, pois uma das principais reivindicações da classe pobre, além de trabalhar para viver, é a de "ter tempo e meios para exercer as atividades voluntárias e criativas que apaixonam, mobilizam e absorvem, quebrando a rotina do trabalho estafante e incessante" (ZALUAR, 1991, p.29). Por isso, é necessário que haja, na sociedade industrial, novas formas de relacionamento de produção entre trabalhador e patrão. Segundo Barbosa: "uma reflexão sobre a necessidade de um lazer desalienador e participativo se torna necessária e se opõe como alternativa aos atuais moldes em que se desenvolvem as relações de produção" (BARBOSA, 1983, p.49).

Mas, nesta sociedade, nos dias de hoje, também aparecem comportamentos, situações e momentos em que cada cidadão e a classe social estão em busca do lazer. Marcellino comenta que a situação de lazer em que vivemos hoje pode ser caracterizada como "extremos que incluem desde a volta, ou retrocesso de comportamentos, pelos mais variados temores, até a procura desesperada por novas emoções" (MARCELLINO, 1993, p.181).

Esse autor complementa que, observa-se assim, extremos nas situações de lazer: daqueles que estão na busca de emoções fortes, colocando em risco a vida e daqueles que têm que acordar cedo e ir ao serviço a pé por falta de dinheiro; daqueles que buscam refúgio nos condomínios fechados e daqueles que moram nos prédios dos centros urbanos; daqueles que viajam nos finais de semana ou nos feriados prolongados e daqueles que ficam em casa.

Estas situações exigem a definição de uma política de lazer para a grande maioria, que é carente desta conquista social. O fator econômico é o grande diferenciador mas não é tudo, há o

aspecto cultural e educativo que foi tirado da população carente. Estes aspectos exercem grandes influências no processo de construção de uma sociedade de lazer para todos (MARCELLINO, 1990).

De Grazia (cit. por BRAMANTE) diz que

"a atual ilusão que temos "mais lazer" representa, quando muito, um aumento do "tempo livre". Mesmo esse "tempo livre" tem sido cada vez mais consumido com o deslocamento para o trabalho, com as práticas do "bricolage" ("faça você mesmo") a manutenção dos bens adquiridos de forma crescente, quando não pela necessidade de um segundo ou terceiro trabalho para a sobrevivência..." (BRAMANTE, 1990, p. 92).

A classe menos privilegiada além de desejar lazer, também preocupa-se em construir espaços para a prática do lazer. Este anseio pode ser observado nas visitas realizadas aos centros comunitários. Segundo ZALUAR (1991), nas Associações dos bairros visitados, há um desejo e luta para a construção e melhoria de espaços de lazer. Além destes fatores, há também outros que estão intimamente ligados à sua prática. Segundo Teixeira estes são "idade", "status" familiar, "background" educacional e social e gosto individual, os quais influem na satisfação que as pessoas obtêm com as diferentes atividades" (TEIXEIRA, s/d, p.15).

Relacionam-se a estas práticas, os diferentes interesses culturais, o conteúdo e o tempo necessário para realizá-las.

Segundo PARKER (1978), a quantidade de tempo que se possui para o lazer é a que determina o que se pode fazer neste período, como tocar um instrumento musical, viajar, etc.

Para entender melhor esta pluridimensionalidade das propriedades dos conteúdos nas atividades físicas de lazer, nas manuais, estéticas, intelectuais e sociais (segundo DUMAZEDIER, 1979), é necessário observar a hierarquia e determinação das propriedades dominantes do lazer.

Os elementos podem ser agrupados, em "cinco conjuntos de interesses: físicos, manuais, estéticos, intelectuais, sociais" (DUMAZEDIER, 1979, p.101).

Estes interesses estão presentes nos clubes de futebol de várzea, no trabalho de artesanato, na bricolage, nas casas, na jardinagem. Há, ainda, neste plano, interesses sociais que estão ligados a

espetáculos artísticos, televisão, cinema, jogos de futebol e os setores de interesses intelectuais, como: reunião, cursos, conferências.

No desenvolvimento das atividades de lazer no plano sócio-cultural é importante levar em consideração o interesse do sujeito, que, de acordo com seu envolvimento e escolha, vivenciará novas situações lúdicas.

A sua experimentação pode ser individual e social.

"existem, portanto, atividades solitárias assim, como sociáveis, criativas ou relativamente livres assim como impostas pelas normas ou tradições. Os jogos e arte podem ser solitários ou sociais e podem (dependendo da participação ativa ou como espectador) representar movimento ou mobilidade" (PARKER, 1978, p. 47).

O lazer está centralizado em atividades culturais que envolvem os planos sócio-cultural/intelectual e dimensões coletivas/individuais.

No plano sócio-cultural, as atividades têm aspecto intelectual, manual, artístico e esportivo, e na dimensão coletiva, abrange a relação individual ou associativa com as instituições sociais, como os grupos profissionais, religiosos, escolares, familiares e clubes.

São dos quatro tipos de interesses (segundo DUMAZEDIER, 1976), lazer e interesses físicos, lazer e atividades prático-manuais, lazer e espetáculo artísticos, lazer e interesses intelectuais, que devem ser observados os interesses sociais comuns e os específicos de cada atividade.

Na atividade intelectual o lazer se dá através de leitura de jornais, revistas, vídeo, livros, gibi, artigos, mediante os quais são recebidas muitas informações do mundo e de sua comunidade. Se inteira dos avanços da ciência e tecnologia, da comunicação e da arte. É um canal e um veículo de informação e comunicação que fortalece os laços sociais.

Na atividade manual, o lazer se dá através do contato e do manuseio dos objetos convencionais e descartáveis. Os materiais utilizados (madeira, argila, plástico, papelão, lã e outros) permitem a construção de inúmeros objetos lúdicos, plásticos e educativos; podendo ser criados brinquedos e outros objetos.

Os brinquedos construídos proporcionam encantamento e prazer e trazem muita alegria. A sua criação e o brincar nos lembram o mundo lúdico que está presente em nós. Também, mediante os brinquedos - que fazem parte da nossa história social e cultural, é possível resgatar o passado vivo. Nos permitem conhecer o costume de outras comunidades e a melhor compreender seu modo de ser e viver.

Entre os trabalhos manuais podemos citar alguns que também proporcionam alegria e gosto. Os trabalhos de artesanato, escultura, pintura, culinária, confecção de máscaras, cenários, instrumentos sonoros e ainda, o cultivo de plantas e ornamentação de jardins.

Na atividade artística, o lazer acontece por meio das atividades de desenho e pintura, escultura, música, dança, teatro. São atividades que vão ao encontro do interesse e gosto do educando.

O ser humano pode nestas atividades não estar sujeito apenas a assistir e observar, mas sim à sua realização de acordo com seu querer.

Há uma série de encontros e mostras de trabalhos artísticos a serem apresentados nas galerias, teatros, ruas, praças, casas e oficinas artísticas que mostram pinturas e desenhos, gravuras e esculturas de várias correntes que marcaram a época e a tendência da arte.

A dança, com seus ritmos e coreografias - foram estigmatizadas no passado, e no presente já vem recebendo novos olhares; a encenação de peças de teatro, com suas histórias e enredos e a música com a apresentação de grupos de coral, de banda e orquestra, com suas diversas interpretações musicais. Todas essas atividades marcaram a história com seus gêneros e sua evolução.

Também o cinema e o vídeo com seus filmes de aventura, romance, ficção mostram determinados momentos da época e da vida cotidiana, que fizeram história e envolvem os assistentes.

Na atividade esportiva, o lazer se dá através da prática, participação e assistência das modalidades esportivas. Muitas são praticadas segundo o gosto e interesse do educando, como a natação, ginástica, balet, futebol, basquete, volei, tênis, hipismo, xadrez, dominó, dama, atletismo,



“ping pong”, pescaria e outros esportes. A prática está condicionada à faixa etária, condição física e aos espaços apropriados para sua execução.

Há campeonatos e torneios que são realizados, durante o ano todo, pelas federações estaduais e municipais e que podem ser assistidos e acompanhados pelos jornais e pela televisão ou serem frequentados. Estes jogos são tanto de nível amador como profissional.

A escolha de uma modalidade esportiva, segundo os critérios do interessado traz benefícios e fortalece o convívio social. O futebol, por exemplo, envolvendo várias pessoas na formação de times e criando laços de amizade através dos encontros semanais. Este grupo formado para jogar futebol traz uma grande satisfação pessoal a seus integrantes.

O lazer na dimensão coletiva, segundo Dumazedier “permite uma tentativa de classificação de grupos segundo o tipo de sociabilidade que desenvolvem, em função dos comportamentos de lazer” (DUMAZEDIER, 1976, p.168).

A sociabilidade organizada, que apresenta interesses sociais implícitos na frequência a associações, como associação de bairro, esportivas, de jogos, bilhar, xadrez. A associação do indivíduo a estas instituições ocorre de acordo com seu desejo.

Há também outras formas de interesses sociais. Dumazedier aponta que há os chamados “grupos espontâneos, selvagens, porque a sua organização não se estrutura previamente; podem ir e vir, desaparecer como surgiram” (DUMAZEDIER, 1976, p.168).

DUMAZEDIER (1976) comenta que estes grupos se apresentam como adaptados ou inadaptados, integrados ao meio ou rebelados contra o sistema e que podem ser um fator de integração da coletividade ou agentes de sua destruição.

Encontramos nesta dimensão, segundo DUMAZEDIER (1976), outro tipo de sociabilidade, que manifesta-se nas relações interpessoais, que é um campo específico de tensões, de contradições, de conflitos entre interesses pessoais e interesses sociais. Esta característica de relação pode ser observada no relacionamento entre sexos diferentes, especificamente entre casais, no plano



sentimental e sexual. O importante é ver nesta relação que pontos importantes podem apresentar para a coletividade, família e para o indivíduo.

O atendimento oferecido pelas instituições a seus associados implica num lazer institucionalizado, o qual só pode usufruir quem é membro, e cumprir certos requisitos para a frequência. Há uma separação implícita de quem pode ou não praticar todas as modalidades. São colocadas condições nas agremiações, somente podendo participar e ser atendido, os que fazem parte ou têm condições de ser sócio. Quem paga merece usufruir, quem não tem não usufrui e nem assiste, mas trabalha. As grandes discrepâncias que ocorrem entre os que podem e não podem ter acesso, são evidentes, pois marginalizam e levam quem não pode, a apenas trabalhar e a produzir a riqueza dos mais privilegiados que usufruem do lazer.

Estas instituições nem sempre estão em locais privados. Às vezes, estão inseridas dentro de um bairro de periferia ou classe média-baixa. A sua localização cria uma certa marginalização e confrontação com a realidade de quem não pode usufruir e não tem um espaço de lazer. Muitas vezes não existem nestes locais, espaço de diversão e de recreação para as crianças e moradores.

É preciso que as instituições particulares, que oferecem lazer para seus membros procurem se relacionar com os moradores da comunidade e compartilhar os espaços com estes, para que possam ter algumas horas para a prática de lazer. Isto ajudaria a fortalecer o convívio e a manutenção, fazendo com que este local seja visto como parte integrante do bairro.

MARCELLINO (1986) comenta que, geralmente, os bairros, devido ao crescimento de investimentos imobiliários, perderam os espaços que existiam e que já eram poucos para o lazer. Estas áreas são tomadas pelas grandes construtoras que constroem condomínios fechados, levando a desaparecer os espaços que poderiam servir para os moradores brincarem e se divertirem.

Constata-se também que quando o bairro possui espaços de lazer, geralmente não possui condições necessárias para sua prática. Às vezes, as instalações de aparelhos ou equipamentos como barras de flexão, gangorra, quadra ou minicampo são improvisadas. E os espaços construídos pelos



órgãos públicos são poucos e mal cuidados. Independente disso, a população carente os utiliza para sua prática de lazer.

Estas atividades se mostram úteis para o convívio social - que garante, também, a prática da vivência em comunidade, atendendo os anseios da sua população. Estas atividades que ajudam na convivência dos moradores, também podem estender-se a outros bairros, fortalecendo os laços de amizade com sua participação.

A utilização dos espaços do bairro, para a prática do lazer, é importante pois estes estão inseridos nele. A igreja pode oferecer espaço, para as atividades de lazer, a seus membros e a comunidade, como festas, almoços, bailes, shows, bingo. As dependências das igrejas podem vir a ser um lugar de encontro, de ensaio e de apresentação dos trabalhos dos grupos, indo além de um encontro apenas religioso, para uma convivência muito mais ampla, entre todos os moradores e ajudar a aumentar a prática do lazer pela comunidade.

A escola é outro espaço público, que faz parte do bairro, e que pode ser utilizado para a prática do lazer tanto de seus alunos como para os demais membros da comunidade.

A direção, os professores e funcionários podem organizar e proporcionar atividades de lazer junto com os representantes da associação dos moradores, como jogos e brincadeiras, torneios, shows musicais, festivais esportivos, gincanas. Também podem abrir espaço para a apresentação de trabalhos dos membros da comunidade que mostrarão sua técnica e seus trabalhos, colaborando na construção de brinquedos, na apresentação de peças de teatro, de artesanato.

O ambiente escolar é também um lugar para a realização de casamento, de confraternização, para a discussão de projetos e planos de lazer e de problemas que afetam ao bairro.

A escola está inserida no bairro e é um espaço que pode contribuir para a prática do lazer de todos os moradores. Não deve ser um espaço fechado, sujo e sem vida. Ela deve ser um canal de encontro da alegria e da solidariedade.



Os próprios moradores do bairro que possuam habilidades, como: artesanato, música, dança, pintura, escultura, teatro e outras formas de expressões culturais podem ser os animadores culturais e desenvolver atividades e oficinas com grupos, dando orientações e compartilhando suas experiências.

3.3 Necessidade e Importância do Lazer na Escola

O lazer na escola é necessário e importante no processo de educação dos alunos e para transformar o cotidiano da escola. A sua valorização e inclusão ainda é muito pequena no seu dia-a-dia.

Isto não significa que deve ser visto como substituição da educação, nem apenas como complemento, mas sim como parte do desenvolvimento educativo e do cotidiano escolar, enquanto prazer, alegria, descanso, criatividade e crítica do educando na sua formação.

O lazer apresenta neste processo educacional uma relação mútua com a escola e ensino. Segundo MARCELLINO (1990), existe uma relação de interdependência entre o lazer, a escola e o processo educacional. Ou seja, o lazer não está desvinculado da escola e da educação.

ALVES (1981) ao comentar da escola como meio de preparação para a produção, questiona se não será totalmente verdade que nossa prática educacional esteja voltada, apenas, para tornar a criança em um adulto e que a veja como um ser que “deve ser reprimido para vir a ser um cidadão economicamente produtivo” (ALVES, 1981, p. 11).

Dessa forma, percebe-se a preocupação deste autor com a realidade escolar e se esta visa a formação integral do aluno ou simplesmente sua transformação em mão-de-obra para o sistema.

Realmente, o nosso sistema escolar não oferece ao aluno um ensino de acordo com a sua realidade, necessidade, interesse e onde esteja envolvido o brincar.

Nessa escola o método pedagógico é centralizado na transmissão de conhecimentos adquiridos através de modelos prontos, valoriza o educador como único conhecedor do saber e despreza os

conhecimentos do aluno. Nesta escola o educando proletário está para aprender e cumprir tarefas livrescas dos dominantes. É desconhecida ou desvalorizada totalmente a divisão entre a obrigatoriedade (tarefas escolares) e a não obrigatoriedade (tempo livre). Esta escola importa-se mais com o ensino formal do que com o lúdico.

O desconhecimento da importância do lazer e da sua relação com o ensino, a pouca valorização deste pelo professor e pelo nosso sistema educacional, que prioriza apenas o saber sistematizado e menospreza o lazer, considerando-o como fútil, acabam levando a escola à não inclusão desta atividade no processo educacional.

A escola torna-se um lugar que não desperta o interesse do educando para sua formação e desenvolvimento. "A escola é uma instituição desinteressante ou de um modelo escolar com um currículo do século passado, claramente divorciado do interesse e da necessidade dos educandos" (CAMARGO, 1993, p.4).

Também, para Snyders a escola não é atraente, pois não valoriza a cultura que o aluno possui, seu gosto e seu querer. E afirma que "a escola deveria ser um local de alegria para os alunos e também para os professores" e complementa dizendo que "gostaria que o trabalho dos alunos na escola fosse vivido de modo bastante diferente", e que isso os conduziria em direção à alegria (SNYDERS, 1993, p.33).

Simpson (cit. por PARKER, 1978) aponta a importante "função educacional do lazer criativo, pois este abre horizontes de interesse e de prazer e propõe mudanças nos currículos escolares a fim de se incluírem assuntos de lazer" (p. 115).

Segundo Kraus (cit. por PARKER, 1978), "as escolas devem oferecer experiências de aprendizado em uma ampla variedade de habilidades e interesses úteis para o enriquecimento de ocupações recreativas duradouras" (p. 117).

A inserção do lazer no cotidiano escolar colabora com o processo educacional pois incentiva diversas formas de aprendizagem e habilidades que tornam o ensino mais prazeroso e alegre. De



acordo com Carlson (cit. por PARKER, 1978) a aprendizagem é mais eficaz e permanente se esta proporcionar satisfação e alegria ao educando e assumir um caráter lúdico.

Nessa perspectiva Requixa (cit. por MARCELLINO, 1990), diz que "há necessidade de pesquisa de modelos pedagógicos mais atualizados às aspirações culturais da infância e da juventude" (MARCELLINO, 1990, p. 96).

Nesse processo educativo, o lazer se tornaria imprescindível, pois desempenha uma função essencial no desenvolvimento integral do educando em seu aspecto físico, emocional e mental e na formação de uma consciência social, crítica, criativa, solidária e democrática.

A prática do lazer está centralizada em atividades culturais: artísticas, manuais, intelectuais, esportivas e associativas, que envolvem: o tempo livre, a espontaneidade e o interesse para sua escolha. Estas atividades são voluntárias e dão prazer aos participantes.

Através do lazer pode-se realizar e entregar-se de maneira espontânea e alegre às atividades lúdicas, para divertir-se, ser um momento para sua informação ou relaxamento. Este tempo precisa ser valorizado.

Portanto, "é preciso cuidar - e ativamente - de educar para o uso prazeroso e saudável das horas livres. É necessário estimular e facilitar toda uma gama de opções para essas ocupações" (MEDEIROS, 1988, p. 138).

O tempo livre na educação não deve ser utilizado para o cumprimento das tarefas escolares, nem como complemento, mas sim como processo da educação das crianças de uma forma lúdica.

Segundo Requixa (cit. por DAMINELLI): "se é assim visualizada a educação, nada seria mais adequado que considerar-se também a importância do aproveitamento das ocupações do lazer como instrumento auxiliar no vasto esquema educacional" (DAMINELLI, 1981, p. 18).

O lazer tem o privilégio de despertar no aluno um interesse mais real e verdadeiro; o que não ocorre com as obrigações escolares, pois "a garantia do nascimento de um autêntico interesse e de seu desenvolvimento rumo a uma sistematização futura está no aparecimento de um fato pessoal vivenciado pelo aluno em uma situação desobrigada e informal" (DAMINELLI, 1981, p. 18).



O lazer, (segundo MARCELLINO, 1986), "oferece a oportunidade privilegiada, desinteressada e prazerosa para o desenvolvimento pessoal e social" (p. 62). Leva ao aguçamento da sensibilidade do educando, a conhecer situações reais e o meio circundante, estimula sua participação efetiva nos campos da arte, esporte, dança, mímica, teatro e outros e a valorização da atuação humana e da interação social.

A sua prática é necessária, pois forma um canal de informação e de socialização dos educandos. E não se limita apenas a participação mas propicia a ele a aquisição de informações no plano cultural e social.

O educando, através do lazer, será capaz de modificar e redescobrir caminhos. Adquirir conhecimentos e passar a elaborar, mediante compreensão, novas atitudes frente à realidade. Exercerá uma postura mais democrática, de participação na sociedade, aperfeiçoando seus talentos no seu potencial máximo, atingindo novas dimensões de felicidade e satisfação, desenvolvendo uma atitude educacional mais consciente o que colabora com sua saúde, caráter e vida comunitária.

"Na situação do jogo, despertam-se a coesão, a cooperação, a liderança, a auto-crítica e aguçam-se os fenômenos inerentes à participação" (CARNEIRO, 1983, p.35).

As atividades do lazer estimulam a socialização entre as pessoas e induzem a sua participação na sociedade.

"A recreação sendo uma função do lazer, é uma atividade prazerosa que dá as pessoas oportunidade de humanização, já que processa em grupos e se caracteriza pela livre vontade de participar. É uma das formas mais saudáveis de relacionamento com o mundo proporcionando a socialização através da troca de experiências" (CARNEIRO, 1983, p. 35).

O lazer incentiva o prazer e também a socialização e humanização entre os seres humanos.

O lazer na escola desperta e incentiva a participação dos alunos ativamente, possibilitando que sejam protagonistas e possam expressar-se, tendo a oportunidade de criar e escolher livremente o que lhes interessa, descobrindo valores como pessoas humanas.

“É muito fácil entender que uma criança que passa dos cinco aos dezoito anos, sentada numa cadeira, condenada a não dar opiniões, a não usar seu corpo, nem suas mãos, a não pensar ativamente não pode ser senão um espectador confortavelmente alienado” (FILHO, s/d, p.56).

Hoje, os alunos não querem apenas assistir às aulas, mas também participar da vida escolar com valores democráticos, substituindo idéias velhas de obediência, pela participação no funcionamento e na mudança da escola.

“Nós já temos disciplinas escolares, programas mais ou menos aceitos e necessários. Mas cada vez mais há nos jovens e nos estudantes uma reivindicação de participar mais na definição do programa escolar, tentando gerenciar cada vez mais seu próprio curso” (DUMAZEDIER, s/d, p.50).

Os educandos estão à procura da participação no programa da escola para atingir suas necessidades. E para fazer da escola um local que atenda, não só a sua formação formal, mas também sua procura de lazer. O lazer também ajuda a amenizar a vida atribulada que leva na sociedade, onde sofre desgaste físico, emocional, cansaço, stress, e outros males que a sociedade moderna provoca.

Por isto, o lazer cumpre uma função relevante, agindo como revitalizante dos ânimos cansados, do aborrecimento com a vida cotidiana e com o estudo. BARBOSA comenta que “o lazer pode renovar as forças para que se tenham as condições físicas e psíquicas para o estudo” (BARBOSA, 1983, p.51).

O lazer por estimular a aquisição de conhecimento, a socialização, a alegria, prazer, descanso, diversão e criatividade, se torna importante no processo de Educação no cotidiano escolar, pois representa um dos elementos necessários ao desenvolvimento social e pessoal. Portanto, é imprescindível à formação geral e socialização dos alunos.

As atividades do lazer são capazes de transformar a realidade que conhecemos. Ou seja, o ambiente triste, frio e sem vida da escola. Com sua alegria, dinamiza o cotidiano, instiga e aguça a curiosidade e a descoberta. Muda o panorama e as atitudes dos alunos e professores, tornando-os capazes de entender os seus anseios, respeitando o que ele procura e o que quer realizar.

O lazer forma o elo entre a Escola e a Comunidade. Leva a uma participação dos alunos, dos pais e dos demais membros da comunidade.

A escola representa um espaço para a divulgação das atividades culturais da comunidade, como trabalhos artesanais, peças de teatro, shows musicais e festas. Além disto, também se torna um espaço para a realização das reuniões entre seus membros, encontros religiosos, e outros.

A escola, ao abrir o espaço de lazer para os alunos, oferece diversas oportunidades lúdicas para estes: dança, teatro, música, leitura, vídeo, festival esportivo e outras atividades culturais, que são de grande importância para seu crescimento integral.

A inclusão do lazer na escola, faz com que o aluno seja estimulado a frequentá-la, a brincar, a gostar de estudar e de aprender. Por isso, é necessário que a escola o tenha presente para ter um ambiente agradável e que ofereça carinho e aconchego. Não podemos esquecer que a escola representa a sua segunda casa e que será frequentada por ele durante muito tempo. Por isso, é necessário que atenda, compreenda e oportunize o lúdico, que é importante para sua vida. Segundo ZAMBERLAN (1986), as crianças que são estimuladas e reforçadas em suas brincadeiras e atividades, no convívio com os amigos, se tornam mais sociáveis, cooperativas e felizes.

É importante ressaltar que a inclusão do lazer na escola não tem como objetivo evitar a indisciplina, ou moralizar o comportamento do educando.

O lazer também não tem a função de evitar a evasão e a reprovação escolar, ou seja, conter a fuga dos alunos, evitar que pulem a cerca, a grade ou portão, que faltem as aulas, ou reprovem.

O aluno vai embora porque não encontrou na escola o clima ideal esperado, não lhe agradou o ambiente que frequenta e não foi entendido o seu ritmo de aprendizagem. A evasão e reprovação estão relacionadas à falta de um espaço atraente, de compreensão e ao não acompanhamento de suas atividades escolares.

O lazer não pode estar inserido na escola para resolver os problemas educacionais, mas sim para ajudar na mudança do cotidiano escolar, amenizando-os.



A função do lazer é relevante na educação, por ser necessário e importante na formação e crescimento do educando; ampliando sua compreensão de mundo e liberando-os de aspectos condicionantes, que influenciam no desenvolvimento pessoal.

O lazer está sempre ampliando e despertando novas atitudes na sociedade e enriquecendo o desenvolvimento da personalidade do indivíduo.

Estas novas atitudes do indivíduo podem surgir através das atividades de lazer, teatro, cinema, música, esporte. Seu envolvimento e participação podem levá-lo a obter novos valores, como estimular a lealdade e o sentimento cooperativo, despertar a sua sociabilidade e emoção, fortalecer o seu senso crítico, motivar a sua criatividade e expressão, os quais tornarão possível o alcance do prazer, da alegria e da felicidade.

O lazer permite ao sujeito ampliar sua visão de mundo e seu relacionamento com as outras pessoas, participar consciente e criticamente com a possibilidade de integrar-se e ser mais humano. Um ser humano com visão humana e humanizadora.

MARCELLINO comenta sobre a necessidade da "recuperação do humano no homem" através de uma revolução cultural do lazer e que este é um processo em construção (MARCELLINO, 1995, p. 16).

Por tudo o que foi aqui tratado, pode-se perceber a sua grande importância na educação.

3.4 Relações entre Lazer, Lúdico e Brincadeiras

O lazer mantém uma estreita relação com o lúdico que envolve o jogo, a brincadeira, o brinquedo e a festa.

De acordo com DUARTE (1987) "nada permite afirmar que determinado tipo de comportamento é jogo ou que determinando tipo de objeto é brinquedo. Os utensílios de cozinha,



como uma panela ou colher, podem ser transformados em brinquedo nas mãos de uma criança" (p. 15).

Dependendo da forma com que os objetos são utilizados pela criança estes podem se tornar brinquedos e os comportamentos expressos serem vistos como jogo ou não. Os termos jogo, brincadeira e brinquedo se referem à atividade lúdica realizada espontaneamente, sem imposições, com um fim em si mesma e que conduzem a criança à alegria e ao prazer.

Para OLIVEIRA (1982) o brinquedo se constitui em um objeto palpável e finito, distingue-se do jogo e da brincadeira, e se manifestam mais através de uma ação do que através de um objeto. O brinquedo é uma prática individual enquanto o caráter do jogo e da brincadeira é coletivo.

HUIZINGA (1993), diz que o jogo vem do lúdico que significa uma ação, ou uma atividade voluntária, realizada num certo tempo e com regras aceitas pelos participantes, que envolve divertimento, alegria e prazer. Comenta também sobre as relações lúdicas entre festa e jogo, e que estas apresentam elementos comuns como a eliminação da rotina na vida cotidiana, predomínio da alegria e combinação de regras com liberdade. E que, portanto, estes possuem características comuns.

A brincadeira, segundo Caillois (cit. por BANDET e SARAZANAS, 1973) se relaciona às formas que estas atividades possuem. O autor indica seis níveis de acordo com as características que os jogos adquirem:

Livre - o jogador não pode sentir-se obrigado, o jogo deve ser recreativo, atraente e divertido; Separada - circunscrita a limites de espaço e tempo fixados anteriormente; Incerta - no jogo nem o desenrolar nem o resultado são predeterminados e obtidos previamente, há uma certa latitude para a capacidade inventiva do jogador; Improdutiva - não cria nem bens nem elementos novos de qualquer espécie; Regulamentada - o jogo é submetido a convenções que norteiam a ação e sua legislação é a única a ter validade e, Fictícia - o jogo é acompanhado de uma consciência específica de realidade secundária ou franca irrealidade em comparação com a vida corrente (BANDET e SARAZANAS, 1973, p.17).

Há, também, uma característica importante dos jogos apontada por Watson (cit. por DURAND, 1988). Segundo esse autor, nos jogos, a motivação social e entretenimento têm mais importância para as crianças do que as recompensas e busca de eficácia.

O jogo, a brincadeira e o brinquedo representam o lúdico, mas possuem diferenças:

"o brinquedo se constitui, antes de mais nada, em um objeto. Isso quer dizer que ele é palpável e finito, materialmente construído, podendo as formas de seu processo de criação variar desde artesanais até aqueles já inteiramente industrializados. Assim, sendo o brinquedo distingue-se nitidamente do jogo e da brincadeira, já que estes últimos se manifestam com muita intensidade através de uma ação do que através de um objeto" (OLIVEIRA, 1982, p. 60-61).

O brinquedo revela práticas onde estão presentes um conteúdo de gratuidade, de livre adesão, de envolvimento, de entregar-se a uma distração agradável.

Já BENJAMIN (1984) ao comentar sobre o lúdico, entende o brinquedo como "um instrumento do brincar" de brincadeira, e o diferencia do jogo no qual prevalece o caráter de imitação.

Segundo ZAMBERLAN, o brinquedo: "é visto como servindo aos propósitos da civilização, sendo conceituado como uma forma de comportamento social que resulta na aprendizagem de cooperação e interação da criança com os outros" (ZAMBERLAN, 1986, p. 93).

Através dos brinquedos criados, manipulados e conservados é resgatada a história do mundo e a cultura social dos indivíduos. A interação da criança com esses objetos e com as outras crianças estimula sua sociabilização, o que colabora com seu crescimento pessoal e social.

Na brincadeira a criança adquire experiência, e segundo HORTA (1984), esta é uma parte importante de sua vida, pois através de seus jogos e invenções por ela mesma criados ou sob a orientação de adultos, ela se desenvolve e amplia sua capacidade de perceber e vivenciar tudo o que o mundo à sua volta lhe oferece.

A criança ao brincar busca socializar-se. A brincadeira: "fornece uma organização para a iniciação de relações emocionais e assim propicia o desenvolvimento dos contatos sociais, à medida



que a criança cresce e agrega às suas brincadeiras os seus amigos e companheiros de turma” (HORTA, 1984, p.9).

O lúdico também é visto como de grande importância para a formação. Assim, segundo Denzin (cit. por ZAMBERLAN):

“a atividade lúdica é um meio de ensinar a criança a se colocar na perspectiva do outro. Brinquedos e jogos envolvem interações face a face com uma ou mais pessoas, orientando seus comportamentos físicos, cognitivos e simbólicos sobre si mesmas ou sobre objetos, animados ou inanimados” (ZAMBERLAN, 1986, p. 93).

Os brinquedos e a prática lúdica ao longo dos anos sofreram influências e mudaram. Os jogos e brinquedos do passado como os feitos com madeira, de pano, de sabugo, não são como os de hoje, que são industrializados. Estes contam com uma sofisticação para a sua manipulação, como o uso do controle remoto, para aparelhos de TV e video-game e os motorizados. As brincadeiras também, assumiram outras formas: já não se brinca de esconde-esconde, de amarelinha, perna de pau, andar de lata; brinca-se de fliperama, bug-jump, skate. Também os lugares de brincadeiras foram modificados. Os espaços de brincar são institucionalizados, como as danceterias, colônias de férias, clubes. Os espaços que outrora eram das crianças, como as ruas, as praças já quase não podem ser utilizados devido à crescente violência e o quintal das casas terem se tornado cada vez menores. Já os terrenos desocupados, que ainda poderiam servir para as crianças brincar, estão sendo tomados pelas grandes empreiteiras.

Os brinquedos e as brincadeiras mudaram, mas a sua essência de alegria, de diversão, de criatividade continuam presentes. Ao comentar sobre os brinquedos e o lúdico MEDEIROS (1988), afirma que a alegria de brincar, a possibilidade de poder optar, com liberdade, sobre qual atividade de lazer deseja desenvolver e a grande disponibilidade de material lúdico ampliam os horizontes tanto aos que descobrem o seu imenso valor e contribuição quanto à sociedade e à cultura.



Dessa forma, percebemos que apesar das mudanças ocorridas tanto nos brinquedos quanto nos espaços destinados às brincadeiras, estes sempre continuam a manter o seu poder de proporcionar alegria, satisfação e emoção a todos que deles se aproximam.

Apesar da grande importância que o lúdico possui, não é muito valorizado na sala de aula, pois não é tratado como sério frente ao saber sistematizado. Na escola, segundo MARCELLINO (1995), a seriedade é vista como a melhor maneira para se favorecer a aprendizagem, buscando-se boicotar o lúdico por este ser considerado como um obstáculo ao saber.

Porém, segundo Leontiev brincar é a principal atividade da criança. É no brincar que se desenvolvem as estruturas mentais que preparam o caminho e a conduzem rumo a um nível mais elevado de desenvolvimento (LEONTIEV, 1989).

De acordo com CHATEAU (1987) o jogo desempenha uma função relevante no desenvolvimento da criança. Segundo esse autor, no mundo dos adultos ela se sente fraca e é através do jogo que ela tem oportunidade de uma afirmação de si, de crescer e de se sentir como um adulto. O jogo para a criança é coisa séria e representa para ela o que o trabalho representa para o adulto.

Para VYGOTSKY (1984), é no brincar que a criança amplia a sua percepção sobre o mundo dos objetos e desenvolve a sua imaginação, amplia regras, regula ações, desenvolve planos e novas motivações. O brinquedo permite a ela agir de maneira diferente das do seu dia-a-dia, extrapolando seu comportamento e atuando como se ela fosse mais madura do que é na realidade.

A criança no brincar desenvolve sua cognição, fortalece sua personalidade e tem despertada sua sensibilidade.

O lúdico pode ajudar no trabalho interdisciplinar da escola. A montagem de uma peça de teatro, sobre um determinado assunto, poderá promover o inter-relacionamento de várias disciplinas, aumentando o grau de envolvimento dos alunos tornando a aprendizagem mais agradável.

Os tópicos ou assuntos discutidos e distribuídos na atividade do lazer mudam e convertem as idéias ou escritos em trabalhos concretos. Os assuntos ganham corpo e se materializam, levando os



alunos à observação e ao diálogo. A participação e envolvimento dos alunos neste trabalho, desde o início é marcada pela alegria de construir os objetos e tornar a aula diferente do corriqueiro.

O trabalho docente, nas diversas áreas do saber, pode ser facilitado através do relacionamento dos tópicos, a serem tratados, com o lúdico. O trabalho pedagógico dos professores ao invés de ser individual pode se tornar uma ação coletiva, fazendo com que não existam áreas de estudo separadas e que o aluno perceba que todas as matérias são necessárias, que não há disciplina sem importância e que todas acrescentam muito à sua vida.

Alguns professores comentam que algumas matérias não têm valor pedagógico, considerando-as apenas “quebra galhos” ou “materinhas” para manter os alunos ocupados. Estas disciplinas são tidas assim porque não reprovam, mas esse tipo de julgamento se deve ao desconhecimento ou preconceito do professor que afirma que certas matérias não são essenciais e necessárias para a aprendizagem dos alunos.

3.5 Condições para a Implantação da Animação cultural na Escola

O lazer deve ser desenvolvido pelos Animadores ou Agentes culturais que orientam e acompanham o desenvolvimento das atividades do lazer, suas sugestões não devem ser dadas impositivamente e como acabadas e sem a manifestação do aluno, que é o principal interessado.

É necessário, para levar adiante as atividades culturais, uma relação de diálogo, uma boa estrutura física e materiais para os trabalhos de animação.

Os animadores são pessoas que, muitas vezes, fazem parte da própria comunidade, mas deve-se levar em conta as suas habilidades ou aptidões numa determinada área cultural, para ensinar e orientar. Este agente é tido como leigo. Há também aqueles que possuem uma formação técnica, realizada por escolas ou conservatórios, que equivalem ao ensino de segundo grau, e os de nível de terceiro grau, que formam o educador numa determinada área de conhecimento como Educação Física, Educação Artística e outros.



As atividades, orientadas ou sugeridas pelos animadores, precisam levar em consideração o local, a faixa etária e o interesse do aluno.

O local deve ser arejado e espaçoso, com materiais necessários para desenvolver os trabalhos e que possam ir ao encontro do interesse e gosto do educando. Para a realização das atividades culturais, os materiais a serem utilizados podem ser convencionais e descartáveis. Ambos são importantes e necessários para a construção dos objetos lúdicos e na realização do lazer.

É necessário também ressaltar que além da importância do lazer e da animação cultural, é preciso criar condições pessoais para a participação criativa e crítica do educando em outros meios de cultura e comunicação.

Devemos considerar o lazer que como veículo envolve a educação através de atividades de lazer e como objeto de educação se refere à educação para o lazer.

Segundo REQUIXA (1980) a pessoa que participa das atividades de lazer, como teatro, cinema, leitura, dança, cursos e outros, de maneira não obrigatória, sofre motivações que podem levá-la a procurar mais conhecimentos. E com isto, despertar a retomada de seus estudos, iniciando ou complementando-os. E que essa nova atitude é suscetível até de defini-la profissionalmente. Esse autor também aponta que a formação pessoal e social dessa pessoa está mais próxima da educação social. Ou seja, no sentido mais amplo, a educação para a vida, através da qual a pessoa enriquece a sua personalidade e vai adquirindo elementos para pensar e agir mais livremente.

O homem livre, ativo e participativo é formado (segundo REQUIXA, 1980), através da prática do lazer.

Dessa forma, percebemos que as atividades culturais propiciam ao indivíduo uma grande participação social, permitindo-lhe frequentar associações, grupos de teatro, dança, coral, de esportes e outros. Ao estar integrado a um grupo, este se sente valorizado e pode buscar desenvolver atividades que tragam benefícios ao corpo e mente, estimulando sua sensibilidade e expressividade.

Além disto, as atividades de lazer podem levar as pessoas a colaborarem com a resolução de problemas da comunidade. Dessa forma, as atividades de lazer podem, além de desenvolver a

capacidade criativa da pessoa e sua livre iniciativa, ajudar também em sua sensibilização para buscar soluções e novas formas de atuar junto a seu bairro, organizando grupos e sendo um agente de transformação sócio-comunitário.

Com relação à educação para o lazer, a preocupação é a de educar o ser humano para o lazer. Segundo REQUIXA (1980, p.56): "a importância de ser o homem educado para, racionalmente, preparar para si mesmo uma arte de viver, em que não se perca o equilíbrio necessário entre o trabalho e o lazer, e em que se antecipe a vida de lazer".

A educação para o lazer, na sociedade industrial exige considerar a própria importância do lazer, ou seja, valorizar o tempo livre para o indivíduo como sendo de suma importância para a sua vida.

A nossa sociedade industrial, que é marcada pelo trabalho em série e rotina, não valoriza a pessoa; visa o ter ao invés do ser. Segundo Janne (citada por REQUIXA) "a sociedade industrial visa mais ao ter do que ao ser" (REQUIXA, 1980, p.56).

Isto é o que vem ocorrendo em nossa sociedade, onde as pessoas valorizam e são valorizadas mais pelo que têm do que pelo que são. Esta sociedade leva o indivíduo a não fazer a opção de ser, mas sim de ter. Isso colabora para ampliar as diferenças entre as pessoas.

A falta de educação para o lazer se faz sentir nesta sociedade. Trabalha-se e não há uma política de lazer e nem se tem uma educação para o aproveitamento do tempo livre.

É necessário que a sociedade moderna estimule o indivíduo a procurar, em seu tempo livre, realizar atividades culturais, para o seu benefício social e pessoal.

3.6 Educação para o Lazer

A importância da educação pelo e para o lazer, vem sendo discutida e ressaltada em vários encontros, congressos e seminários por entidades preocupadas com esta questão, como o promovido



pelo Congresso Mundial de Recreação e Lazer, em Israel, em 1993. A Associação Mundial de Recreação e Lazer discutiu a importância da educação pelo e para o lazer. Transmitiram informações às organizações não-governamentais, instituições de ensino e governos sobre os benefícios e as possibilidades de desenvolvimento de políticas e estratégias para a educação e para o lazer. Preocupando-se em orientar os agentes de educação, incluindo as escolas, a comunidade e as instituições envolvidas na capacitação de recursos humanos, sobre os princípios que devem nortear estas políticas (ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 1993).

A educação para o lazer considera a educação como instrumento importante para o indivíduo e para a sociedade. Ela tem como finalidade básica desenvolver os valores e atitudes das pessoas e provê-las com conhecimentos e aptidões que lhes permitirão sentir-se mais seguras e obter mais prazer e satisfação na vida. Essa perspectiva subentende que a educação, além de ser importante para o trabalho e para economia, é igualmente importante para o desenvolvimento do indivíduo como um membro plenamente participativo da sociedade e para a melhoria da qualidade de vida.

A Associação Mundial de Recreação e Lazer enunciou 6 princípios norteadores de uma Política do Lazer, os quais são explicitados, a seguir:

1º) Os pré-requisitos e as condições para o lazer não podem ser garantidos somente pelo indivíduo. O desenvolvimento do lazer exige ação coordenada por parte de governos, organizações não governamentais e voluntários, indústrias, instituições de ensino e da "mídia".

2º) A educação para o lazer deve estar adaptada ao meio ambiente, às necessidades dos países e respeitar os seus aspectos culturais, sociais e econômicos, inclusive os seus sistemas sócio-culturais regionais.

3º) A educação para o lazer envolve aprendizagem, valores e recursos para promoverem o desenvolvimento humano. É um processo de aprendizado contínuo, que incorpora atitudes, valores, conhecimentos, aptidões e recursos de lazer. Tanto a educação obrigatória como não-obrigatória são importantes no processo de educação para o lazer.

4ª) Os sistemas de ensino formal e informal ocupam uma posição vital para a implementação da educação para o lazer, incentivando e facilitando o envolvimento do indivíduo neste processo.

5ª) A educação para o lazer, há muito tempo, tem sido reconhecida como parte da área da educação, mas não tem sido até aqui amplamente implementada.

6ª) Há necessidade de novas estruturas que ofereçam serviços de lazer e preparem profissionais, para o novo milênio. Muitas dessas estruturas terão caráter interdisciplinar e os profissionais, que atuam na área, devem elaborar currículos e modelos para capacitação de recursos humanos de acordo as necessidades do futuro, preparando os profissionais de amanhã, oferecendo-lhes novas abordagens e ofertas de serviços.

Conclui-se que a educação para o lazer é importante para o educando na escola e em favor disto manifesta-se a Associação Mundial de Recreação e Lazer:

"a meta geral de educação para o lazer é ajudar estudantes em seus diversos níveis a alcançarem uma qualidade de vida desejável através do lazer. Isto pode ser obtido, pelo desenvolvimento e promoção de valores, atitudes, conhecimento e aptidões de lazer através do desenvolvimento pessoal e social, físico, emocional e intelectual. Isto, por sua vez, terá um impacto na família, na comunidade e na sociedade como um todo" (CARTA INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO PARA O LAZER, 1993, p. 3)

Para alcançar esta meta (segundo a Associação) há princípios e estratégias que nos sugerem que a educação para o lazer deva ser parte integrante de ampla variedade de estudos, atividades e experiências em cada estágio do ensino formal e informal.

Cada matéria pode ser enriquecida com o conteúdo de lazer, que poderá estar em todas atividades educacionais e culturais, dentro e fora da escola.

Dentro do processo de educação para o lazer, as abordagens de ensino/aprendizagem devem incluir: a facilitação, animação, criatividade, experimentação pessoal, auto-aprendizado, aulas teóricas e orientação. Recomenda-se que a aprendizagem ocorra individualmente e em grupo, dentro e fora da sala de aula e mesmo da escola. Isto permitirá uma variedade de formatos expressivos e instrumentais. A finalidade deve ser a de estimular mais do que a de instruir.



É importante destacar que, para a implantação de um programa de educação para o lazer, exige-se a participação de muitos profissionais, tanto de fora como de dentro da escola. A Associação diz que: "a implementação da educação para o lazer nas escolas deve envolver uma variedade de profissionais, incluindo coordenadores de lazer, professores, orientadores e especialistas externos" (p.7).



PARTE II

CAPÍTULO IV

METODOLOGIA

4.1 O Contexto da Pesquisa

Este trabalho foi realizado na cidade de Americana, no Estado de São Paulo, nos anos de 1996 e 1997.

4.1.1 Breve histórico da constituição da cidade

A cidade de Americana teve como seus primeiros ocupantes, segundo RIBEIRO e FERREIRA (1996), Antonio Machado de Campos, Antonio de Sampaio Ferraz, Francisco de São Paio e Andre de Santos Furquim, que se instalaram na cidade cultivando cana de açúcar e fabricando aguardente. Esta região, segundo MARTINS (1991), pertencia à Vila de São Carlos das Campinas. Foi rota utilizada pelos bandeirantes na busca de minas de ouro, fazendo parte do caminho de Goiás, durante o século XVIII.

Os bandeirantes que vinham de São Paulo desbravaram esses sertões por terra, usando o rio Piracicaba até atingir o Tietê, indo em direção de Goiás pelo Triângulo Mineiro. Nesse caminho se encontravam e se espalhavam lavouras de cereais e, a cada cinco ou seis léguas, eram construídos

ranchos ou pousadas para o descanso das tropas e animais de carga. Esses ranchos formaram muitos grupos de população dispersos.

Esta região, até 1790 se constituía de paragem rural, com posseiros ocupando terras devolutas, que produziam aguardente, rapadura e o cultivo de cereais para a sua subsistência. Mais tarde, desenvolveram-se o cultivo da cana de açúcar com vistas à indústria açucareira. Se formaram muitos engenhos poderosos e foram concedidas imensas cesmarias para que pudessem produzir muito, para ser exportado para Portugal.

A fertilidade do solo atraiu, segundo MARTINS (1991), fazendeiros ricos donos de escravos e de engenhos, de lavouras de cereais e de fumo, tropas de cargueiros e comerciantes, após a sua elevação a freguesia, em 1842.

Em 1850, devido à presença de grandes fazendas na região e pela valorização do café, implantou-se a ferrovia, que contribuiu para uma maior ocupação do interior do Estado de São Paulo. Neste período, o governo incentivava a agricultura e a imigração. Algumas famílias de norte-americanos desiludidos com os resultados da Guerra de Secessão, em 1865, que destruiu a economia do sul dos Estados Unidos, resolveram vir e aproveitar as condições que o governo brasileiro oferecia. Estes se dedicaram a plantar algodão e melancia; alguns destes melhoraram o cultivo de algodão na região, favorecendo a implantação da indústria têxtil no final do século passado e tomando o pequeno povoado, que surgia próximo à linha férrea.

A partir de 1900, a indústria têxtil começou a se destacar em Carioba, pertencente à Fazenda Salto Grande - administrada por alemães e que contava com a mão-de-obra assalariada dos italianos. E, aos poucos, o povoado próximo à estação ferroviária foi crescendo e prosperando, já com o nome de Vila Americana e tornando-se Distrito, em 1904.

Na década de 1920, ocorreu a sua emancipação como município e em 1939 a cidade passou a ser chamada de Americana.



4.1.2 Caracterização

A cidade de Americana encontra-se localizada na região sudeste do Estado de São Paulo. Limita-se com as cidades: Nova Odessa, ao sul, ao norte, com Limeira, ao oeste com Santa Bárbara e à leste com Paulínia. Conta com duas vias de acesso - a rodovia Anhanguera e a rodovia Luiz de Queiróz.

Americana cresceu muito, principalmente nas últimas décadas. Após 1970, várias indústrias vieram e se instalaram na região, como Tabacow, Dupont, Goodyear, Rigesa e outras, que incentivaram e propiciaram um clima favorável para o rápido desenvolvimento urbano da cidade e também a tornaram conhecida e destacada como produtora de tecidos no país.

Os problemas de moradia e de ocupação aumentaram, formaram-se novos bairros e favelas. Nasceram bairros, como: São Domingos, Profihurb, Parque Novo Mundo, Jardim Brasília, São Jerônimo, Zanaga e outros. Junto a isto, se fizeram presentes a falta de escola, o aumento do desemprego, a carência de atendimento à saúde. Também, nestas últimas décadas, Americana passou por várias administrações, que se preocuparam em resolver os problemas da cidade, com características diferentes.

O conjunto habitacional Antonio Zanaga, se originou na década de 1970, devido à instalação de empresas de artefatos de borracha, tapeçaria, tecidos, cabos elétricos e outros às margens da rodovia Anhanguera. É um bairro popular, formado por operários trabalhadores. Conta com uma população aproximadamente de 5 mil habitantes, vindos de muitas regiões do país, como: mineiros, paracenses, sergipanos, baianos e goianos.

O bairro apresenta duas características de espaço territorial - uma parte plana e a outra em declive, que estão organizados e distribuídos, dando lugar, à praça, campo de futebol, a mina, o ginásio de esportes, a escola, a associação de moradores, igreja e outros.

A praça, Vinícius de Moraes, muito arborizada, florida, com muitos bancos de cimento, possui um palco para apresentações artísticas e uma banca de jornais e revistas. Esta área de lazer é



um lugar onde as crianças e jovens, durante a semana, brincam de futebol, bolinha de gude e soltam "maranhão". Também encontram-se aí, adultos e idosos tomando sol, jogando cartas e "jogando conversa fora".

O campo de futebol possui arquibancada e está cercado com alambrado em todo o seu perímetro. É usado durante os fins de semana para a prática de esportes dos moradores. A sua manutenção e cuidado são realizados pela Prefeitura em parceria com o bairro.

A mina de água, encontra-se localizada perto da rua José Veríssimo, numa baixada. É um lugar muito atraente para os jovens e crianças, pois oferece momentos de lazer durante o verão. No local, formou-se uma pequena represa, que é usada como se fosse uma piscina.

O Ginásio de Esportes, onde são realizados jogos de campeonatos, confraternizações, shows e eventos culturais, possui cinco vestiários. Tem dois depósitos para guardar o material esportivo e de limpeza, dois sanitários, uma cozinha, uma lanchonete, sala de ginástica, alojamento, administração e uma quadra poliesportiva com arquibancada.

A Associação de Amigos de Bairro, Antonio Zanaga, representa um órgão de organização e mobilização dos moradores, é frequentada, quase que exclusivamente, pelos membros da diretoria, que reclamam benefícios para a população. Possui uma sala de reunião, um banheiro, uma cozinha, um escritório.

A Igreja Católica, situada numa esquina, é grande e ampla. Possui, além do altar, onde são realizadas missas, batizados, casamentos, uma sala para catequese, dois banheiros e um salão para encontros dos fiéis. O bairro possui, ainda, Igrejas Evangélicas e Centros de umbanda e candomblé.

O bairro possui duas escolas estaduais, de primeiro e segundo graus: a Escola "Clarice Costa Conti" e "Prefeito Antonio Zanaga", e três Emcis: Patativa, Urupê e Toriba e, ainda, uma escola de primeiro grau - o CIEP - "Oniva de Moura Brizola". Estas escolas são todas municipais e atendem a toda a região, que abrange vários bairros - uma população aproximada de 30.000 habitantes.

O Posto de Saúde - "Dr. Ítalo João de Stefano" - tem dependências para sala de curativos e inalação, de vacina, consultórios médicos, recepção e banheiro. Trabalham no posto, uma



recepcionista, uma faxineira, três médicos, um pediatra, um ginecologista, um clínico geral e uma atendente de enfermagem.

A Escola de Samba Acadêmicos do Salto Grande - formada, em sua maioria de moradores, nasceu após muitas reuniões entre os moradores interessados em desfilar no bairro. A sua atuação se estendeu mais tarde para a cidade. A preparação dos carros alegóricos e a confecção das fantasias são feitas por integrantes ou voluntários, simpatizantes deste evento e com verbas recebidas do Departamento de Esportes e Turismo da Prefeitura de Americana.

O Posto Policial, contendo salas de atendimento, uma sala de arquivo, de investigação e um banheiro; atua na região, prevenindo e solucionando casos de violência.

A sede da Administração Regional atende a uma política de descentralização do Município, está instalada em um prédio com cinco salas, dois banheiros e quadra são guardados os materiais de construção e máquinas. Pretende agilizar e solucionar os problemas dos bairros que encontram-se ao lado do Zanaga. E, conforme o caso apresentado, os problemas são levados para a administração central, para serem resolvidos (Jornal do Zanaga, 1987).

O bairro também possui: correio, academias de dança, farmácia, padaria, bazar e supermercado.

Há no bairro terrenos baldios, com entulho, abandonados, e que servem para as crianças brincarem. A maioria das ruas são pavimentadas. As casas apresentam algumas modificações do projeto original, muitas foram ampliadas ou transformadas em sobrados. E, algumas delas, precisam de reparos.

O bairro também apresenta casas semiconstruídas e ocupadas pelos donos e, outras, abandonadas à intempérie. Essas são algumas características que o Núcleo habitacional Antonio Zanaga apresenta (Jornal do Zanaga, 1987).



4.2 Procedimentos Metodológicos

O método de estudo empregado foi o de pesquisa-ação e o procedimento utilizado foi a descrição. Esta abordagem permite a participação do pesquisador e pesquisados para tratarem de ações concretas na solução de um problema da comunidade. A participação, envolvimento e diálogo sempre estiveram presentes durante toda a permanência do pesquisador no local.

Os dados foram coletados oralmente pelo pesquisador e, também, através da observação dos comportamentos, de atitudes durante as atividades de lazer e da maneira como se relacionavam os alunos.

A coleta de dados foi realizada em uma Escola Municipal de Tempo Integral e constou de três etapas:

1ª) Observação e anotação do comportamento e atitudes demonstrados pelos alunos durante a permanência na escola e sala de aula;

2ª) Observação e anotação do comportamento e atitudes demonstrados pelos alunos na atividade de lazer - teatro;

3ª) Questionário aplicado, posteriormente, para avaliação e análise das mudanças de comportamento dos educandos e do cotidiano da escola, com a introdução das atividades de teatro (ANEXO 1a).

O critério utilizado para verificar se houve mudança de comportamento, foi o de melhora da socialização, alegria e prazer, durante as atividades de lazer, processo de interação no grupo e a manifestação de uma maior sociabilização.

Os dados foram analisados e interpretados, segundo:

1º) As atividades de lazer praticadas pelo aluno na escola;

2º) Comportamentos e atitudes apresentados com a prática de lazer;

3º) Foram colhidos depoimentos dos alunos nas atividades desenvolvidas;

4º) Foi aplicado um questionário para saber o que os alunos pensam e sentem quanto às



atividades de lazer introduzidas;

5º) Baseado em vários depoimentos dos membros da escola avaliou-se se foram observadas mudanças no cotidiano da escola.

4.3 Descrição da Instituição

Esta pesquisa foi realizada em uma escola Municipal de Tempo Integral - de 1º grau - localizada na periferia da cidade de Americana, no Estado de São Paulo.

O Ciep de Americana foi inaugurado em 1991, pelo prefeito Waldemar Tebaldi, tendo como Secretário de Educação - o Sr. Herbi Carlini, ambos do partido democrático trabalhista.

O Centro Integrado de Educação Pública (CIEP) tem como pressuposto básico desenvolver as potencialidades das crianças e adolescentes, num processo de interação de sua natureza humana com os impostos pela sociedade, respeitando, porém, a sua individualidade e o seu amadurecimento.

A equipe pedagógica do Ciep de Americana aponta que para Teixeira

"...todo processo de interação, por meio do qual a criança se educa e aprende é um processo, que se realiza na criança. É ela quem aprende e se educa, guiada e auxiliada pelo professor. Por essa razão, o ensino é ensinar a aprender, até que a própria criança venha a aprender por si e se fazer, por ela própria, o guia de sua educação" (p. 1).

Esse objetivo para ser alcançado não depende somente da responsabilidade do professor, mas de todos os educadores e funcionários, num trabalho em conjunto. Compreender a importância da obra educativa no desenvolvimento individual e social é preciso que todos estejam unidos em torno da educação.

O Ciep de Americana tem por princípio o acolhimento das crianças de classes populares, porém não coloca qualquer empecilho à vinda de alunos de camadas sociais mais elevadas, pois não

marginaliza nem tem preconceitos, estando de acordo com os princípios da Constituição e do Estatuto da Criança e do Adolescente, que determinam direitos iguais a todos.

Tendo o Ciep, como sua grande população escolar, crianças originárias dos segmentos sociais mais pobres, está comprometido com elas, proporcionando-lhes condições favoráveis à formação de uma atitude crítica e objetiva em face dos fatos, problemas, soluções e decisões e, assim, possam tornar-se agentes de transformação.

As ações pedagógicas estão centradas num projeto interdisciplinar e na abordagem construtivista. A proposta pedagógica prevê intercâmbio de trabalho de todos os profissionais envolvidos, para conhecer o cotidiano do aluno e a história de seu lugar. Se trabalha com o sujeito enquanto construtor da História, e como define Paulo Freire, o "compromisso próprio da existência humana só existe no engajamento com a realidade, de cujas águas os homens verdadeiramente comprometidos ficam molhados, ensopados. Somente assim, o compromisso é verdadeiro" (p. 2).

Os Cieps (segundo DARCY RIBEIRO, 1986) foram projetados para proporcionarem, através de um ensino exclusivo (para alguns professores e para alguns alunos) e da assistência compensatória à educação básica, um ensino eficaz às crianças, a fim de que, elas mesmas aprendam a ler, escrever e a contar.

A sua educação é assistida de forma ampla. Sua saúde física e mental (através de médicos, dentistas, em tempo integral, psicólogo e assistente social) e a aprendizagem formal, por meio de matérias do Núcleo Comum - formação científico/humanista através de atividades de laboratório, Desenho Geométrico, Horticultura, Educação Física, Oficina de Artes, Música, Leitura e Redação, Estudo Dirigido. Não se esquece do lúdico, introduzido por meio do lazer e Animação Cultural, em que os objetivos se entrelaçam para formarem seres inteiros e harmoniosos.

O Ciep tem como objetivo a formação integral do aluno para o pleno exercício da cidadania, para a superação do analfabetismo e do insucesso escolar. Propõe-se trabalhar a cidadania, dentro da convivência coletiva, onde as regras são construídas mutuamente num processo grupal. Objetiva desenvolver a oralidade; construir a autonomia, numa relação de respeito mútuo e de solidariedade,



criando um ambiente em que se procure superar a competição e a conduta heterônoma buscando a cooperação.

Os eixos norteadores da proposta do Ciep são:

1º) Gestão Democrática da Escola - o Ciep é uma escola pública não somente voltada para a comunidade, mas também é uma escola da comunidade. A comunidade é representada pelo Conselho Escolar, que tem poder deliberativo, e é composto de pais, alunos, professores e membros da comunidade. Juntamente com a equipe interdisciplinar e Direção Geral é responsável pela execução das atividades comunitárias educacionais e administrativas. Também envolve o Conselho de Classe/Série - que garante a participação no processo avaliativo e educacional das crianças daquela respectiva turma.

A valorização do Saber Popular e o respeito ao Universo Cultural da Criança, são conteúdos programáticos que têm como ponto de partida a construção do saber coletivo, nos moldes de uma pedagogia construtivista. Os conhecimentos que as crianças trazem do seu meio social e da comunidade são respeitados, a bagagem cultural que elas trazem tem uma importante função para seu desenvolvimento integral. A sua valorização, resgate e prática é inserida no cotidiano dos alunos para que conheçam as diversas manifestações culturais e possam compreender o seu significado.

É através da atuação dos agentes culturais (leigos ou especialistas), integrados às disciplinas do Currículo que o lazer se faz presente. Os agentes culturais atuam em diversas áreas, como música, literatura, artes, horticultura, teatro e funcionam como elos integradores entre a escola e a comunidade.

A interdisciplinaridade se faz presente na articulação do ensino com a realidade e é tida como crítica interna do saber, ou seja, uma reflexão sobre a fragmentação do saber.

A escola se torna o centro da ação social, em que se articula a aproximação dos professores e especialistas. A interdisciplinaridade é assegurada através de reuniões pedagógicas semanais (4 horas/aulas), onde os professores organizam os conteúdos, segundo um tema-gerador, para a abordagem metodológica e avaliação da aprendizagem.



Há uma preocupação fundamental com a qualidade dos conteúdos curriculares mais do que com a quantidade. Adota uma prática pedagógica baseada no Construtivismo, onde professor terá a oportunidade de refazer o seu saber, em função de promover a qualidade do ensino e aprendizagem dos seus alunos. Também, assume a função da educação integral como a de preparar o educando para o pleno exercício da cidadania, na medida com que promove no educando novas relações com a realidade vivida.

Valoriza a Linguagem e Estudos Sociais como disciplinas integradoras do currículo. A importância da linguagem se dá uma vez que esta representa o elemento aglutinador das diferentes disciplinas que compõem a grade escolar. Estas utilizam a língua e outros códigos para expressarem seus conteúdos. E também há a necessidade de reconhecer a importância de Estudos Sociais (História e Geografia), que tem a função de transformar, pois representam a consciência da possibilidade da mudança, uma vez que esta pode ser atingida através do conhecimento da historicidade da sociedade.

Uma escola que visa o seu desenvolvimento autônomo, crítico e participativo deve partir do conteúdo curricular de algumas disciplinas e, a partir deste, envolver os demais, que funcionarão como eixos disciplinares integradores das demais disciplinas do currículo.

O Ciep é uma escola pública em tempo integral e atende alunos na faixa etária de 7 aos 14 anos. O horário de funcionamento é de 7h30 da manhã a 16h30 da tarde. A escola possui um laboratório, oficina de Artes, um anfiteatro, um refeitório, uma biblioteca, três banheiros, uma sala do diretor e outra para a secretaria, duas quadras esportivas (sendo uma coberta), 10 salas de ensino. Ela é cercada com postes de cimento, com uma altura de 1 metro e meio.

4.4 Programação Curricular, Acadêmica e Atividades Extra-Classe e Extra-Escolares

O componente curricular do CIEP é formado por matérias convencionais e informais, ou seja,



o saber formal e a animação cultural. O currículo de 1ª a 4ª séries e de 5ª a 8ª séries é composto por um núcleo comum, onde estão matérias diversificadas e o lazer.

Núcleo Comum de 1ª a 4ª série

Áreas do Currículo

1. NÚCLEO COMUM	DISCIPLINAS E ATIVIDADES
1º Semestre ênfase à alfabetização	Português
2º Semestre ênfase à matemática	Matemática
Abrange História e Geografia	Estudos Sociais
Com o uso do laboratório	Ciências
	Educação Física, Educação Artística
2. PARTE DIVERSIFICADA	
Iniciação à educação ambiental	Horticultura
Aperfeiçoamento aos dons artísticos	Oficina Artística
	Leitura e Redação
	Estudo Dirigido

Para levar adiante o seu programa curricular, procura repensar a Linguagem, e, para isto, oferece uma Oficina de Redação.

O trabalho do professor é andar junto com seus alunos, respeitando seus erros, suas possibilidades sem podá-los, mas estimulando-os à sua produção de conhecimento, para resgatar a sua auto-estima e ajudá-los na sua aprendizagem.

A Oficina de Redação está relacionada à leitura, à interpretação e ao debate. O objetivo desta é o de estimular a leitura contextual, o estudo do vocabulário e das estruturas linguísticas, indo até a produção de texto pelo educando. Nesta oficina, o aluno codifica e decodifica, organiza e estrutura a construção do seu texto.

A leitura do texto, segundo a equipe pedagógica, é o começo da atividade, logo se passa a divisão em partes e subpartes, parágrafos e períodos, depois realiza-se a desconstrução e reconstrução das frases nucleadoras de cada parágrafo. O que se realiza, é a conscientização do aluno dos mecanismos estruturais da língua, através das regras que ele já usava intuitivamente.

No Ciep procura-se fazer um trabalho crítico com a gramática/texto; analisar através dos fatos da língua a interpretação mais profunda do texto e do contexto social, ampliando o universo da leitura e tornando-a contextual.

A Língua Estrangeira, no Ciep, contribui para a elevação do nível cultural dos alunos. Ela é importante porque favorece, segundo a equipe, a construção de conceitos, a aquisição de habilidades e a formação de atitudes, mediante o uso de outro código linguístico e comparando-a à língua portuguesa.

O conhecimento da língua estrangeira pelo aluno aumenta suas possibilidades de comunicação e estimula a sua auto-confiança e lhe dá novas perspectivas sociais.

A Matemática visa um ensino dinâmico, integrando com as demais áreas de estudo e à serviço da socialização do conhecimento. O professor, segundo a equipe pedagógica, deve estar preocupado com o resgate da experiência de vida do aluno, principalmente quando por se tratar de crianças de classe popular. Suas brincadeiras e jogos devem estar presentes na sala de aula e, a partir destes,



iniciar a construção de conceitos que levam ao domínio do conhecimento matemático. Estes aspectos possibilitam a passagem do cotidiano da criança para uma nova realidade, ou seja, levá-las a superar o conhecimento informal pelo conhecimento formal, a ser adquirido na escola.

A História tem um compromisso de ampliar a capacidade de compreender a sociedade em que se vive e da qual fazemos parte. Possibilita conhecer a concepção de mundo ocasional e desagregada por uma nova idéia de mundo. É preciso observar e refletir criticamente e coerentemente de como se capacitam e se tornam sujeitos da sua própria história, ou seja, passa-se a entender a maneira de como os homens a fazem.

A História deve permitir colocar em evidência o conteúdo social da vida dos homens, em seus diferentes conjuntos sociais (nunca isoladamente). E destacar as formas de viver (sua subsistência) a organização social, política, suas idéias, crenças, hábitos e costumes, seu trabalho e lazer. E ver outras sociedades situadas no tempo e em espaços diversos.

Deve criar ainda, segundo a equipe pedagógica, as condições necessárias para compreender as diferenças entre as sociedades humanas, entendendo que essas diferenças são produtos dos homens e não apenas vistas como sendo de ordem natural.

A Geografia trata de ressaltar o aspecto político desse conhecimento. Permite situar-se e a saber ler criticamente a realidade social e suas representações, começando pelo local em que se vive para participar e agir sobre o espaço que foi construído socialmente.

A função da Geografia, na escola (segundo a equipe pedagógica) é iniciar o aluno num método sistemático de análise do espaço construído historicamente através do domínio do pensamento geográfico, ou seja, significa apreender os variados níveis de análise que regem a organização espacial desde o nível planetário até a compreensão de uma organização espacial local.

Nesta organização e representação estão presentes os diversos conjuntos espaciais: sociais, econômicos, políticos e físico-naturais, que permitem o entendimento dos processos de organização do espaço.

As Ciências se preocupam em oferecer ao aluno um instrumental básico para que



compreendam as grandes generalizações científicas, e, com isto, possam transformar sua própria realidade. Ajudando a desvendar o meio social, sem perder de vista as questões da conservação do meio ambiente, a preservação da saúde, a utilização correta das tecnologias. Segundo a equipe pedagógica, o que se pretende "é que não se ensine a Ciência pela Ciência, mas sim pela realidade da vida" (RIBEIRO, 1986, p.72).

A Educação Artística, segundo a equipe pedagógica, mobiliza o potencial criador do homem e da comunidade. Estimula o conhecimento, resgata a memória cultural e também representa uma ação transformadora através da criação, reflexão e da crítica; favorecendo a relação com o meio ambiente.

A Arte, instrumento fundamental no processo educativo, dá ênfase à percepção como expressão da ação coletiva dos homens sobre o mundo. Assim, é vista como necessidade vital, como mediação simbólica do homem com o mundo participante da construção da vida social e a Arte/Educação, que apresenta as bases estéticas, expressão e conhecimento do homem e os fundamentos psicológicos que inserem-se nos processos de criação, percepção e desenvolvimento mental das pessoas.

A Educação Física, propõe não somente a prática de esportes mas o relacionamento com as demais áreas de estudo. Segundo a equipe pedagógica, representa "a integração das atividades físicas ao processo de aprendizagem escolar..." (RIBEIRO, 1986, p.129).

A educação física, integrando-se às outras áreas de estudo e sendo bem orientada pode contribuir para que os alunos desenvolvam noções de: ritmo, lateralidade e coordenação - aspectos fundamentais também para sua alfabetização. E, ainda, os jogos e brincadeiras, que estimulam o lúdico e a criatividade, podem tornar-se um recurso essencial para aprender letras e números, figuras geométricas, etc, ajudando no ensino/aprendizagem.

Estas são as Disciplinas que formam o Currículo para o atendimento dos educandos do CIEP.



Núcleo comum de 5ª a 8ª série

Áreas do Currículo

1. NÚCLEO COMUM	DISCIPLINAS E ATIVIDADES
	Português, Matemática,
	História, Geografia,
	Educação Física, Educação Artística
Laboratório-como complemento	Ciências
2. PARTE DIVERSIFICADA	
Iniciação à educação ambiental	Horticultura
Aperfeiçoamento aos dons artísticos	Oficina Artística
	Leitura e Redação
	Estudo Dirigido

O Currículo (composto das disciplinas acima relacionadas) segue as orientações específicas de seus tópicos para ser desenvolvido. Temas variados são inseridos de acordo com a realidade do aluno e da comunidade.

As matérias diversificadas de Leitura e Redação reforçam a escrita, o raciocínio e a fala na construção de textos, e o Estudo Dirigido é para que o aluno crie hábitos de leitura e estudo. Estas disciplinas visam seu aprimoramento e a capacidade de estudar e não apenas para fazer ou cumprir tarefas. Devem oferecer espaço para que este realize o que mais gosta de estudar, pesquisar e de ler.

- **Atividades Extra-Classe**

A escola possui dentro do seu projeto pedagógico, como atividade extra-classe, o Lazer. Para a sua prática no cotidiano escolar é criado um espaço de Animação Cultural e as atividades oferecidas no seu programa envolvem: dança, oficina artística, música, teatro, esportes e outras atividades culturais.

O trabalho da Animação Cultural visa iniciar estudos da cultura local, suas manifestações, o trabalho de seus artistas, o fazer cotidiano do bairro.

O artista da comunidade local segundo RIBEIRO (1986), "promove o resgate dos referenciais culturais mais próximos dos alunos como ponto de partida para seu diálogo com a cultura universal" (RIBEIRO, 1986, p. 134).

Mediante a ação da Animação Cultural, que integra alunos, artistas, professores, funcionários e os membros da comunidade, em geral, o Ciep pode se tornar um meio cultural, de vida e de educação entre os envolvidos.

A animação cultural conta com os animadores locais e os formados em escola. São artistas com aptidão e habilidade em música, teatro, artes, dança ou são contadores de história, pescadores, poetas, etc. Os animadores são promotores das diferentes linguagens estéticas na escola e no bairro. Estes, recebem treinamento para a realização de suas atividades e para conviver com o ensino formal. Desta forma, participam do contexto educacional do Ciep e podem colaborar com o processo educacional.

Também fazem parte, para o desenvolvimento do ensino/aprendizagem e socialização, as atividades extra-classe, como: passeios, visitas e excursões.



4.5 O Foco da Pesquisa - O Teatro como Lazer

A pesquisa foi realizada com um grupo de alunos envolvidos nas atividades de lazer (dança, música, artes, esportes), mas se deu ênfase à observação e análise do teatro. A escolha cênica deve-se a que esta proporciona (segundo SLADE, 1978) as variadas atividades lúdicas e manifestações do aluno como a dança, jogo, arte e música que são importantes para sua formação.

Na atividade de teatro, se fazem presentes muitas manifestações lúdicas. O jogo de "faz de conta", da encenação que permite, criar, descobrir, brincar e representar uma determinada idéia em uma ação concreta. A sua realização envolve a escolha de música, dança e coreografia, a construção do cenário, fantasias e figurinos - envolvendo a pintura, o desenho, a costura; a criação e decoração de textos - permitindo o exercício da mente, da oralidade, da escrita; a apresentação e representação no palco, que lida com a timidez e o domínio da confiança; a limitação e distribuição do espaço aguçando os sentidos. Além disto, ajuda a socialização, o convívio social e estimula a sua aprendizagem.

Primeiramente, foram observadas as atividades de lazer do Animador Cultural da Escola Integral. Após isso, foram anotados os comportamentos e atitudes do aluno com posterior aplicação de questionário, também aplicados aos professores e ao diretor, sobre a inserção de novas modalidades de atividades.

Entrevista e Questionário juntamente com a Observação dos alunos, do professor, do diretor e do Animador, no contexto das atividades de lazer, foram instrumentos usados na coleta de dados e, tiveram como propósito abordar as perspectivas e interesses dos alunos na prática do lazer, a importância e necessidade da sua prática para o professor e diretor na escola em relação a um trabalho desenvolvido - o teatro - inserido nas atividades de lazer (Ver Anexo 1b - Questionário).



4.6 Sujeitos da Pesquisa

Todos os sujeitos que tomaram parte no presente estudo eram alunos regularmente matriculados no Centro Integral de Escola Pública, de 1º grau da cidade de Americana, Estado de São Paulo.

Participaram e foram observados quinze alunos, envolvidos nas atividades culturais de dança, música, teatro, artes e esportes.

Os grupos foram formados através de livre escolha dos educandos. Eles optaram pelas atividades culturais de acordo com seu interesse e com o tempo disponível pois estes trabalhos eram realizados fora do horário de aula.

Os elementos dos grupos pertenciam a diversas séries (4ª até 7ª séries). As idades variavam de 10 a 13 anos.

A escolha dessa faixa etária se prendeu ao fato de que, geralmente a partir da 5ª série as atividades lúdicas e de lazer vão sendo pouco ou, quase nada, estimuladas no ambiente escolar. Sobre os pré-adolescentes, SLADE (1978) comenta que nessa idade "as idéias fluem, embora ainda haja necessidade de observação cuidadosa e de encorajamento para aqueles que parecem acanhados, pois é nesta idade que pode se desenvolver a timidez. Nós podemos evitar que isso aconteça" (SLADE, 1978, p. 65). E, por ser nesta época, necessário oferecer atividades que estimulem o convívio em grupo e a socialização para fortalecer o espírito de grupo e a cooperação.

SEYBOLD (1974) comenta que por volta dos 8-9 anos o aumento da vitalidade pode conduzir as crianças a um individualismo e que as atividades em grupo, estimulando a integração, devem ser incentivadas. Aos 10-11 anos há a manifestação da amizade do grupo e os mais habilidosos ajudam os que têm menos habilidade, despertando o espírito de solidariedade. Já aos 12-13 anos as atividades propostas devem fasciná-las para obter sua participação e envolvimento. Portanto, as atividades precisam ir ao encontro dos desejos e necessidades dos educandos.



CAPÍTULO V

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO - PROGRAMAÇÃO DE ATIVIDADES DE LAZER NA ESCOLA

5.1 Bases Filosóficas do Currículo Escolar

A existência das concepções de ensino e aprendizagem é apontada por MIZUKAMI (1986). Ao comentar sobre a abordagem tradicionalista, afirma que nesta, o professor é quem instrui e ensina aos alunos. Os conteúdos e as informações devem ser adquiridos e os modelos imitados. A fala do professor é respeitada; cabe aos alunos a memorização desse conteúdo falado. Este ensino se preocupa mais com a variedade e a quantidade de noções, conceitos e informações do que com a formação do pensamento reflexivo. O conhecimento é tratado como acabado e as tarefas são padronizadas para todos os alunos.

Muitas dessas concepções se apoiaram em teorias psicológicas do ensino-aprendizado.

A linha comportamentalista objetiva a aprendizagem pelo planejamento de condições externas. O professor deve assegurar a aquisição do comportamento. Os comportamentos esperados dos alunos são instalados e mantidos por condicionamento e reforço arbitrário, como as boas notas, prêmios, elogios e pela relação que o professor faz do estudo com as vantagens que ele poderá ter no futuro, de como de gozar de "status" social e de possuir muito dinheiro. Nesta abordagem, os elementos mínimos a serem levados em conta são os alunos. O objetivo da aprendizagem é o planejamento para

alcançar o que foi proposto. A obtenção da aprendizagem é através do planejamento do programa proposto para os alunos e dos níveis de realização daquilo que foi executado.

A concepção humanista visa a aprendizagem reconhecendo o sujeito como ser humano. Vê seus erros como normais, dá oportunidade de aprender a criar. Há muito diálogo, que permite ao sujeito construir com liberdade. A linha humanista centra a aprendizagem na pessoa e, visa orientar a sua própria experiência, para que esta se estruture e atue. São atitudes básicas deste ensino, a confiança e o respeito ao aluno. A aprendizagem do aluno se dá através do envolvimento pessoal. O seu ensino é auto-iniciado, mesmo que o primeiro estímulo venha de fora. A descoberta, o conhecer e compreender vem de dentro. A aprendizagem é avaliada pelo educando, para ver se está indo ao encontro de suas necessidades e interesses.

A linha cognitivista se preocupa em como se dá a aprendizagem ou como ocorre a organização do conhecimento, o processamento de informações e os comportamentos relativos à tomada de decisões. Neste ensino, o aluno deve lidar com os estímulos do meio, sentir e resolver os problemas, para adquirir conceitos e utilizar símbolos verbais.

Aqui são priorizadas as atividades do sujeito inserido numa situação social. O ensino é fundamentado no ensaio e erro, na pesquisa, em resolver problemas pelo aluno e não na aprendizagem de fórmulas e definições, mas sim em desenvolver o raciocínio. O importante nesta aprendizagem é considerar o processo de ensino e não o produto da aprendizagem. A aprendizagem só se dá, realmente, quando o aluno constrói o seu conhecimento. Elaborar permite conhecer, agir e transformar.

O ensino dos fatos deve ser substituído pelo ensino de relações, pela proposição de problemas, proporcionando situações desafiadoras aos alunos.

Na linha sócio-cultural, a educação visa superar a relação entre opressor e oprimido. A superação desta dominação deve-se dar através da solidariedade do professor com o oprimido e assumir a sua situação para transformar as causas da opressão. Educador e educando fazem parte deste processo de mudança, ambos crescem e se educam. A educação busca o desenvolvimento da



consciência crítica e da liberdade; a superar as contradições da educação tradicional. A educação representa um ato constante de desvelamento da realidade para que os homens possam perceber criticamente como estão sendo no mundo. Os educandos, nesta concepção, deverão assumir, desde o início, a função de sujeitos criadores para desenvolverem-se como seres humanos e cidadãos.

A escola e o professor trabalham com a aprendizagem dos alunos que não acaba nunca. Estes, sempre estão procurando aprender e buscando informações, descobrindo fatos, as coisas e os acontecimentos, adquirindo conhecimentos, desenvolvendo habilidades. As atividades realizadas devem estar centradas no aluno, levando em conta suas capacidades e condições.

Estas linhas explicativas de ensino/aprendizagem, se adotadas por uma escola, devem seguir, coerentemente, tanto a sua teoria como sua prática para o seu funcionamento. Ou seja, devem estar inseridas nos aspectos da metodologia e didática na sala de aula e na forma de avaliação dos alunos pelo docente. E o papel burocrático e educativo do diretor, professor e funcionários, a disciplina e o comportamento dos alunos, no atendimento e envolvimento com a comunidade, também devem obedecer à filosofia assumida.

Além destas teorias de aprendizagem utilizadas pela escola, há também as metodologias que são empregadas para o desenvolvimento dos trabalhos. Há o construtivismo, que é uma prática pedagógica que trata do desenvolvimento intelectual e da capacidade que o aluno tem de se adaptar ao meio. Visa estimular a curiosidade do educando, suas possibilidades de aprender, respeitando seus erros e tratando de fortalecer o relacionamento afetivo e social. Para tornar o aluno mais crítico, criativo e capaz de lidar com os estudos e pesquisas por si próprio, deixando de ser mero receptor e assimilador dos conhecimentos. O construtivismo trata de entender a realidade do aluno e valorizar seu meio circundante, sua história de vida e seu conhecimento; trabalha com temas geradores para desenvolver a aprendizagem e formar o educando.

Este ensino se dá através da iniciativa do aluno e a realização do trabalho pedagógico é acompanhada pelos educadores, propondo e esclarecendo idéias. A partir da iniciativa do aluno, que fala e traz um determinado assunto, passa-se a sistematizar o saber, com a colaboração do docente,



para serem feitas as propostas que serão discutidas e elaboradas em conjunto. Este assunto, chamado de tema gerador, proposto pela discussão entre os alunos, trata de envolver a maioria dos professores em determinadas séries de ensino.

Na proposta de ensino, como na metodologia, os objetivos devem estar claros para serem seguidos pela comunidade escolar.

É necessário que o currículo se preocupe com a formação (formal e informal) para o desenvolvimento integral do educando e não apenas com a formação formal, que ressalta o individualismo, a competição, ignorando ou não valorizando o lazer, o coletivo e a cooperação.

No currículo há implícitos uma filosofia de educação, um projeto de ser humano que o tipo de sociedade quer alcançar.

De acordo com o que privilegia o currículo apresenta enfoques diferentes. Segundo SILVEIRA FILHO (1980), estes podem receber as seguintes denominações, conforme suas abordagens:

1) Racionalista Acadêmico - integra o aluno na tradição cultural do ocidente. As disciplinas e conteúdos são apresentados e transmitidos como verdades consagradas e o aluno é passivo-receptivo.

2) Com foco no Processo Cognitivo - visa o desenvolvimento da capacidade de resolver problemas. Ocorre através da exercitação e desenvolvimento intelectual. O conteúdo da disciplina não é o aspecto mais importante, a escolha deste pode ser casual ou determinada.

3) Com foco na Tecnologia de Ensino - objetiva a obtenção de instrução e de mudança de comportamento através do uso da tecnologia educacional, como a instrução programada, recursos audiovisuais e outros.

4) Com foco na Auto-realização - visa o desenvolvimento da personalidade do aluno, privilegiando sua auto-realização, valorizando situações que promovam os recursos e as potencialidades individuais. As disciplinas visam trabalhar com conteúdos significativos para os alunos.

5) Com foco na Reconstrução Social - tem como objetivo realizar o desenvolvimento do homem através de sua interação com o meio social onde vive e seu compromisso com a



transformação da sociedade em que se encontra. Os conteúdos são selecionados conforme os temas de maior significado para uma determinada sociedade, em determinado momento.

Com exceção do primeiro enfoque, os demais podem vir a completar-se e, em conjunto, determinar uma filosofia educativa, pautada nos pressupostos de atividade e de integração sócio-cultural dos educandos.

5.2 Atividades de Lazer Desenvolvidas

5.2.1 Documentação e Análise das Informações

Os dados obtidos desta pesquisa resultam de anotações, entrevistas e fotos. Basicamente são os registros (anotações), entrevistas e depoimentos dos alunos, professores e diretor, que oferecem subsídios para a análise que segue.

A partir do estudo e interpretação de todo o material coletado e seguindo critérios que focalizam a ação, comportamento e atitudes dos educandos que compõem o grupo em estudo, serão descritas e analisadas as atividades de lazer e sua contribuição para o desenvolvimento do educando, em nível pessoal e social.

5.2.2 Organização dos Grupos e Atividades

As atividades desenvolvidas foram: Arte, Música, Dança, Brinquedos e Jogos, Jornal e Correspondência, e Teatro.



Esses trabalhos eram realizados por diversos grupos (de faixas etárias variadas) mas descreveremos e comentaremos apenas fatos de um ou dois grupos especificamente, em cada atividade cultural - os quais foram observados e acompanhados (sendo realizadas anotações) no decorrer de um semestre.

Eram destinadas para cada classe, dois dias semanais de atividades, com uma hora de trabalho por dia.

O horário reservado para cada turma contava com as diversas atividades referidas, sendo que o aluno desenvolvia a que ele havia escolhido no início do primeiro bimestre, permanecendo nesta até o final do semestre, quando poderia ser novamente escolhida outra atividade.

Cada classe era dividida em vários grupos de acordo com seu interesse e gosto pelo trabalho.

5.3 Áreas Integrativas

- Arte

A Arte/educação é importante na formação da criança, pois permite sua manifestação cultural. Desempenha uma relevante função na expressão e formação cultural do ser humano e é fundamental para seu desenvolvimento integral e engajamento na realidade social.

A arte/educação por se tratar de uma atividade cultural que permite a expressividade, criatividade, imaginação, criticidade e que por trabalhar com o concreto, estimula a criança a criar e recriar imagens, personagens, cores, vozes, luzes, pinturas, etc, colocando-a numa nova experiência

de vida, de prazer, de participação, de realização e a aprender a se expressar de uma forma livre e agradável.

As atividades de arte/educação foram realizadas por agentes de Animação cultural, sendo seu objetivo não o de trabalhar e ensinar técnicas de Educação Artística (que são ensinadas em sala de aula) porém, de uma forma mais livre e espontânea, propiciando o contato com diversas e variadas atividades desenvolvidas em várias oficinas. As crianças eram estimuladas ao trabalho junto dos companheiros, em um espaço diferente da sala de aula, com maior liberdade para a ação, aprendizagem e convivência, propício ao desenvolvimento da criatividade e socialização.

O trabalho foi realizado a partir de interesses levantados e manifestados por parte das crianças, pelas diversas atividades envolvidas em arte/educação.

- Grupo de 25 alunos, da 1ª série A (Faixa etária de 07 a 08 anos)

- Jogos

Dentre as diversas atividades sugeridas pelas crianças e agentes de Animação cultural, foram realizados alguns Jogos, como: "fubeca" (bolinha de gude) - que proporcionava a integração entre os educandos.

Anteriormente, as meninas não se misturavam com os meninos (HORTA, 1984).

Era importante ir se quebrando o tabu de que há jogos somente para meninos e meninas. Dessa forma foram acontecendo jogos como pega-pega, duro ou mole, pega-ajuda, ovo-chôco, etc.

Pode-se observar que essas atividades tiveram grande importância na melhoria da socialização, estimulando a participação e integração de todas as crianças do grupo.



Figura 1 - Alunos brincando com bolinha de gude.

- Assistir a Fitas de Vídeo

Outra atividade desenvolvida foi a de assistir a fitas de vídeo. Através desse trabalho foram abordados variados temas, visando despertar o espírito ecológico e a preservação do meio ambiente.

Um filme utilizado, dentre outros, foi “O pássaro egoísta” - que tinha como objetivo estimular o respeito às regras e aos companheiros e, incentivar nas crianças, a valorização do trabalho em grupo.

- **Atividades com giz molhado**

Esse trabalho permitiu que a criança desenvolvesse a sua coordenação motora, criatividade, sensibilidade e socialização.

O manuseio do giz molhado possibilitou experiências de contato com variadas cores. Ao serem molhados e esfarelados, criavam com suas mãos, figuras humanas e objetos e, também permitiam, um contato diferente com o papel e novas sensações.

- **Construção de Brinquedos e Instrumentos Musicais**

Foram construídos diversos objetos e brinquedos, com caixas de papelão: casinhas de boneca, máscaras, panelas e outros, que ajudaram no desenvolvimento da sensibilidade, criatividade e na integração do grupo.

O vídeo “Introdução aos sons Básicos da Música” foi utilizado como estímulo à criação de instrumentos musicais.

As crianças desenharam o instrumento que queriam confeccionar e procuraram escolher diversos materiais para sua construção. Foram criados: chocalhos, reco-recos, bumbos, tambores e outros.

Esses trabalhos, além de permitirem a manipulação dos instrumentos e o contato com variados tipos de materiais, também ajudaram a desenvolver a sensibilidade auditiva.

O desenvolvimento dessas atividades estimulam na criança o tato, audição, visualização, a musicalidade e ritmo (PORCHER, 1982).

- Grupo de 30 alunos, da 2ª série B (Faixa etária de 09 a 10 anos)

- Jogos

A opção por jogos antigos (pique-bandeira, queimada, "fubeca" (bolinha de gude) e pega-pega; permitiram, além de resgatá-los, que as crianças fossem estimuladas quanto ao respeito às regras convencionais e a construção de outras novas.

O trabalho em grupo, visando a socialização e a cooperação entre os educandos, foi grandemente incentivado.

- Máscaras

Outra atividade desenvolvida por esse grupo foi a construção de máscaras e do boneco do CIEP.

As máscaras foram confeccionadas com material reaproveitado (papelão, madeira de caixas de maçã, plásticos) e decoradas com guache.



Com as máscaras confeccionadas foram realizadas diversas brincadeiras de “faz-de-conta”, que permitiam uma grande interação entre as crianças, estimulando a socialização e a cooperação, desenvolvendo o espírito de grupo, a alegria e diversão.



Figura 2 - Apresentação das máscaras confeccionadas.

Esse grupo também teve a idéia de fazer o boneco que simbolizaria os alunos do Ciep do Zanaga. A eleição para a escolha do nome deste boneco, proporcionou a integração entre todos os educandos.



Figura 3 - Crianças confeccionando o boneco do Ciep do Zanaga.

- Grupo de 15 alunos, da 4ª série C (Faixa etária de 10 a 12 anos)

- Artesanato

Esse grupo optou pelo artesanato por desejar trabalhar com crochê, confeccionar gatos com novelos de lã, sapatos e outros objetos, usando como materiais conchas do mar, caixas de remédio,

copinhos de iogurte, retalhos de tecidos, botões, sementes, pedaços de madeira, papel-crepom, papel-manteiga e outros.

O trabalho permitiu despertar a criatividade e a imaginação das crianças, pois na medida em que a lã de várias cores era utilizada e compartilhada por elas, criavam chapéus, flores, laços, colares, palhaços e outros.

Também foram feitas pinturas em tecidos e em potes de vidro, usando molde vazado; eram confeccionadas flores de sabonete e trabalhos com "durepox".

A amizade e a socialização foram estimuladas, à medida que, estes trabalhos eram ofertados ou trocados.



Figura 4 - Crianças confeccionando colares, brincos e pulseiras.

- **Música**

A música é uma forma de expressão humana, uma manifestação artística que desenvolve a percepção auditiva, a memória musical e a coordenação gestual audio-motora. Inicia-se com a descoberta e domínio de si, através de movimentos controlados e coordenados. É uma atividade gestual e corporal integradora.

O ritmo, com uma série de seqüências de alternâncias pelos instrumentos tocados, intervém depois guiando a criança, que se entrosa numa criação coletiva; tornando-a responsável pelo efeito produzido perante os outros colegas.

Com a música, a criança aprende a se auto-expressar. Executa, sente, ouve e reconhece o amigo no trabalho como colaborador do grupo.

A arte e música devem ser vistas como produto, da elaboração intelectual do ser humano, sendo introduzidas pouco à pouco, para que possam estimular, transformar a rotina diária, fazendo com que todos não deixem de escutar, ouvir, apreciar, experimentar e organizar o som musical.

- Grupo de 13 crianças, da 3ª série A (Faixa etária de 09 a 10 anos)

- **Música**

Ao iniciar o trabalho com este grupo, primeiramente, foi conversado sobre o "dia-a-dia das crianças", deixando-se que elas falassem do que mais gostavam, dos sons que se lembravam e que acontecem à sua volta, a todo momento.

Uma forma de permitir que elas pudessem ter contato e perceber os diferentes sons era fazendo com que experimentassem falar alto e baixo, depressa e devagar, entonando os sons livremente, de acordo com o caso ou história contado por ela.

Durante as atividades, elas fechavam os olhos e escutavam os sons externos, o que permitia aguçar e desenvolver a sensibilidade. Depois, de olhos abertos, comentavam sobre as sensações que tiveram e sobre os sons que escutaram.

Outro exercício realizado era o de imitar com a boca, ou através do corpo, algum som que escutaram, não esquecendo de usar o forte ou fraco (intensidade), rápido ou lento (andamento) e agudo/fino e grave/grosso (altura).

Após essas experiências o arte/educador juntamente com as crianças escreviam num cartaz todos os sons escutados.

Houve diálogo para que as crianças pudessem comentar e escolher sobre como fazer uma representação gráfica dos sons. Foi tirado, em comum acordo pelo grupo, uma forma mais parecida com cada som, pedindo-se que um aluno por vez, fizesse a representação gráfica do som correspondente.

A partir dos sons vistos e estudados as crianças construíam histórias incluindo-os. Utilizavam personagens ou bonecos para representá-los. Executando, através de um pano, os sons feitos com a boca, vozes ou objetos. Essa atividade permitia que elas explorassem livremente todos os materiais e sons vistos empregando-os nas músicas conhecidas.

Também durante essas atividades, os alunos tiveram contato com diversos instrumentos (flauta, violão, chocalho e tambor), sendo estimulados a construir seus próprios instrumentos musicais. E, desde a confecção, até a hora da execução das músicas, na banda e nos teatrinhos com bonecos, eram compartilhados por todos.

Essas atividades com música e instrumentos musicais contribuíram para o desenvolvimento da



sensibilização das crianças e para seu autoconhecimento, despertando o prazer pela descoberta, incentivando a interação entre elas, estimulando a socialização e a cooperação.



Figura 5 - Crianças tocando flauta.

- **Dança**

A dança é uma das expressões do ser humano.

Através da História, esta forma de expressão foi revelando mutação social e cultural, bem como os seus diferentes modos de vida em relação com o meio.

A dança encerra uma necessidade de ordem física, mental e espiritual para o ser humano.

Existem várias modalidades de dança, bem como evoluções dentro de cada estilo e, ainda, diferentes metodologias de ensino. No entanto, apesar desta diversidade, todos partem de uma técnica

cujo objetivo é o maior conhecimento do corpo, buscando um relacionamento mais completo entre o homem e o universo, expresso através do movimento.

A dança possibilita o movimento do corpo todo e a liberação de tensões. Do ponto de vista social permite unir num mesmo momento um grupo de indivíduos, que se dedicam, de forma total, a uma atividade comum.

Esta atividade pode proporcionar o equilíbrio entre o corpo e mente, através da relação que estabelece entre o mundo interior e exterior, no conhecimento de si próprio, do outro e do mundo social, contribuindo, desta forma, para a formação da personalidade dos indivíduos.

Além disso, a dança proporciona também o desenvolvimento de habilidades físicas, como: a coordenação e percepção corporal, o aprimoramento do domínio de movimentos, a capacidade de percepção espacial. Finalmente, constitui uma forma de trabalhar com a imaginação, livre expressão artística e o desenvolvimento do senso estético.

Portanto, todos os aspectos envolvidos na dança podem contribuir para a construção de uma visão crítica perante o mundo, ou seja, para a formação de um indivíduo capaz de observar, analisar, questionar, selecionar e transformar a realidade na qual está inserido.

- Grupo de 25 crianças, da 4ª série B (Faixa etária de 10 a 12 anos)

- Dança

Esse grupo optou pela dança por gostarem de ouvir música, cantar em roda, realizar coreografias e apresentá-las para as outras crianças.

Durante o desenvolvimento dos trabalhos, os alunos participavam plenamente das discussões sobre a escolha das danças que iriam ser trabalhadas; davam opiniões sobre as coreografias, bem como para sua montagem e escolha do figurino a ser utilizado nas apresentações.

Os trabalhos realizados tinham sempre o objetivo de estimular o convívio do grupo, fortalecer as relações de respeito, de uns para com os outros, e a responsabilidade de executar um trabalho coletivo.

Todas as atividades desenvolvidas propiciaram um equilíbrio entre espontaneidade e técnica, levando em consideração as limitações de cada criança, trabalhando-se a consciência corporal e orientação espacial, de forma lúdica.

Observou-se, também, através dos diversos trabalhos noções de ritmo, movimentos e expressões livres; a vivência e resgate da cultura através de danças populares; danças de ritos afro-brasileiros; danças criadas para atender temas sociais contemporâneos as quais foram estimuladas para o desenvolvimento da criatividade e da sensibilidade, favorecendo, também, o auto-conhecimento e auto-estima dos educandos.



Figura 6 - Apresentação de coreografia.

- Grupo de 20 alunos, da 5ª série A (Faixa etária de 11 a 13 anos)

- **Construção de Brinquedos**

Foram confeccionados carrinhos, bonecas, aviões, robôs, jogos de dama e trilha, dentre outros, com a utilização de madeira, plástico, papelão, latas e também ferramentas, como martelo, prego e serrote.

Através desses trabalhos houve a oportunidade das crianças desenvolverem sua criatividade e expressão cultural. O brinquedo tornava o ambiente escolar num espaço alegre e era um elemento a mais para o desenvolvimento, possibilitando a expressão plástica e lúdica dos educandos.

Durante a criação dos brinquedos e jogos, as ferramentas eram socializadas pelas crianças e os objetos contruídos eram compartilhados por todos.

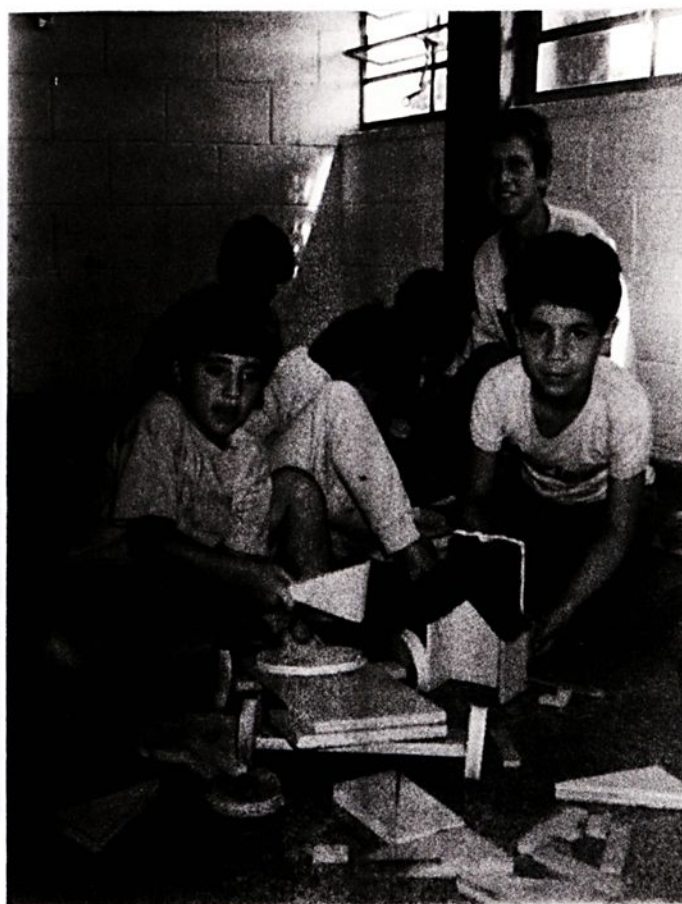


Figura 7 - Crianças construindo brinquedos de madeira.

- **Jornal e Correspondência**

O objetivo dessa atividade era o de despertar a criatividade e integração entre os educandos. A necessidade de comunicação com os colegas e a busca de diversas formas para esse contato poderiam estimular o gosto pela escrita, o prazer pela leitura e o raciocínio lógico.

Essa atividade também proporcionaria um espaço para o desenvolvimento da imaginação, pois as crianças ao terem que pesquisar, buscar matérias para o jornal e redigi-los estariam em contato com diversos assuntos relativos à sua cidade e ao mundo. Seria aguçada sua curiosidade, pois teriam que estar sempre à busca de desenhos, histórias, contos, poesias e versos para contribuírem com o jornal e com os colegas, facilitando a troca de informações.

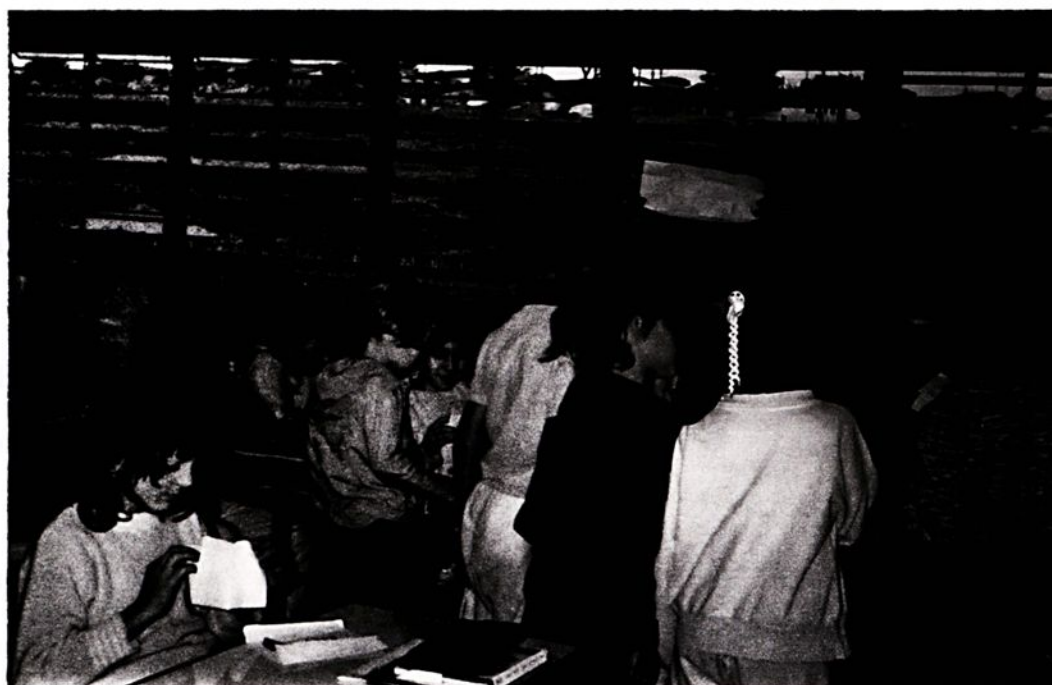


Figura 8 - Crianças escrevendo cartas e lendo correspondências recebidas.

- Grupo de 15 alunos, da 6ª série A (Faixa etária de 12 a 13 anos)

- **Jornal e Correspondência**

Esse grupo optou por trabalhar com o Jornal e Correspondência pois gostavam e se interessavam por elaborar e redigir textos, poemas, recados e receitas, como por publicá-los, para que as outras crianças pudessem estar lendo-os e conhecer tais assuntos.

O grupo conduziu o processo de seleção do nome do jornal e, após vários dias de debates, o nome escolhido para representar o Ciep do Zanaga foi "A Voz do Ciep".

O grupo também dividiu os espaços destinados a cada matéria do jornal e cada integrante optou por uma determinada função. As seções compreendiam: editorial, notícias da cidade, desenho animado, charges, recados, receitas, piadas, esportes e outras.

Os alunos entrevistavam outros alunos da escola para escreverem as matérias. As crianças que ainda não sabiam escrever muito bem, como as da 1ª e 2ª séries, colaboravam e estimulavam o trabalho dos amigos do Jornal, com seus desenhos - no que eram auxiliadas pelas professoras e animadores culturais.

Os repórteres também saíam fora da escola para buscar matérias e faziam entrevistas com médicos, pessoas dos bairros, observavam e relatavam problemas da cidade e vilas e davam sugestões para solucioná-los.

Esse grupo, juntamente com alguns animadores, também criaram o "Correio do Ciep". Confeccionaram a caixa postal e promoveram o intercâmbio de cartas e recados entre os alunos do Ciep Zanaga, que depois atingiu outras escolas.

Essa atividade despertava a criatividade e integração entre os educandos pois, permitia que eles se comunicassem com seus amigos e estimulava o gosto pela escrita, o prazer pela leitura e o raciocínio lógico.



Figura 9 - Exposição do jornal "A Voz do CIEP".

- Teatro

O teatro é uma forma de expressão do ser humano que relaciona personagens, situações e organizações. Estes aspectos representam uma dinâmica de relacionamento mútuo entre eles, que abrangem a escolha do tema, a utilização do espaço, o uso de materiais ou personagens até a formação das situações, permanecendo tudo intimamente ligado. No teatro são coordenados gestos, movimentos e vozes.

O teatro vai além do relacionamento entre os envolvidos. Desenvolve a capacidade de raciocínio, memória, reflexos e reflexões. Desinibe a timidez, desperta a imaginação, fortalece a personalidade e a amizade, desenvolve sentimentos e sensibilidade.

A criança no teatro experimenta uma série de mecanismos e processos de apreensão da realidade social, que estão ligados ao seu desenvolvimento físico e crescimento mental. A posse desses conhecimentos ajuda a sua construção como sujeito. Através desta construção ela pode realizar a apreensão de formas e ordenações, tendo contato e experiências variadas.

É no jogo que se origina a atividade dramática. A partir da brincadeira do "faz-de-conta", início do teatro, chega-se a representação de uma peça teatral.

A criança, com a participação ou não do adulto, cria situações da realidade que conhece, inventa personagens, realiza um ato de apreensão da linguagem que será utilizada, constrói uma obra ordenando e representando, podendo ser imagens da realidade ou da fantasia, ou do imaginário e ilusão.

Nesta participação e criação, há sempre um processo de construção, tanto de seu comportamento como de sua identidade.

A criança quando realiza um personagem, está expressando e reelaborando sua linguagem e cultura. Segundo KÜHNER (1982), a representação de seus personagens vai desde os familiares, até aqueles que são produtos da imaginação e fantasia.



Segundo SLADE (1978), a criança ao escolher um personagem e ao assumi-lo, incorpora atitudes corporais, de silêncio, imobilização ou de atitudes, gestos, tons de voz. E ordena, forma e experimenta seu personagem. Esta postura representa uma linguagem comportamental e figurativa. A criança, com isto, representa e participa coletivamente, com os demais colegas, da atividade.

O importante nesta atividade é ajudar a criança a agir, pensar, inventar e tornar seguro o seu andamento. Blot (cit. por PORCHER), comenta que "o essencial da atividade dramática consiste em favorecer a inventividade das crianças e garantir o seu livre curso" (PORCHER, 1982, p.160).

A atividade do teatro na escola visava a criação de um espaço para o desenvolvimento da representação dramática como recurso educativo e lúdico, proporcionando alegria ao educando e levando-os a vivenciar situações do dia-a-dia, buscando formas para resolvê-las.

Assim, teve-se no trabalho com o teatro, desde o início, a preocupação em cultivar um relacionamento aberto entre o aluno e o educador, buscar meios de incentivar seu espírito criativo, imaginativo e reflexivo. Visava-se incentivar a sensibilidade artística, liberar sentimentos e a livre expressão; estimular boas atitudes e promover a socialização.

O objetivo deste trabalho não era o de formar atores, mas sim permitir que as crianças se desenvolvessem como pessoas no modo de agir, criar, sentir e pensar e socializar-se, garantindo, assim, a melhoria das relações entre elas e sua formação como ser humano.

- Grupo de 15 alunos, da 5ª série B (Faixa etária de 11 a 13 anos)

• Teatro

Este grupo foi formado a partir do interesse dos alunos em conhecer e realizar peças de teatro. O grupo manteve, inicialmente, alguns alunos que já faziam parte de teatro na escola e aos quais juntaram-se outros. O início do trabalho de artes cênicas permitia uma nova oportunidade para escolha de atividade de lazer.



As atividades foram realizadas no anfiteatro da escola - um espaço não muito grande, com carteiras e o palco. As apresentações também foram realizadas em uma sacada existente no primeiro andar e que servia como palco e, em um quiosque próximo ao pátio.

As crianças participavam de todo o processo, desde o planejamento até a execução e apresentação das peças, promovendo para tal, encontros onde eram discutidos os temas e objetivos das atividades.

Dentre as diversas atividades e exercícios que fizeram parte do teatro estavam englobadas as seguintes: jogos; arte-circense, envolvendo maquiagem e construção de figurinos; trabalho com temas relacionados ao meio-ambiente; construção de "alegorias no chão"; procissão de luzes e desfile nas ruas, com animais lendários.

Nos jogos realizados com as crianças, havia um clima de amizade, não importando quem era o ganhador. Como no jogo de futebol - onde faziam suas próprias regras e leis, mesmo que a quantidade fosse de 10 a 15 crianças, jogando em campo. O importante era participar do evento.

O jogo da verdade promovia a integração e tornava possível a discussão de temas da realidade vivida por elas. Assim podiam se expressar livremente e dizer o que pensavam e sentiam. Suas frases revelavam seu mundo e desejos, como, por exemplo: "eu gostaria de ter um mundo só para mim; nosso hábito é comer demais; na verdade não sei se estou errado; basta você parar e raciocinar..."

As crianças também contavam acontecimentos do dia-a-dia. Comentavam a experiência que tinham com relação à vivência do comércio, no supermercado, nas vendas perto de casa, nas bancas. Nestes relatos sempre havia muitas observações, como: "o dono da mercearia perto da minha casa gosta de ludibriar as crianças que vão lá"; "se meu pai autorizar eu tenho coragem de ir para qualquer lugar sozinho"; "depois desta eu vou ficar esperto!", entre outras.

No jogo da dança e arte dramática, as crianças brincavam e se divertiam muito, mostravam agilidade, equilíbrio, ritmo, flexibilidade e uma maior valorização do corpo. Comentavam: "quando estou dançando eu esqueço até da vida; agora terei de viver o momento com o drama".



No Jogo "Siga o Líder" - era demonstrada muita descontração e amizade. Os alunos seguiam o que o líder fazia, davam risada, caminhavam do mesmo jeito ou pulavam, todos o imitavam de forma graciosa, levando-os a uma interação efetiva.

Nas Brincadeiras com poemas, as crianças declamavam e recitavam. Era um exercício para a educação das vozes, da memorização e dicção, entonações e pausas. Alguns poemas foram decorados ou inventados, treinados e apresentados. Dentre eles o Mandacaru, de Luiz Gonzaga:

"Mandacaru quando flora lá na cerca

É sinal que a chuva chega no sertão.

Menina moça quando enjoa da boneca é sinal

Que o amor já chegou no coração"

Foram também realizados vários exercícios para ajudar na empostação da voz, pois a fala é o meio mais utilizado nas dramatizações.

Um exemplo deste exercício é o seguinte texto que as crianças recitavam:

"Parece preta. O papa aponta à praça e pede ao pupo que lhe passe o apito. Pula do palco e pálido, perpassa por entre um pato, um porco e um periquito.

Após, papado em pé, pudim com passa, depois de ter degustado, pombos e palmitos precipito, por entre a população. Passa, picando a ponta de um palito".

O trava-línguas divertia muito as crianças.

Também eram cantadas músicas de roda, lembrando as nossas músicas de folclore, como: a ciranda, o marinheiro, o avião do Ceará, etc.

• Elaboração de Peças de Teatro

As peças de teatro foram elaboradas a partir das vivências e experiências abstraídas da realidade circundante dos educandos. Alguns temas foram sugeridos pelos alunos e orientados pelos

animadores. Eram temas que despertavam grande interesse e envolvimento.

Foram sugeridos durante os encontros trabalhos com os quatro elementos da vida, alegorias no chão, procissão de luzes, circo e outros.

Alguns trabalhos foram relacionados com assuntos que estavam sendo tratados em sala de aula e poderiam ajudar na construção do conhecimento. Visto que estava-se sempre buscando a interdisciplinaridade - o que tornaria a atividade muito mais rica - interligava-se o tema desenvolvido na classe com o do teatro, trabalhando-o ludicamente.

Na atividade com os quatro elementos da vida utilizou-se material reciclável e convencional para a construção do figurino. Alguns professores trabalharam em suas aulas temas relacionados ao meio-ambiente.

Assim, o professor de Ciências trataria sobre o desperdício e a conservação da água; o de Matemática trabalharia a quantidade e o volume de água que o reservatório existente na escola comportava; o de Português estaria produzindo textos com os educandos. Já os alunos do teatro estariam representando, de forma concreta, o que acontece com os quatro elementos da vida.

Desta forma, primeiramente foi elaborado o texto, depois foi realizada a confecção do figurino e cenário. O texto tratava sobre a preservação das riquezas naturais e da vida. Os figurinos representavam os elementos da natureza, as roupas de jornal (pintadas de vermelho e ornamentadas com papel celofane vermelho) reproduziam o fogo; a água era feita com papel celofane transparente e plástico, a vestimenta da terra era representada por roupas de cor marrom e o vento por papel celofane e plástico branco.

Durante a construção e ensaio da peça, as crianças mostravam o seu interesse e desejo de representar, conversavam e discutiam sobre suas fantasias. Assim, trocavam idéias e materiais, o que permitia a socialização e a discussão de vários assuntos, ampliando o seu conhecimento.

A apresentação foi realizada no pátio para que todas as crianças pudessem observar e aprender, de uma maneira lúdica, como a água falava; que o fogo não era tão mal assim, desde que fosse bem utilizado; que o vento podia dar movimento aos objetos, levando-os para uma determinada



direção e que a terra é um espaço físico que permite viver e estar com os semelhantes e que deve ser bem cuidada.

Ao término da apresentação, já havia a pretensão de uma nova produção. Surgiam idéias de apresentar o teatro na praça do bairro e em outros lugares da cidade.

As crianças também falavam o que tinham sentido durante a encenação. Notava-se em suas expressões a alegria de participar. E os professores comentavam que seus alunos que faziam parte do grupo estavam mais tranquilos e mais interessados pelas tarefas escolares e que haviam melhorado o desempenho escolar e a sociabilidade.

Outra atividade realizada pelos alunos e sugeridas pelos animadores foi a realização de "alegorias no chão".



Figura 10 - Representações de alegorias no chão.

Esse trabalho consistia em fazer um desenho por todos os alunos da classe, no chão da escola. Os materiais para o desenho seriam reciclados e convencionais. O trabalho envolveu todos os professores da escola. Paralelo à elaboração do desenho, as crianças também trouxeram materiais para preencher os espaços e figuras, como: tampinhas de garrafa, caixinha de fósforos, folhas secas e verdes, e serragem.

Os animadores, em conjunto com os grupos de arte, música e teatro foram encarregados de buscar serragem na vila para depois tingi-la de cores variadas e com material atóxico.

O processo de tingimento despertou a curiosidade e o interesse dos alunos, que puderam descobrir, através de experimentos, a proporção certa da mistura da tinta para conseguir as cores desejadas. Os alunos comentavam que a mistura não deveria ficar muito rala para poder pintar, caso contrário a cor no desenho não apareceria e também perceberam que a relação entre a quantidade de tinta e de serragem era importante para o resultado final do trabalho.

Neste envolvimento muitos professores colaboraram. No dia da apresentação estavam juntos com seus alunos desenhando no pátio e pintando no espaço a que lhes fora destinado, onde todos os alunos colocavam o "pó xadrez" (tinta), tingido com a serragem.

Alguns desenhos mostravam na divisão dos espaços, figuras tridimensionais, em alto relevo, simetria e proporção. Havia alegria imensa ao preencherem os espaços das figuras. Tinham muito cuidado em não pisar, não desmanchar.

As crianças falavam de seus trabalhos, que ficaram expostos durante uma semana, para seus companheiros, na hora do recreio, que todos deveriam cuidar. Os professores comentavam que num espaço pequeno eles se ajudavam, trocando material, para preencher o desenho.

Outro trabalho realizado pelo grupo de teatro foi "a procissão de luzes". Este trabalho consistia em construir figuras geométricas iluminadas por uma vela. Esta atividade tratou de envolver



os professores de todas as áreas para a realização de um trabalho interdisciplinar que culminou com a procissão pelas ruas do bairro.

- **Construção de Figuras**

A construção das figuras era com arame, pedaço de bambu ou pau, uma vela, papel celofane de muitas cores, barbante, cola, alicate, serrote e martelo. Com o arame não muito grosso de espessura, faziam-se os lados das figuras que posteriormente, eram soldados com a ajuda de um pai.

A esta estrutura de arame acabada estaria sendo colado o papel celofane para dar o formato e o volume da figura, deixando uma abertura para a queima de oxigênio.

O suporte, para colocação das velas, deveria ficar centralizado evitando queimá-los. Ao serem acesas, as velas causavam colorido e efeitos especiais.

Em Matemática, foram trabalhadas as figuras geométricas como pentágonos, retângulos, quadrados, triângulos e outras formas, como árvores, estrelas, etc. Foram verificadas se as medidas utilizadas para a construção destas estavam corretas evitando-se que ficassem tortas ou fora de simetria. Em Português, a confecção de textos e cartazes, convidando aos pais e moradores. Na Educação Artística, os alunos foram ajudados a construir as figuras geométricas, nos desenhos e pinturas. A Educação Física elaborou a coreografia e os movimentos. A Geografia trabalhou a história da vila, a população, os espaços e o percurso da caminhada. O professor de horticultura realizou um estudo com os alunos sobre as queimadas e confeccionando os cabos para serem colocadas como

suporte das figuras geométricas. Os animadores junto com os alunos de teatro e arte, fizeram a colagem das figuras, a amarração do suporte e o ensaio do percurso, e os alunos das demais séries, ensaiaram uma música para o dia.

A apresentação foi à noite e era aguardada com grande expectativa por parte dos alunos, professores e da comunidade. Os alunos deram uma volta pelo pátio da escola e a procissão seguiu o percurso pré-estabelecido. Iluminando e alegrando o caminho por onde passava.

As crianças vestidas de palhaço, de fada, falavam e imitavam o bombeiro. Na chegada à escola fizemos a evolução, onde cada bloco fazia o que tinha ensaiado. As figuras construídas foram levadas para casa pelos alunos, sempre com a vontade de fazer mais apresentações em outros lugares.

O grupo de teatro também realizou a leitura de alguns textos que serviram de inspiração para realizar algumas peças. Alguns textos para apresentação foram também criados, como o que deu origem à peça "A Bruxa Má".

O texto da peça foi elaborado pelos alunos, que definiram papéis, figurino, cenário e iluminação.

Durante a confecção das roupas, as crianças trocaram materiais de costura, como carretel de linha, pedaços de tecido para completar o figurino, pedaços de plástico e papelão para fazer o chapéu e alguns cabos de vassoura.

Nos ensaios do texto, as falas deveriam ser bem pronunciadas e em bom tom, reconhecer o espaço do palco, a sua colocação e o olhar para o público, hora da entrada.

A construção do cenário foi feita com pedaços de papelão e tecido e a iluminação com lâmpadas acopladas em latas de tinta e marmelada.

Todos os componentes participavam. Cada um tinha seu valor e sua função. O grupo se dividia em atores, figurinistas, sonoplastas, iluminista, sempre orientados pelo animador.

Antes da apresentação da peça de teatro, alguns componentes do grupo realizavam a



maquiagem dos atores. A apresentação foi realizada no pátio, para alunos e professores.

Também foi realizado um trabalho sobre o circo - onde alunos, passaram, durante a sua elaboração, a imitar o palhaço, os bichos, o domador, o trapezista, o apresentador e alguns números circenses. Durante a confecção dos figurinos todos ajudavam: costurando a roupa do palhaço, emprestando um bambolê para fazer a calça do palhaço e que era segurada por um elástico que serviria como suspensório. A roupa do domador era casaco, calça e chapéu, todos de cor preta e, seu chicote seria uma gravata de cor vermelha. A roupa do trapezista era toda na cor vermelha. Os bichos eram da mesma cor. Escolheram uma música para cada personagem: o palhaço teria uma música bem alegre; para o trapezista e domador uma música de suspense; para a tragédia, uma música triste.

Na apresentação do circo, o grupo mostrava muita alegria e satisfação em realizar o trabalho. Estes, com seus disfarces, distraíam e divertiam as crianças da escola. Cada número apresentado tinha a sua característica: alegre, triste, trágico, romântico ou de suspense. Cada ato estava cheio de emoções e reflexões. No final da peça todos foram convidados a dançar.

Ao término da apresentação da peça, o grupo foi convidado a realizar uma apresentação no teatro Municipal de Americana, o que os deixou muito animados.

No dia da apresentação do circo, no teatro, entram nos camarins - onde muitos artistas já tinham se apresentado. As cabines tinham espelho, pia e uma mesa. As crianças falavam: "me belisca para ver se eu estou sonhando", "Nossa! tem espelho e um lugar para guardar a maquiagem e cada um pode fazer a sua". Curiosos, descobriram no teatro: um piano, um andaime, cortinas, cabine de iluminação e de sonoplastia. Ficaram encantados e maravilhados. Foi uma experiência gratificante, pois nunca tinham ido a um teatro ou assistido a uma peça.



O grupo também apresentou o circo na rua.

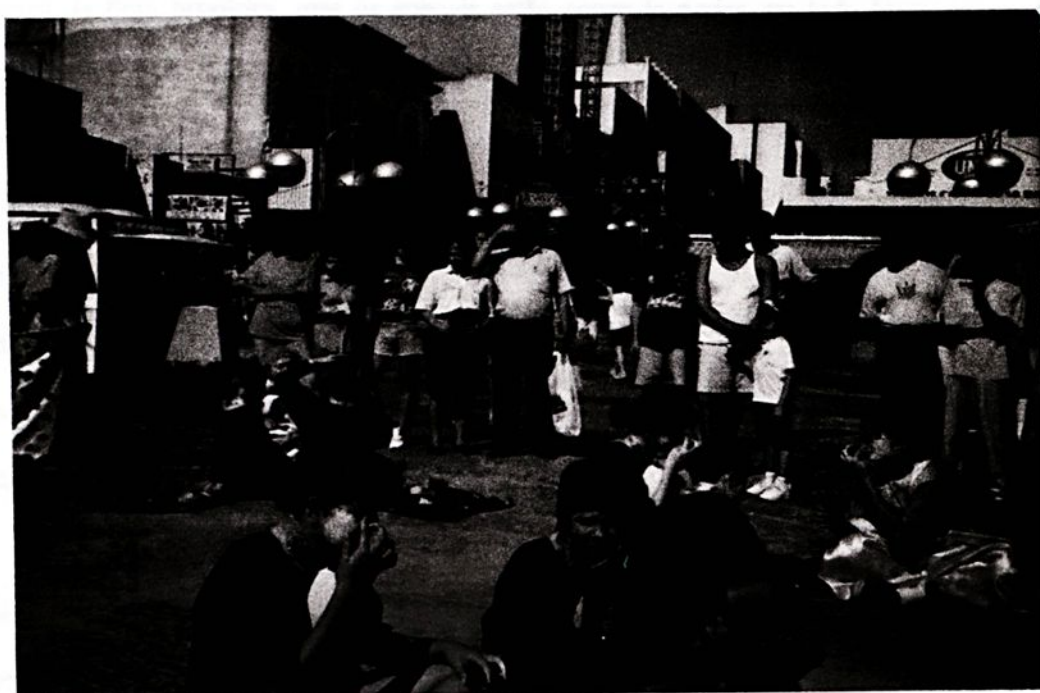


Figura 11 - Representações de teatro na rua.

O grupo de teatro, música e arte, junto com os professores, animadores e alunos decidiram participar da comemoração de "Sete de Setembro". O tema escolhido pelos animadores para a apresentação do desfile foi "Os bichos na rua". Este tema foi definido após muita discussão entre os

grupos. Definiram-se os grupos e as atividades que fariam: bichos, cartazes, pintura, etc. E os outros alunos, em conjunto com os professores, elegeriam um determinado tema e uma evolução na rua.

O grupo de teatro definiu o tema "animais em extinção" - caçados, mortos, comercializados, virando utilidade de luxo. Foram criados: urso polar, papagaio, gorila. Nas discussões diziam: tem que ser animal da flora brasileira, mas os animais estão correndo perigo em todo lugar, como: jacaré, arara, mico-leão, tigre, javali, onça. Também foram lembrados os animais lendários, como o yeti - o homem das neves, a mula-sem-cabeça, o boi-tatá, o boto-cor-de-rosa, saci, etc.

Após discussões, decidimos que faríamos as máscaras dos bichos, sua roupa e uma determinada evolução na rua do centro da cidade. Os bichos escolhidos foram os animais lendários, cabendo a outros grupos fazerem outros bichos, como: a girafa, arara, mico-leão. A opção pelos lendários deu-se por fazerem parte da nossa cultura, contos, crenças e histórias e, devemos mantê-los vivos em nossas memórias.

Os materiais usados para confeccionar o figurino foram coletados pelos alunos. A cabeça do boi-tatá foi feita com jornais colados pedaço por pedaço até formar a cabeça. Para confeccionar a mula-sem-cabeça utilizou-se um pano grande e celofane, representando o fogo.

As crianças decidiram que usaria as fantasias, trocaram idéias e materiais. Envolveram-se. Definiram a evolução no pátio e os movimentos que dariam mais graça à apresentação.

No dia do desfile, fomos para a cidade de ônibus, transportando o figurino. Os alunos estavam impacientes, querendo desfilarem e descer a avenida.

A escola organizou o seu desfile em três partes: a primeira, um grupo de alunos vinha à frente trazendo as bandeiras nacional, estadual, municipal e a da escola, seguida por outros que evoluíam fazendo uso de bolas de basquete, futebol e vôlei. A segunda parte compunha-se da fanfarra e de alunos que levavam cartazes sobre os direitos do cidadão; e o terceiro, o grupo de teatro com a evolução dos animais folclóricos, que andavam em ziguezague e, de vez em quando, corriam de um lugar para outro, despertando alegria e surpresa ao público presente.



O desfile realizado pela escola tinha por objetivo levar alegria e divertimento, com suas evoluções, e convidar o público a uma nova reflexão sobre a preservação do meio-ambiente e do mundo utilizando a marcha cívica como uma forma de conscientização da população.



Figura 12 - Representações no desfile de "7 de Setembro"

O trabalho do teatro também abrangia as salas de aula. Alguns professores pediam para os animadores e aos alunos do grupo que realizassem alguma atividade para a classe. Assim, foram realizados alguns jograis para estimular a aprendizagem. A partir de textos infantis se procurou despertar o gosto pela leitura nas séries iniciais. Buscou-se textos infantis que pudessem ser contados e encenados. Às vezes, utilizava-se de desenhos ou de uma gravura para ilustrar a história e os contos.

Também o grupo de teatro realizou um trabalho sobre o meio-ambiente. Para isto, tivemos que caminhar pelo bairro para observar quanto lixo é jogado fora. Durante a caminhada diziam que o lixo entope os bueiros e ajudam a criar ratos. Deveriam ser colocados em sacos bem amarrados para que não esparramassem pelo chão e, alguns materiais poderiam ser reaproveitados, como: latas, garrafas de refrigerante de plástico, rolos de papel higiênico, tampinhas, etc. Eles foram coletados para depois serem reciclados e reutilizados nas Oficinas de teatro, para a criação de fantasias, decoração do palco, etc.

Também fomos até o aterro sanitário - onde é jogado grande quantidade de lixo da cidade. As crianças comentavam do aterro, do fedor e dos corvos. Aproveitamos para trazer madeira para os nossos trabalhos. Alguns materiais foram reciclados na escola, como as embalagens de caixas de maçã, caixas de ovo e de banana. Estes materiais reciclados também foram entregues a alguns professores para serem utilizados em trabalhos pedagógicos.

O grupo de teatro, durante a semana, também apresentava algumas atividades na hora do recreio e na sexta-feira, depois do almoço, ficava ensaiando suas peças. Os alunos não queriam ir para casa, ficavam ensaiando e diziam que na escola o tempo era muito bem aproveitado.

Assim, durante a semana junto com outros grupos realizavam seus trabalho de animação. O grupo de teatro ajudava a animar o ambiente da escola, assim com as máscaras construídas as crianças brincavam e dançavam, interpretavam e imitavam um personagem, se juntavam com o grupo de dança, de arte, música. Realizavam shows musicais, karaquê, cantavam músicas sertanejas e cantigas de roda. Havia também espaços para soltar pipa, brincar de bolinha de gude, de boneca e de carrinho.



As crianças também aproveitavam para frequentar a biblioteca, para lerem gibis, histórias e outros assuntos de seu interesse. Não frequentavam a sala de vídeo com assiduidade, pois faltavam pessoas que as levassem. Também havia alunos que não faziam atividades e que preferiam estar observando ou descansando. Durante a semana, no horário de entrada, havia um local com muitos papéis, já usados, mas que poderiam aproveitar o outro lado da folha, para desenharem ou escreverem versos, poemas e recados, os quais eram pendurados num varal ou colados num mural.

Também na escola havia a preocupação de se trazer grupos de teatro que viessem a estimular as atividades de animação (Equipe Pedagógica).

O grupo "Fora de Sério", que apresentou-se com a peça "O Pantaleão", despertou o interesse e a curiosidade, principalmente pelas máscaras e a maquiagem. Também o palco chamou atenção, pois era apenas um caixão onde se encontravam todos os apetrechos do cenário e figurino. O grupo do Ceará trouxe para a escola músicas folclóricas, como: o marinheiro, o avião, o cirandeiro, alegrando as crianças, que imitavam o avião e cantavam em roda. O grupo de capoeira, com seu ritmo e movimento, fez com que as crianças quisessem participar da ginga, brincar e dançar.

Com a coleta de materiais de sucata e a colaboração do animador também foram criados, pelas quintas séries, brinquedos de plástico e de madeira: fliperama, carros, aviões, sinuca, etc. que estimularam o trabalho de Matemática, pois entravam em contato com os números e medidas para confeccioná-los.

As crianças falavam de suas invenções e criações. Uns diziam que o avião era muito grande e que não conseguiria voar, o fliperama precisava de mais obstáculos. A sinuca precisava de mais buracos para ser melhor. Com esses brinquedos as crianças se divertiam em dupla, havendo sempre a cooperação. O professor comentava que este trabalho incentivava os alunos a criarem, a se divertirem e a estimular mais a aula.

O trabalho de construção de brinquedos também ajudou a realizar algumas atividades de redação na aula de Português, onde a professora da classe aproveitou a motivação existente, a experiência vivida por eles, para fazê-los escrever. As histórias eram ricas em detalhes.



Este era o ambiente da escola, durante a semana. As brincadeiras criadas, interpretadas, dançadas, cantadas pelas crianças e estimuladas por alguns grupos que vinham à escola juntamente com animadores e professores, tornavam-o alegre e acolhedor.



Figura 13 - O dia-a-dia no Ciep.

CAPÍTULO VI

ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO DA PROPOSTA - O PROGRAMA DE ANIMAÇÃO CULTURAL SUGERIDO

6.1 Conceito de Avaliação de Programas

A avaliação representa um instrumento educacional para verificar o ensino/aprendizagem, o envolvimento do educando e dar continuidade à sua formação. É um processo contínuo que deve se realizar no decorrer de todas as fases do desenvolvimento do programa.

A avaliação deve ser compreendida como parte integrante e intrínseca do processo educacional (Parâmetros Curriculares Nacionais).

Em termos de avaliação de programas no âmbito da animação cultural/lazer, as respostas obtidas devem ser diferentes em relação à realizada na avaliação tradicional, que observa e valoriza o trabalho final do aluno.

Os dados desta pesquisa foram obtidos durante todo o processo de desenvolvimento das atividades de lazer, acompanhando e respeitando os interesses e necessidades dos educandos.

As observações e análises se deram ao nível da relação lazer/escola. Essa relação é vista por muitos como não fazendo parte do processo escolar, sendo o lazer, muitas vezes, visto como algo sem importância, perda de tempo e que não acrescenta nada à formação do educando.



Esta pouca valorização do relacionamento entre escola e lazer pode ser diminuída se o lazer for considerado como uma condição humana e que faz parte da escola, do processo educacional e da vida.

Os critérios que conceituam o lazer são determinados pela industrialização e urbanização que mudaram os valores da sociedade. O fato do lazer ser visto como uma conquista social do sujeito ou apenas como uma alienação, é fruto e reflexo de nossa sociedade, que prioriza o trabalho vendo o lazer como um direito e prioridade de quem trabalha e não como um bem cultural destinado a todos os indivíduos.

A animação cultural/lazer é um processo de transformação e recriação do mundo e do ser humano. A efetivação da animação depende e é determinada pelas condições políticas e sociais da sociedade.

Numa sociedade em que a animação cultural/lazer não é muito valorizada as possibilidades de estruturação e concretização desse trabalho são limitadas.

A animação possibilita a oportunidade de aquisição de informações, interação entre os educandos e a ampliação de seus conhecimentos, permitindo sua participação e envolvimento tanto no plano cultural como social.

O importante é o reconhecimento e a compreensão da animação cultural individual e grupal, respeitando as condições em que são realizadas, evitando sua banalização. Através da ação da animação pretende-se valorizar o sujeito que interage, se descobre, cria, vive e compartilha e se socializa.

6.2 O que e como foi avaliado o Programa de Animação Cultural

As observações e análise dos resultados do trabalho de lazer, desenvolvido junto às crianças, inserido na Animação cultural na Escola Integral de Educação Pública "Oniva de Moura Brizola", são



realizadas nessa seção quanto aos aspectos:

- a) Participação das crianças nas atividades realizadas;
- b) Envolvimento, interação social e cooperação entre as crianças;
- c) Entrevistas realizadas com alunos, professores, animadores e diretor da escola sobre a atividade de Animação cultural desenvolvida.

a) Participação das crianças nas atividades realizadas

As crianças participaram no teatro, criando inúmeros figurinos, como: a roupa dos quatro elementos: água, terra, vento e fogo. Essas eram confeccionadas com papel celofane, lençol velho, jornal usado. Eram costuradas, pintadas e coladas e cada uma delas tinha uma cor diferente - que representava uma figura da peça. Nos ensaios criaram-se alguns códigos de reconhecimento para entrarem no palco e saírem. Discutiram que tipo de música devia-se colocar na peça. Optou-se por uma música lenta, em comum acordo. Cada ato era cronometrado para não atrasar a apresentação da peça e havia uma preocupação com a combinação do ato e a música. Também criaram para o circo suas fantasias, onde foram buscar pedaços de bambolê ou de mangueira, tecidos coloridos, "cane calone", papel-jornal, cartolina, tinta-guache, caneta hidrocor, pedaços de elástico, pintura para a maquiagem, purpurina de várias cores e outros. Com esses materiais foram criadas as fantasias, como, a de palhaço, trapezista, mágico e domador. Durante os ensaios, os alunos inventavam movimentos e improvisavam falas, imitavam alguma peculiaridade dos bichos, dos palhaços e do mundo circense. Tinham muita alegria e vontade de realizar e apresentar.

Nos jogos e brincadeiras realizados pulavam, viravam cambalhota, estrela, andavam de mãos dadas, iam correndo de um extremo ao outro.

Em suas conversações, se deleitavam e contavam histórias e falavam o que pensavam das coisas do mundo; cantavam e se divertiam muito, no grupo.



Na atividade das alegorias no chão procuravam colaborar com os colegas e realizar a procura dos materiais para decorar os desenhos que iam ser preenchidos. Foram buscar no bairro muito pó de serragem pois este era o elemento essencial para o trabalho.

Pediram para os alunos de todas as séries da escola que trouxessem materiais para completar e realizar o evento.

Assim, a turma, durante algumas semanas, realizou o tingimento da serragem com o pó xadrez.

Na atividade da procissão de luzes, o grupo tratou de realizar a colagem das diferentes figuras geométricas com papel celofane de variadas cores. Foram buscar na vila alguns pedaços de pau, como: cabos de vassoura, que serviriam como suporte para segurar as figuras e dentro destas estariam sendo colocadas as velas.



Figura 14 - Representação da procissão de luzes.

Participaram da evolução, dos ensaios e do percurso traçados na vila, para a sua caminhada.

No trabalho da comemoração da festa cívica, o grupo realizou, para participação, o bloco: "Os animais Lendários" - que saiu à rua para festejar o dia da independência. A confecção de fantasias, como: o boi-tatá, mula-sem-cabeça, o saci, era feita com papelão, jornal usado, lençol velho e outros materiais.

Nos trabalhos realizados pelas crianças utilizamos os materiais descartáveis e convencionais, como: caixinha de fósforo, palito de sorvete, rolo de papel higiênico, papelão, pedaços de retalho, tampinha de garrafa, folhas secas e verdes, casca de ovo, pó de serragem, pedaços de madeira, papel de caderno usado, copos e garrafas de plástico, jornal, latas de refrigerante, e outros. Esses materiais se mostraram de grande utilidade para a criação dos nossos trabalhos. Junto a estes foram utilizados materiais convencionais, como: tinta guache, pó xadrez, tecidos, celofane, "cane calone", tinta para maquiagem, linhas, elástico, cartolina, sulfite, canetas e hidrocores, etc. Os materiais foram usados de acordo a sua função e sua manipulação pôde brindar a criação de fantasias e cenários.

A realização dos trabalhos dava-se nos locais da escola, como o anfiteatro, quiosque ou sala de aula.

Os lugares onde foram realizados o trabalho de Arte cênica eram deixados limpos, arrumados e guardados os materiais para a próxima turma que fosse utilizar o espaço físico.

As crianças do grupo eram nossas amigas; estas se mostravam muito brincalhonas e peraltas, carinhosas e amorosas. Existia um clima de amizade e muito respeito entre nós e seus trabalhos.

Nas atividades desenvolvidas sempre acompanhávamos de perto, seus trabalhos, dialogando e orientando e dando atenção e importância a suas sugestões para atender seus interesses e necessidades.

Eram chamados pelo seu próprio nome e qualquer apelido colocado em um aluno, por algum membro do grupo, deveria ser discutido, conversado e combinado para que não fosse usado. Os problemas eram resolvidos com participação e união.



b) Envolvimento, interação social e cooperação entre as crianças

O trabalho realizado em teatro teve a saída de alguns alunos no início, pois tinham escolhido a atividade e não gostaram. Foram para outra atividade.

Como disse A.M.: "eu havia escolhido a aula de teatro para eu começar. Quando entrei vi várias crianças brincando de ambulância, de guarda, etc. Não achei muita graça naquilo, mas eu fiz um pouco, junto com as crianças". Outra criança - B.R., que também desistiu da atividade se expressava: "esta aula não tem nada a ver comigo, vou escolher outra".

Após a saída desses alunos o grupo não sofreu outras trocas de atividade.

Durante o desenvolvimento dos trabalhos, as crianças se envolviam, participavam, e se integravam às atividades, paulatinamente. No início da atividade teatral, alguns alunos não queriam ir à frente do grupo para demonstrar determinado movimento ou imitar um personagem; havia timidez por parte de alguns.

Através de alguns jogos, pouco a pouco, foi-se tirando este medo de errar ou de imitar um personagem. O que colaborou muito com esta desinibição foram exercícios, como os versos e poemas declamados pelos alunos. Aos poucos, foram adquirindo confiança para representar e se "soltar". Outro aspecto que colaborou para que estas crianças se desenvolvessem na representação foram as crianças do grupo.

Nos jogos elas representavam com mais desenvoltura, diziam que não tinham medo de errar e que podiam imitar. Algumas crianças que se adaptaram melhor desde o início do trabalho, representavam personagens de seu cotidiano.

Pouco a pouco foram se integrando ao grupo, e se envolvendo no trabalho de teatro.

Da mesma forma, na construção dos personagens, existiu a troca de diálogos e materiais, para criar e recriar. Ao costurar ou colar um pedaço de lenço, ou pregar um pedaço de madeira exercita-se a visão, a coordenação motora, entra-se em contato com alguns materiais de aspecto sólido, áspero, fino, grosso, frio, gelado, etc. Este contato permite aguçar os sentidos da criança. A busca pelos



alunos, da música apropriada para a peça, despertava a pesquisa de sons, a discussão de determinados autores de música (e qual adequava-se melhor à nossa peça: uma música sertaneja, samba, erudita, pagode, de roda, de circo). O grupo se envolvia em grande discussão e diálogo para inserir uma determinada música.

Os trabalhos eram realizados em diálogo mútuo e troca de experiências. A criação da atividade cênica permitia entrar em contato com a criatividade, alegria, diversão, relaxamento e socialização.

Ao buscar materiais do meio para as criações despertava-se a consciência ecológica pois procurava-se realizar o aproveitamento destes materiais para serem usados pedagógica e ludicamente.

Havia uma empolgação em todos pelos trabalhos realizados, nos quais participavam e se envolviam ludicamente. Também havia a participação dos professores sugerindo tópicos e ajudando a trabalhar, cooperativamente, os temas.

A animação trouxe para estes alunos a vivência do lazer, para seu crescimento pessoal e social, para estimular a sua aprendizagem e mudar a rotina da escola, com mais alegria. Problemas não faltaram, mas com muita união foram sendo solucionados, para ter um lugar atraente de estar e aprender.

c) Entrevistas com alunos (Anexo 1a) e com animadores, professores, e diretor (Anexo 1b)

A contribuição do teatro para o desenvolvimento da criatividade, criticidade, expressividade, sensibilização e cooperação dos educandos pode ser avaliada através de depoimentos contidos nas entrevistas realizadas com tais alunos.

O aluno PAUL, ao realizar o teatro disse: “eu adoro fazer teatro; sempre foi meu sonho um dia entrar num palco, talvez ninguém pense igual a nós” (ANEXO 2a).

Pôde-se perceber que essa atividade satisfaz um desejo que ele tinha. Despertou o sentido de união, pois ele não pensava em si próprio, mas sim dava mostras do desenvolvimento do espírito de grupo e de amizade com seus colegas de palco.

O crescimento do aluno e sua sensibilização através dessa atividade pode ser observado através do depoimento de FAB, que diz: “pra mim teatro é uma coisa do mundão transferido para um pequeno espaço, que é o palco. O teatro é uma coisa que, às vezes, nos traz alegria e, às vezes, tristeza. E completa seu pensamento dizendo que; “teatro é gostoso de fazer porque traz alegria a si e aos outros também, que estão assistindo” (ANEXO 2b).

Foi observado também que, com as diversas atividades realizadas, possibilitou-se aos alunos a ampliação e aguçamento da expressividade, tanto corporal como verbal, pois através do envolvimento, nas diversas etapas do trabalho, demonstraram a percepção e valorização da interação com os amigos e com o público.

Esse relacionamento além de estimular a livre expressão também despertou a criatividade e criticidade, pois a partir dos temas trabalhados tinham contato com situações de sonho e magia e também com as de seu cotidiano.

Situações de crescimento pessoal e social podem ser percebidas através das falas de MIC, WAG e PRIS - quando nos dizem, respectivamente, que: “eu achei super interessante porque a gente tem um diálogo com o público!”, “teatro para mim foi muito gostoso... Mas o que estraga é aquelas pessoas que dão esculacho!” e “o teatro foi a coisa mais linda que já fiz na minha vida. Nas outras escolas não tive essa aventura tão linda quanto a que nós estamos fazendo!”.

Essas frases mostram a grande valorização das crianças quanto à interação suscitada pelo teatro, o aumento da sua criticidade frente à falta de colaboração de alguns alunos, em alguns encontros, e da inexistência desse tipo de trabalho em outras unidades escolares.

O trabalho com o teatro também estimulou nas crianças o crescimento da auto-estima, pois através das várias experiências, elas iam percebendo que era necessário muito esforço para se chegar a um resultado positivo. Foram notando que tinham a capacidade de representar os personagens, de



memorizar os textos, passando a perceber e acreditar que eram capazes de ter boas atuações nas peças.

Tudo isso estimulava grandemente o sentimento de esforço e participação, o que as levava a uma mudança de atitudes frente a suas reais condições e possibilidades.

Através das diversas experiências com as atividades do teatro percebeu-se que, as crianças foram estimuladas a buscar diferentes assuntos, o que as conduzia à pesquisa e a enriquecedoras discussões. Essa situação pode ser confirmada através das frases dos alunos REG e SIM, quando dizem, respectivamente, que: “eu pensava que o teatro era uma coisa só de toque de mágica, mas aprendi que não é só isso. É preciso ter garra, ter força e embasamento... E pretendo fazer mais teatro!” e “Nunca tinha feito teatro na minha vida, foi divertido! ... Para fazer e apresentar um teatro a gente tem que pensar e mostrar que a gente pode ser alguém!”.

Através destes depoimentos, nota-se o sentimento de auto-valorização, o crescimento da auto-estima por se sentirem importantes ao participar das atividades.

A colaboração da atividade do teatro na Animação Cultural pode ser constatada através de alguns depoimentos e entrevistas realizados junto aos animadores culturais, corpo docente e diretor, diretamente ligados aos alunos da 5ª série A.

Dentre os depoimentos está o do Animador ODA quando afirma que: “através das atividades os alunos tiveram oportunidade de trabalhar com papel machê na fabricação de máscaras, de confeccionar figurinos e de aprender técnicas de maquiagem...”. Esse animador aponta, também, que “com a apresentação de peças dentro e fora da escola, com a assistência da comunidade as crianças sentiram-se recompensadas pelo esforço e dedicação nos ensaios”.

Quanto à socialização, ROS comenta que “os alunos acostumaram-se a ter atividades prazerosas e de interesse de cada classe as quais contaram com o empenho de todos, estimulando também o contato e a integração entre eles”. E comenta que o trabalho com as “Alegorias no Chão”, “incentivou a socialização, a criatividade e a coesão do grupo, valorizando-se tanto o processo como o produto final. As crianças se sentiam motivadas ao verem os resultados de seus trabalhos”.



As entrevistas realizadas com os animadores revelam, também, que alguns trabalhos desenvolvidos pelas crianças visaram dar continuidade a assuntos vistos em sala de aula, como temas relacionados ao meio-ambiente e reaproveitamento de materiais descartáveis, figuras geométricas e outros que colaboravam para a ampliação de seu universo cultural e ajudavam a fixar os conceitos de uma forma gostosa e descontraída.

O animador ODA comenta que apesar de algumas dificuldades encontradas, como a falta de colaboração de alguns professores e inspetores de alunos, falta de espaço e de material, a "Animação cultural foi muito positiva e que as crianças tiveram a oportunidade de conhecer uma escola diferente com teatro, dança, brincadeiras ...".

Assim, pode-se interpretar através das palavras dos animadores, que o trabalho com a Animação cultural proporcionou aos educandos variadas oportunidades de atividades culturais, as quais contribuíram para seu crescimento, levando-os a conhecer e vivenciar, no cotidiano escolar, várias experiências. Essas incentivaram o convívio com os amigos e tornaram a escola um ambiente mais alegre de estar e de aprender.

Em relação aos professores, à princípio, alguns deles não se envolveram totalmente na Animação cultural, por não terem tido muito contato com esse tipo de trabalho ou por não perceberem a importância dessas atividades para o desenvolvimento e boa formação das crianças.

O depoimento de JOA quando diz "não conheço a programação da animação cultural", demonstra a falta de envolvimento com a proposta, pois no momento da entrevista, todos os professores já haviam tido contato com as diversas atividades da animação e todas as classes já tinham participado das atividades de lazer.

Através das entrevistas, notou-se certa falta de clareza quanto aos objetivos do lazer, as formas para o desenvolvimento das diversas atividades na escola e também a confusão entre as denominações "Animação cultural" e "Lazer".

Esse fato fica claro no depoimento de MAR quando afirma que: "no caso da minha classe a Animação cultural tem ajudado na socialização e aprendizagem dos alunos, mas o lazer não".



Isso demonstra que, apesar dos diálogos e explicações dos objetivos da proposta de lazer, inicialmente havia certa dificuldade a respeito da definição de Lazer e Animação, o que levava alguns professores a interpretarem animação e lazer como processos diversos. Mas, após conviverem com as diversas atividades, foi possível um melhor entendimento da função dos animadores culturais, que é a de promover os valores do lazer, suscitar iniciativas e estimular as variadas práticas de lazer, junto aos educandos e à comunidade.

Outra dúvida levantada por alguns professores se refere à liberdade que deve ser dada à criança na escolha das atividades.

Através da análise de algumas entrevistas foi observado que um número reduzido de docentes diziam que o aluno deveria ter total liberdade para decidir qual trabalho desejava desenvolver e que ele precisava aprender a utilizar seu tempo livre.

MES afirma isto ao dizer: "acho que a animação cultural deveria proporcionar e orientar os alunos interessados em como usar bem o tempo livre, dando até idéias, mas nunca impondo-as".

Porém, isso já ocorria desde o início do trabalho da Animação, pois desde o primeiro encontro a criança tinha a oportunidade de ter contato com as diversas Oficinas Culturais, podendo fazer a opção pela que mais lhe aprouvesse, contando, também, com alguns dias para alterar sua opção. E uma vez que sua escolha já estivesse definida ela deveria permanecer no trabalho até seu final.

Buscava-se, também, esclarecer aos professores que através do envolvimento com as atividades, o aluno estava sendo estimulado a conhecer as diversas opções de lazer que ele poderia estar realizando, dentro e fora da escola e a importância dos trabalhos terem um começo, um meio e um fim. Só assim teria um processo de conhecimento útil à sua formação e crescimento pessoal e social.



Dentre os depoimentos dos professores sobre os trabalhos com a Animação cultural na escola e sua importância e necessidade para os alunos, citamos alguns:

JOS afirma que: "A animação é um momento especial para o aluno. É no lazer que os alunos se integram e melhoram sua capacidade de viver socialmente. Devido ao período integral, é muito importante o lazer, pois é neste momento que os alunos descarregam as tensões e se identificam como pessoas".

O depoimento de ANAD está de acordo com o de JOS, ao dizer: "Animação cultural é um espaço para outras atividades que ajudam no desenvolvimento social, no relacionamento entre os colegas, pois é aí que eles têm chances de se soltarem mais do que na sala de aula".

Percebe-se nestas falas a valorização das atividades de lazer no desenvolvimento da interação entre os educandos, colaborando com sua socialização. É também um momento de divertimento, relaxamento e convívio entre os envolvidos, onde eles podem realizar atividades com maior liberdade de ação e de expressão.

IVE, ao comentar sobre o trabalho do lazer no Ciep, aponta a grande importância e necessidade da existência e desenvolvimento dessas atividades na escola de tempo integral, porque seria insuportável para os alunos ficarem o dia todo realizando tarefas escolares na classe.

Esse professor afirma que: "o lazer restaura as forças para reiniciar as aulas ministradas em classe... pois a criança possui muita vitalidade e precisa extravazá-la... e quer explorar e conquistar situações que a vida lhe oferece". E completa dizendo que: "os que estudam meio período fazem isso fora da escola; já, os do Ciep têm de fazê-lo aqui na escola. É uma continuidade da vida que não podemos bloquear".

As palavras de LUC complementam esse pensamento ao dizer que o lazer é "um momento que a criança tem para ficar livre, fazendo o que gosta, lendo, brincando, se divertindo ou jogando".

De acordo com outros educadores o lazer também ajudou nas aulas, dentro da classe. Segundo IDA, este "colaborou com a disciplina, ampliando a amizade e cooperação entre os alunos". As palavras de MAR estão de acordo com esse pensamento ao acrescentar que a Animação cultural



“ajuda na socialização das crianças, complementando o trabalho nas salas de aula com recreações, esportes e atividades culturais”.



Figura 15 - Crianças realizando estudo do meio-ambiente.

- **Entrevista com o Diretor da Escola**

Ao proceder à análise da entrevista realizada com PER - que era o diretor do Ciep, percebe-se seu grande interesse e desejo da existência da proposta de um trabalho com lazer. Do seu ponto de vista, a “Animação cultural desempenha um papel fundamental na educação e boa formação dos alunos”.

Isso pode ser observado em suas falas quando afirma que: “ao trabalhar com atividades, como: pintura, criação de brinquedos, dança, experiências em laboratório e outras, é estimulada a criatividade, são oferecidas condições para que as crianças utilizem seus conhecimentos e possam colocá-los em prática o que propicia seu desenvolvimento pessoal e social”.

Ao comentar sobre o teatro - que era uma das atividades desenvolvidas dentro da Animação cultural PER afirma que seu “maior sonho era fazer um festival de teatro, pois nesse trabalho além da criança ter que ler e entender o que está lendo, ela tem que criar personagens, tem que sair do mundo dela, estar criando e atuando dentro de um mundo imaginário relacionado ou não à sua realidade”.

Para PER, o teatro é fundamental no Ciep, pois por ser uma escola de tempo integral, esse trabalho pode estar estimulando sua participação na escola e tornando-a mais dinâmica. Para ele, as crianças ao lidarem com o teatro “vão ter que ler e vão aprender mais. Isso torna-se mais interessante”.

Através do processo criador o educando desenvolve sua auto-estima e se sente valorizado pelo que conseguiu realizar, pois recebe os aplausos e o reconhecimento dos colegas e da comunidade que tem a oportunidade de apreciar o seu trabalho.

Esse fato é comentado por PER que aponta: “no final só a pessoa que participa do teatro pode falar como isso foi importante; como ele se sentiu realizado com todo o trabalho: com tudo o que ele fez, tudo que leu, que colocou dentro dele, com o personagem que ele representou, com as palmas da platéia. Tudo isso é uma coisa que gratifica, que faz a pessoa se sentir importante”.

Para esse diretor, quando o aluno recebe os aplausos de uma sociedade, que geralmente o marginaliza e diz que ele não é capaz de realizar nada, se sente valorizado o que “vai fazer com que ele “brigue” cada vez mais para que, na sua vida, receba sempre aplausos e para mostrar que é um artista”. E, segundo PER “se for feito um bom trabalho com esse aluno ele vai lutar sempre para ser melhor e com isso pode-se criar um mundo melhor para essas crianças”.

Finalizando seu depoimento, PER comenta que: “o Ciep não é só mais uma escola, mas deve ser visto como um lugar que transforma a criança marginalizada em uma pessoa socialmente integrada (como um cidadão) à sua comunidade, cidade e país.

Através de suas falas pode-se observar que as atividades de lazer desenvolvidas junto aos educandos do Ciep puderam colaborar com o crescimento pessoal e social dos alunos e com uma mudança na rotina da escola, tornando-a um lugar mais aconchegante, onde as crianças se sintam alegres e estimuladas a participar e se envolver nas atividades propostas, tanto dentro como fora de sala de aula.

6.3 Uma nota final sobre o Currículo Escolar

As diferentes abordagens do currículo apresentam um enfoque ideológico, em sua estrutura e organização de conteúdos no ensino/aprendizagem.

O nosso currículo que é determinado pela Lei de um modo genérico diz que deve ser garantido ao aluno o pleno domínio da leitura, da escrita e de contar e, ainda levá-lo à compreensão do mundo natural e social. Mas o nosso currículo encontra-se distante da realidade do aluno. Apesar do currículo não endossar o ensino enciclopédico, a aquisição dos conteúdos está fora da realidade do educando. Se deseja um currículo mais próximo do cotidiano dos alunos, que se adote uma teoria segundo a qual se construa o conhecimento ao invés deste ser apenas assimilado. O nosso currículo, que devia abordar uma destas linhas teóricas, nem sempre as adota e nem as insere na prática pedagógica. Segue uma linha de pensamento, destacando apenas o desenvolvimento enciclopédico, conteudista. E isto, raras vezes, não ocorre. A nossa grade curricular é composta por disciplinas que objetivam o conteúdo e deixam em segundo plano o desenvolvimento social e afetivo.

As disciplinas, que compõem o currículo de 1º grau, ressaltam o saber livresco, o armazenamento de idéias ou “decorebas”. A aprendizagem ocorre não pelo interesse e gosto do aluno



e sim pelo medo e cobrança autoritária do próprio sistema escolar. Esta formação intelectual muitas vezes nem é conseguida. Dados estatísticos apontam isto e mostram que a evasão e a retenção aumentaram. Alunos são marginalizados e, de uma forma indireta são conduzidos, pelo sistema político escolar, à repetência e ao abandono da escola.

A alegria nesta escola é também quase inexistente, ocorrendo apenas em alguns minutos do recreio, em comemorações de algumas datas cívicas ou festas (junina e dia da criança).

Uma escola que trata seus alunos sem carinho e alegria para aprender e brincar e, que é guiada apenas por um currículo formal, se esquecendo que é preciso dar às crianças oportunidade para brincar e criar suas fantasias e sonhos - o que é próprio delas e que faz falta em sua vida, não é uma escola que pode brindar ao educando um espaço com poesia, com alegria de ir, ficar e frequentar.

Geralmente, o cotidiano da escola se resume em professores que passam lições e aplicam provas aos alunos, para que estes possam cumpri-las e passar de ano.



CAPÍTULO VII

CONSIDERAÇÕES FINAIS E DISCUSSÃO

A nossa sociedade capitalista, de maneira similar às outras sociedades que possuem esse sistema, passa-nos certos valores que são tidos como verdades consagradas. Destaca o trabalho como se este fosse um dos valores mais dignos do sujeito e o descanso, o divertimento e o lazer vistos como coisas sem importância e futilidades.

Desta forma, o trabalho é considerado digno, traz conforto e elevação espiritual do homem. A diversão é considerada como perda de tempo, não levando o ser humano a nada. Nessa situação, o homem é visto como quem está à toa, não dando lucro ao sistema.

Estas idéias estão presentes e inseridas no cotidiano das pessoas; são seguidas e respeitadas. Porém, constata-se que estes pensamentos são produtos de um sistema econômico que não valoriza o tempo livre e preocupa-se mais com a produção (a todo custo) e com a utilização das pessoas para aumentar o capital num menor tempo possível.

Os membros das famílias são obrigados a buscarem emprego para seu sustento e sobrevivência, levando-os a serem explorados e marginalizados por esse sistema. Os filhos, mesmo os mais pequenos, também trabalham para ajudar no orçamento familiar. Isto lhes tira, muitas vezes, as possibilidades de frequentar a escola e de terem oportunidades de brincar, descansar e se divertir, fatores muito importantes e imprescindíveis para o desenvolvimento da criança e para uma boa formação do ser humano.

As crianças, nesta sociedade, são conduzidas ao trabalho desde cedo e a deixarem de lado os estudos e as brincadeiras. O lazer, que é tão importante para seu desenvolvimento pessoal e social, é relegado a segundo plano e não é valorizado. Esta sociedade, que conduz as crianças ao trabalho, lhes tira o tempo livre para brincar, se divertir e ter alegrias. Muitas destas crianças são empregadas como empacotadoras de supermercados, no corte de cana, no sisal, na colheita da laranja, nas indústrias de costura de bolas de futebol, etc.

A maioria das crianças trabalha no setor de serviços, ilegalmente, executando, em geral, os mesmos trabalhos que os adultos e recebendo muito menos que esses (Correio Popular, 1998, p. 1).

As crianças, nestes ambientes de trabalho, vão perdendo sua característica infantil, deixando de lado, muito precocemente, seus jogos e brinquedos. Atingem a fase adulta sem vivenciar as brincadeiras que são próprias da infância. Vão perdendo a alma lúdica e a alegria de ser criança.

A exploração econômica do menor está presente em várias regiões do país, tanto nas zonas urbanas como nas rurais e, principalmente, nas famílias das classes trabalhadoras e menos privilegiadas. Tal fato (a exploração do menor como mão-de obra) vem do século passado. Lafargue (cit. por MARCELLINO, 1986, p. 90), comenta o depoimento de um rico manufatureiro, relatando os meios de distração para as crianças na jornada de trabalho: “ensinamos-lhes a cantar durante o trabalho, a contar, também, enquanto trabalham; isto as distraem e fazem-lhes aceitar com coragem aquelas doze horas de trabalho que são necessárias para lhes propiciar os meios de existência”.

Também na cidade de São Paulo, nos fins do século XIX, no período da industrialização, Esmeralda da Moura (citada por MARCELLINO, 1986, p. 90), observa: “o emprego de mulheres, menores e mesmo de crianças, como trabalhadores diretamente ligados à produção, economicamente necessários à família operária é recurso dos mais interessantes para o empresário industrial”.

Observa-se que, a exploração do menor para se obter lucro e enriquecimento era justificada tanto na Europa como aqui, com um discurso moralista, que apontava os perigos da ociosidade e da criminalidade dos jovens.



Segundo MARCELLINO (1986), os pais aceitavam empregar seus filhos na indústria para evitar o aumento de menores vagabundos nas ruas.

Percebemos que essa situação ainda ocorre nos dias de hoje, em nossa sociedade. Também sendo utilizada como desculpa para que essas crianças sejam empregadas e não fiquem nas ruas, ao invés de se dar a elas escola e condições dignas de vida.

Em nossa sociedade, ainda existe um grande número de crianças que estão na rua, abandonadas, pedindo esmolas e cometendo furtos para sobreviverem. A rua representa para elas um espaço de muita atração.

De acordo com RIBEIRO (1995), em país civilizado não existe menor abandonado; este possui escola, onde fica o dia todo. "Se foge ou escapa, é devolvido pela polícia ou pelo juiz, que até pode prender os pais" (Folha de São Paulo, 1995, p. 2).

Já, para as crianças brasileiras, carentes e abandonados, a rua representa um espaço de grande atração pois apresenta vitrines com roupas da moda, luzes coloridas e também a oportunidade de conhecer e aprender diversas formas e estilos de vida, passando, também, por situações de conflito e desafiadoras que influenciam sua personalidade e caráter. Essa situação também é decorrente do fato de que as crianças da classe menos privilegiada não têm casa e nem uma escola que lhes dê um ensino de qualidade, levando-as à repetência e constantes fracassos, que culminam com a evasão. De acordo com RIBEIRO (1995), "a criança brasileira das favelas e das periferias das metrópoles é tão maltratada pelo sistema educacional que o governo lhe dá que seu destino melhor é a rua" (Folha de São Paulo, 1995, p. 2).

Com a situação em que se encontram essas crianças, de acordo com RIBEIRO (1995), para elas "ruim é ficar em casa, curtindo fome, ... ou ir para o lixo procurar alguma porcária comível. MUITÍSSIMO melhor é a aventura da vida urbana em seu esplendor de luzes, vitrines, carros, passantes e sons, além da possibilidade de roubar alguém para comer e cheirar cola" (Folha de São Paulo, 1995, p. 2)

O contato com a ruas e vitrines, geralmente, gera uma situação de conflito e frustração pois o menor não tem dinheiro para adquirir esses bens, sendo, muitas vezes, conduzido ao tráfico para ganhar dinheiro e poder comprar os produtos que deseja. Pode também passar de traficante para consumidor de drogas e ser levado até a roubar para poder adquiri-las. Nos locais de trabalho e nas ruas frequentadas pelas crianças estas são marginalizadas e exploradas.

Para contornar esta situação, algumas medidas foram tomadas pelo Governo Federal como a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente, de 13 de julho de 1990, que estabelece a proteção à criança, proíbe o trabalho a menores de 14 anos de idade e prevê seu direito à educação, à prática de esportes e à cultura.

Outra medida tomada com relação às crianças que trabalham, ou estão fora da escola, foi a da renda mínima, que oferece um salário à família dessas crianças desde que estas voltem a frequentar as aulas. No Distrito Federal existe o projeto bolsa-escola, que "dá meio salário mínimo para as famílias de baixa renda por filho mantido na escola" (Folha de São Paulo, 1998, p. 8). Caso a criança venha a ter mais de 10% de faltas a família perde o benefício. Segundo o secretário da Educação do Distrito Federal, com esse programa menos meninos vão trabalhar nas ruas e mais famílias recebem o mínimo necessário para se manter e essa bolsa estimula a frequência à escola, diminui o abandono e a reprovação.

Os efeitos destas medidas adotadas em favor da criança ainda são pequenos, mas se mostram de grande valor e importância, visto que já demonstram alguns resultados positivos quanto à diminuição da evasão e repetência e ao aumento da frequência às aulas, por alunos de famílias de baixa renda.

Porém, a situação atual das crianças que trabalham, ou que estão nas ruas, ainda é preocupante pois muitas destas nunca foram à escola ou, se a frequentaram, repetiram várias vezes a mesma série e acabaram por abandoná-la.



A escola pública, de meio período, apresenta-se para a criança da classe pobre como uma opção para sua formação intelectual, física e social. É vista por ela como de grande importância, pois é considerada como um meio de preparação para o campo profissional e para se inserir na vida social.

A formação e preparação acontece pela construção e apropriação do conhecimento sistematizado e com a interação do aluno com o educador para fazer a leitura do mundo e de seu meio circundante.

Contudo, a nossa escola pública não deve ser um instrumento apenas de preparação de recursos humanos para implementação de políticas de desenvolvimento econômico. Ela não deve se transformar em formadora de mão-de-obra barata para os setores de produção que são considerados como prioritários em nossa sociedade. Mas deve, sim, formar o educando como homem e como cidadão e não apenas para as funções produtivas do mercado capitalista e para consumir produtos.

É preciso levar ao aluno o saber sistematizado e instrumentalizá-lo a pensar, agir, criar, e participar da vida política, social e cultural da sociedade. Este desempenho depende, também, das condições de trabalho docente e melhores salários, de uma boa estrutura escolar e da democratização escolar em todas as instâncias do poder.

Além desta função, a escola deve ser considerada, segundo ABRAMO, como "um núcleo de produção de valores democráticos" (ABRAMO, 1983, p.109). Ou seja, uma escola que permita a descoberta de idéias, estimule a criatividade, a troca de experiências e a convivência entre educandos e educadores com espírito democrático.

Sem a aquisição do conhecimento elaborado não há reflexão e ação para transformar a realidade vivida. A escola pública cumpre um papel relevante na instrumentalização e formação do educando, na transformação da realidade e para sua integração e participação na sociedade na qual está inserido.

Entretanto, esta formação é, em geral, comprometida porque a maioria das nossas escolas apresenta muitos problemas. A situação atual da nossa escola pública vem nos mostrar o momento delicado em que se encontra a grande maioria delas. Muitas apresentam problemas, como: a falta de



manutenção do prédio, falta de professores e pouca valorização destes, carência de materiais pedagógicos, currículos ultrapassados, estrutura centralizada, alto índice de evasão e repetência dos alunos, o descaso dos governantes com a educação, os vários períodos de funcionamento que, muitas vezes, são de três ou quatro turnos, o que atrapalha a qualidade da formação; a falta de espaço para que as crianças possam brincar, o que ocorre, geralmente, apenas no recreio, não havendo um projeto que oriente as atividades de lazer e a pouca participação e envolvimento da comunidade, são fatores que comprometem o funcionamento da unidade escolar e a qualidade do ensino oferecido.

Mas, apesar destes problemas enfrentados pela escola pública, esta é muito importante para a população carente pois encontra nela um meio para sua formação e participação na sociedade. Daí a grande procura, por parte desta camada, pela escola como meio de se educar e sair da miséria e exploração. O estudo também é valorizado por esta população por encará-lo como uma forma de encontrar serviço e melhorar de vida.

Dentre os problemas enfrentados pela escola pública, um dos maiores desafios é a problemática da repetência nas primeiras séries. As 1ª e 5ªs séries do 1º grau, segundo RIBEIRO (1986), se transformam em uma peneira. São estas séries que indicam quem vai seguir ou não os estudos. De acordo com este autor, são as crianças pobres que mais fracassam e a escola mesmo reconhecendo essa desigualdade, segue tratando-as como iguais sem reconhecer e respeitar sua individualidade.

A escola pode se mostrar como um espaço de construção do conhecimento e em favor das classes desfavorecidas. É um dos poucos espaços com que conta a população de baixa renda e que se mantém em condições de utilização pois, geralmente, os outros locais a que poderia ter acesso e usufruir para brincar e descansar, como: praças, ruas e parques ou estão sem condições de uso pela falta de manutenção ou não podem ser frequentados devido à violência. Estes espaços, que outrora podiam ser utilizados para brincar, já não podem mais ser usados como espaço de lazer e para preencher o meio período dos alunos quando estes não estão na escola.

Esta escola, que funciona em meio período, tem sua importância para a formação do educando. Mas é preciso caminhar um pouco mais, pois para a busca da solução dos problemas que ela enfrenta é necessário uma guinada no curso de sua história. Uma tentativa para isso consiste na extensão do seu horário de funcionamento, na mudança do programa curricular e na inserção de um projeto pedagógico comprometido com a formação real e ideal do educando, que atenda suas necessidades e interesses, ou seja, um ensino de acordo com suas condições e capacidades.

Na escola de tempo integral, as possibilidades de um melhor nível de ensino e aprendizagem são maiores havendo também condições da diminuição da repetência e evasão.

RIBEIRO (1986) comenta que o Ciep adota uma postura contrária à das escolas tradicionais. Assim, os alunos matriculados são agrupados em turmas de alfabetização, em turmas de novos, repetentes e renitentes. Os grupos de novos e repetentes formam, cada um deles, uma classe com 25 alunos. E com os renitentes são formadas classes com 20 alunos, sendo dividida em dois grupos de 10 crianças para receberem reforço escolar.

Com relação a estes grupos, ao invés de ter como objetivo o de apenas alfabetizá-los, "o que se visa é o desenvolvimento integral de suas potencialidades individuais e pessoais" (RIBEIRO, 1986, p.51).

No Ciep "Oniva de Moura Brizola" - o lúdico é parte essencial no processo de ensino/aprendizagem. A cultura do aluno é valorizada, sendo permitido a ele que desenvolva suas brincadeiras e jogos com liberdade, tanto no recreio onde pode descansar e realizar as atividades que gosta e traz de sua realidade para dentro da escola, como nas atividades de lazer que são proporcionadas aos educandos através da animação cultural.

Quanto aos alunos repetentes e renitentes, essa valorização de sua cultura, de suas atividades artísticas e realizações e o contato com material atraente de leitura são de grande importância pois estimulam seu sentimento, emoção e expressão plástica e despertam o desejo de ler, pesquisar e estudar, incentivando o hábito da leitura e colaborando para a melhoria de sua aprendizagem.



De acordo com Ribeiro "as atividades culturais possibilitam um encontro com o próprio prazer de aprender" (RIBEIRO, 1986, p. 49).

O lazer desempenha uma função importante no processo educacional dos alunos, para sua formação integral e para transformar o cotidiano escolar num ambiente atrativo de frequentar, aprender, criar e brincar, pois oferece a oportunidade privilegiada, desinteressada e prazerosa para seu desenvolvimento pessoal e social.

Esta escola não deixa o lazer de lado, sabe da sua importância para a formação dos educandos e dá a estes a oportunidade de praticá-lo no cotidiano escolar. Entende que as atividades lúdicas da animação cultural não são apenas um complemento a mais na formação do aluno. Compreende o lazer como parte integrante do processo de construção do conhecimento. No Ciep, a educação, a escola e o lazer são elementos interdependentes que caminham lado a lado no processo educacional, não devendo ser separados para poder oferecer melhores condições para o desenvolvimento e formação do educando.

No lazer, o educando tem a oportunidade de experimentar e vivenciar os diferentes interesses culturais. O espaço destinado aos alunos para o desenvolvimento das atividades de lazer, permite um tempo disponível ou um horário livre (antes ou após de seus afazeres escolares) para a realização das atividades de Animação cultural. Os locais criados no Ciep do Zanaga foram: o anfiteatro, a oficina artística, a quadra de esporte e o pátio, sendo também utilizadas algumas áreas como a sacada do prédio, os corredores e as salas de aula.

O tempo livre é o horário disponível que o aluno possui e tem a duração de uma ou duas horas. Neste horário, o educando realiza a atividade que escolheu livremente. Esta escolha não é imposta; é uma opção do aluno, porém conta com a orientação do animador cultural que tem como principal preocupação que a atividade escolhida preencha as expectativas e desejos do educando.

Dentre as várias opções existentes, os educandos puderam participar de dança, artes, música, confecção de brinquedos, jornal e correspondência, passeios e visitas a museus e exposições e da atividade de teatro.



Em todas essas atividades houve uma grande participação dos educandos e o trabalho em grupo é a solidariedade eram incentivados pois havia uma constante troca de idéias e de materiais para a realização dos trabalhos, o que colaborou com o desenvolvimento da criatividade, socialização e amizade entre os alunos, tornando o ambiente da escola mais descontraído, alegre e prazeroso de estar e de participar.

Nessas atividades de animação a arte está presente, liberando o espírito crítico e criador e ampliando a visão de mundo dos educandos.

A arte é importante na formação e manifestação do ser humano. Desperta, contagia e incentiva o aluno a fazer e criar seu mundo com sonho, fantasia, gosto e prazer. Ao realizar os trabalhos experimenta e organiza seu mundo interior e exterior. Desenvolve a sua sensibilidade, a personalidade, a afetividade, o cognitivo e a socialização e desperta o senso crítico. Nessas atividades, fala de seus sentimentos e emoções.

As atividades de animação levam a criança a ver, sentir, pensar, fazer, transformar, crescer e a expressar seu mundo fantástico e encantador e permitem que se torne um ser social, participante e ativo. Coloca a criança numa nova experiência de vida, de prazer, de participar, de realizar e de aprender (de forma agradável) a se expressar e auxiliando na sua formação como ser humano realizado.

A Animação dá a oportunidade para o educando construir e descobrir o conhecimento de forma agradável e sendo sujeito de sua própria aprendizagem. Estas atividades possibilitam a manipulação de objetos, criando-os, reconstruindo-os, estabelecendo relações e realizando intercâmbio de experiências.

Porém, não se deve forçar o educando a participar deste tipo de trabalho. Isso não acrescenta e não leva a nada. Mas ele pode ser incentivado a participar e a envolver-se neste.

A participação dos educandos pode ocorrer individualmente e coletivamente, fortalecendo o trabalho em grupo, que é importante para a vivência em comunidade.

Apesar dos aspectos positivos já salientados, o programa educacional do Ciep recebeu algumas críticas. Após sua implantação, em 1984, no Rio de Janeiro, esta escola foi criticada por sua

edificação vista como uma obra cara, de luxo e por atender apenas uma pequena parcela da população necessitada daquele Estado.

Porém, apesar dos custos para a construção e manutenção serem altos, o mais importante é que essa escola, realmente passou a modificar o sistema educacional que tínhamos e atender às necessidades da classe popular.

Outra crítica recebida pela escola de tempo integral é feita por PARO (1988), que aponta que uma das marcas do projeto de tempo integral dos CIEPs é sua característica assistencialista.

Com relação à escola integral, PARO (1988) afirma, ainda, que as medidas que o Estado adota são paliativas, sendo políticas que não visam mudanças estruturais nas áreas que mais problemas apresentam e necessitam de propostas de mudanças. E aponta como fator determinante para as soluções desses problemas e para o desenvolvimento do país a necessidade de ações de cunho político e econômico, que assegurem mudanças estruturais na sociedade.

Porém, o atendimento dado aos educandos da classe menos privilegiada, como: alimentação, tratamento médico e dentário, atividades de lazer e outras não se trata de assistencialismo, mas sim, de proporcionar-lhes as condições necessárias para que possam permanecer na escola, se desenvolver intelectual, física e socialmente e dar-lhes oportunidades para seu crescimento pessoal e social.

Quanto à situação comentada por Paro, sobre a falta de ações políticas e econômicas que visem solucionar os problemas educacionais, isso é realmente constatado na realidade do cotidiano do nosso sistema educacional. Porém, apesar das deficiências encontradas na escola de tempo integral, esta se mostra como uma alternativa e um meio de se buscar a transformação do sistema de ensino.

A escola integral tem a preocupação de oferecer à criança da classe menos privilegiada um ensino integrado, visando utilizar suas potencialidade para sua aprendizagem. Tem como proposta proporcionar inúmeras atividades que complementam o trabalho escolar em sala de aula com atividades recreativas, esportivas e culturais.

Isto é difícil de ocorrer na escola de meio período, pois suas propostas visam apenas o ensino formal, não havendo possibilidade, nem tempo disponível, para o desenvolvimento de atividades



como as culturais e lúdicas, que têm grande valor para o crescimento pessoal e social do educando e que colaboram e complementam o processo de ensino e aprendizagem.

Este fato é observado na pesquisa de LEONARDOS (realizada em 1988), que fez um paralelo entre escolas convencionais e de tempo integral, no Rio de Janeiro. Esta autora afirma que no CIEP eram oferecidas "aulas de música, artes, educação física, sala de leitura, TV... dança afro e capoeira as quais eram ensinadas em um programa complementar, em todos os sábados. ... A escola convencional, não oferecia atividades extraclasses e limitava-se às aulas ministradas pelo professor regente" (LEONARDOS, 1991, p. 53-55).

Além da importância das atividades de Animação cultural, que são realizadas pelo educando no horário livre (para seu crescimento e formação), há também o fato de que, ao estar presente e frequentar esse espaço oferecido pela escola integral, evita-se que ele esteja nas ruas e conviva com a marginalidade e violência.

Em um estudo realizado por ZALUAR e LEAL (1997), com pessoas pobres de diversas cidades e bairros do Rio de Janeiro, sobre a educação oferecida por escolas comuns e Ciep's foi apontado pelos alunos dos Ciep's, que a rua era o lugar mais perigoso (68%) o que também foi demonstrado pelos dados colhidos junto aos educandos da escola comum (42%) (p. 170).

Por esses motivos é de suma importância que a escola dê oportunidades para que os alunos permaneçam mais tempo na unidade escolar. Para isto, as atividades de lazer proporcionadas pela escola integral se mostram como uma alternativa para que os educandos saiam das ruas.

De acordo com RIBEIRO (1995), "só numa escola de tempo integral as crianças de periferia e das favelas metropolitanas têm possibilidades de se alfabetizarem, de aprenderem a aprender para progredir na vida em lugar de caírem numa marginalidade e delinquência compulsórias" (Folha de São Paulo, 1995, p. 2).

Outra crítica que o Ciep do Rio de Janeiro recebeu, por parte da diretora do INEP, é a de que este não possui uma proposta pedagógica de acordo com o avanço de seu projeto arquitetônico.



Quanto a isso, as autoridades educacionais do Rio de Janeiro "se declararam interessadas em colocar em prática uma pedagogia compatível com esse avanço arquitetônico" (Nova Escola, 1986, p. 56).

Dessa forma, foi criada a Consultoria Pedagógica de Treinamento, que, segundo a professora Lia Faria, este órgão "está empenhado na renovação dos métodos adotados na escola pública (Nova Escola, 1986, p. 57).

A proposta deste tipo de escola, de acordo com a equipe pedagógica do Ciep do Zanaga, de Americana, não é adotar um modelo pedagógico pronto e acabado, mas, sobretudo, a construção gradativa de uma escola democrática, crítica, honesta e eficiente, voltada para o interesse das camadas populares e que visa a mudança da realidade educacional existente na escola pública.

A proposta pedagógica da escola de tempo integral visa dar ao educando da classe menos privilegiada um ensino de acordo com a sua realidade, valorizando o que este traz de sua história de vida, da sua cultura, entendendo o seu vocabulário, seu linguajar e respeitando o seu pensamento. É uma escola que compreende o que este aluno pensa, fala e faz. Suas falas, nesta escola, são respeitadas, pois esta entende que seu processo de construção do conhecimento é permanente e constante.

Mediante a observação, valorização e utilização dos pensamentos e das falas do educando, com suas histórias e escritas, em interação com a mediação do professor, se dá a construção de seu saber. Nesta escola, o que importa no processo de construção do conhecimento e de formação do aluno é trabalhar seu envolvimento e participação, estimulando-o a avançar e superar os erros e instigar a criatividade e a crítica, para que ele supere as dificuldades em sua aprendizagem.

Nesta escola, há a preocupação por parte de todos os membros envolvidos, desde a faxineira até o diretor, em realizar um trabalho em equipe. Todos têm seu valor no processo educacional, as instâncias do poder são democratizadas, o diretor divide as responsabilidades com os professores e demais elementos da comunidade escolar. Todos assumem sua parcela na construção do fazer pedagógico e no funcionamento da escola, visando uma boa formação do educando.

No Ciep do Zanaga, o trabalho cooperativo entre os membros da escola é fortalecido, é oferecido, toda semana, um meio período para que a equipe pedagógica juntamente com os funcionários realizem discussões sobre como o trabalho foi realizado. É destinado um tempo para que as zeladoras, merendeiras e inspetores de alunos falem dos problemas ocorridos e sugiram soluções. Depois, há o trabalho da equipe pedagógica, que discute aspectos relativos ao andamento da escola, há debates, trocas de idéias, são programadas atividades integradas. Este espaço também é destinado à realização de palestras e oficinas pedagógicas.

Através destes debates, o trabalho em equipe é fortalecido, são avaliados se os objetivos traçados estão sendo atingidos e há também a discussão de outros assuntos necessários para o desenvolvimento dos trabalhos em classe e extraclasse.

No dia-a-dia desta escola a comunidade também é lembrada. Sua participação e envolvimento no cotidiano escolar é valorizado e incentivado. Os integrantes do bairro, como pais e pessoas interessadas em colaborar com a escola são convidados para as reuniões do Conselho Escolar, sendo dada a eles oportunidade de se manifestarem sobre o funcionamento da escola, sobre as festas e a respeito dos alunos. Neste espaço é dada às pessoas do bairro a possibilidade de estarem participando da organização de festas, eventos e exposição de seus trabalhos. Muitos destes também se interessam em trabalhar com os educandos e transmitir seus conhecimentos e aptidões artísticas. Ensinam a fazer artesanato, brinquedos, objetos e outras atividades.

Na escola integral também há a preocupação em criar material pedagógico para colaborar com o processo de ensino/aprendizagem e formação do aluno. São oferecidos materiais como caderno, lápis, borracha e uniforme, que são recursos essenciais para que os educandos possam prosseguir seus estudos. Muitos dos pais dos alunos do Ciep ganham pouco ou estão desempregados, necessitando "fazer bicos" para sustentar a família (trabalham como pedreiro, ajudante de obras, lavrador, frentista e outros), recebendo baixos salários o que torna difícil o envio dos filhos à escola e o custeio dos estudos deles.



Todo este atendimento realizado pelo Ciep do Zanaga, de Americana, visa dar um atendimento integral aos educandos da camada menos favorecida da sociedade. Isso ocorre pois sua filosofia está voltada para dar atendimento a essa camada da população. Há nesta escola, uma preocupação com a defesa e respeito à cultura do indivíduo, aliada à brincadeira, à alegria e a seu interesse e também há a proposta da utilização dos avanços tecnológicos para o atendimento de suas necessidades (o que também é defendido por MANACORDA - 1986).

Esta oportunidade de desenvolvimento integral e o oferecimento de inúmeras atividades complementares, como a Animação cultural, só são possíveis na escola de tempo integral.

A escola de tempo integral não é essencialmente destinada às crianças da classe pobre nem discrimina as da classe privilegiada. Porém os pais da classe rica têm recursos e condições para colocar e manter seus filhos em quaisquer outras escolas pagas.

Devido à realidade social e econômica das famílias de classe pobre e as dificuldades enfrentadas para que seus filhos nela permaneçam, a escola de tempo integral tem um papel importante pois visa dar chances para que estes alunos possam continuar seus estudos.

A escola de tempo integral foi inicialmente idealizada por Anísio Teixeira, que influenciou o educador Darci Ribeiro e suas idéias sobre esta constam da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96. Esta reforma tem a preocupação com a formação do educando, e entre os vários pontos destaca, no artigo 32: que o ensino fundamental terá a duração de 8 anos, será obrigatório e gratuito na escola pública, visando desenvolver no educando a capacidade de aprender, o domínio da leitura, da escrita e do cálculo.

E, no artigo 34, diz que a jornada será de pelo menos 4 horas de trabalho efetivo em sala de aula, sendo ampliado o período de permanência na escola, progressivamente, em tempo integral, à critério do sistema de ensino.

Esta lei é importante porque vem a garantir a inclusão da escola de tempo integral no Ensino Fundamental de nosso sistema educacional. Com isso é possibilitado que, na escola pública, haja tempo para que os educandos possam realizar atividades lúdicas e brincadeiras.



Mediante essa lei, na grade curricular devem ser incluídos o saber formal e informal, não sendo ressaltado somente o currículo tradicional, que visa a memorização de fórmulas, conteúdos e informações, mas sim o desenvolvimento da consciência crítica e o estímulo a participação e envolvimento nas salas de aula, sendo incentivada a crítica e a criatividade, dando-se liberdade a sua expressividade e manifestação estética.

É preciso que o sujeito seja visto como ser humano participativo e não como sujeito receptivo e passivo. O lazer também não pode ser esquecido pois este se mostra como um elemento de grande importância para a formação do educando e é necessário que este faça parte integrante do currículo para colaborar com o processo educacional dos alunos.

A inclusão da Animação cultural no currículo escolar é importante e essencial, pois as crianças da classe menos privilegiada não têm possibilidades de usufruir desta fora da escola. As atividades lúdicas do lazer ao constarem do currículo dão oportunidade para que os educandos possam ter espaço para participar, brincar, descansar, se divertir, sendo estimulada sua expressividade, criatividade e criticidade e proporcionando momentos de alegria, prazer e interação social que contribuem para o seu crescimento pessoal e social.

As propostas da escola de tempo integral - Ciep são possíveis de serem realizadas pelo nosso sistema educacional público. Para a efetiva concretização do projeto pedagógico em todos os seus aspectos como: atendimento de alunos da classe popular com a valorização de sua cultura, currículo que leve em conta sua realidade e necessidades, oferecimento de atividades de animação cultural (lazer) escolhidas livremente pelos educandos e realizadas no tempo livre, fornecimento de materiais pedagógicos, alimentação e tratamento médico e odontológico, visando seu desenvolvimento e dar a eles condições para que possam permanecer na escola, acompanhar os estudos e ter um ambiente que lhes permita brincar, participar e se integrar com os colegas cultivando um clima de alegria e satisfação.

Este tipo de escola e de ensino dão resultados, mas é de primordial importância que o principal objetivo seja o aluno e o processo educacional e não a promoção de algum partido político.



Um problema que, geralmente, ocorre quando há a troca de governo é o abandono dos projetos educacionais que estavam sendo realizados na administração anterior, mesmo que estes estivessem dando resultados positivos.

Seja qual for a sigla do partido político no poder é preciso que o projeto educacional implantado seja respeitado e aperfeiçoado. Este não pode permanecer alheio ao plano em andamento, apresentando outra proposta apenas para facilitar sua identificação.

É preciso que o projeto já implantado e, desde que esteja dando um bom atendimento aos educandos, seja submetido a uma revisão criteriosa para sanar suas deficiências, buscar soluções para sua melhoria e não apenas abandoná-lo (ou deixar como está), sem um acompanhamento e investimento.

Na maioria das vezes, as siglas partidárias, no decorrer da vida política do país, se impuseram, trocando ou abandonando projetos e, geralmente, sem que houvesse uma avaliação de seus resultados introduziram outros os quais, muitas vezes, não vêm ao encontro das reais necessidades educacionais.

O projeto educacional não deve estar nas mãos de poucos ou de um determinado partido político que a utiliza em benefício próprio, impedindo sua democratização. A educação deve estar acima da sigla política partidária para proporcionar um melhor atendimento e formação de nossos educandos.

A proposta da escola de tempo integral se constitui em uma alternativa a mais para a busca de um ensino mais justo e que possibilite o acesso de uma quantidade maior de pessoas da classe menos favorecida.

Este tipo de ensino visa uma educação integrada, onde todas as atividades desenvolvidas estão relacionadas com as disciplinas e objetiva a construção gradativa de uma escola democrática, crítica, honesta e eficiente, voltada para o interesse e necessidades das camadas populares.

Portanto, pode-se dizer que o programa do Ciep pode colaborar para a melhoria do nosso ensino público.



Esperamos que estas reflexões ajudem os educadores a agir e refletir sobre as questões discutidas neste trabalho e a buscarem um envolvimento cada vez maior para a melhoria do processo educacional. Ao atuarmos junto aos educandos, desejamos vê-los experimentando e vivenciando, práticas que vêm sendo negadas a estes pelo nosso sistema educacional, que vê suas experiências como desnecessárias e as relega a segundo plano, ou, simplesmente, não leva em conta sua importância.

Esta experiência que foi tão importante e gratificante para nós e, sobretudo, positiva para os alunos da escola, poderia ser realizada em outras unidades escolares e recriada por educadores que compartilham deste ideal. Afinal de contas, seria importante encontrar outros companheiros nessa jornada, pois “um galo sozinho não tece uma manhã” (João Cabral de Melo Neto).



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, P. Como está a Escola Pública Hoje? Como Transformá-la?. In: Nelson Piletti. Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º Grau. São Paulo. Ed. Ática. 1987, p. 107-109.
- ALVES, R. A Utilidade e o Prazer. Um conflito educacional. In: João F. Duarte Jr. Fundamentos Estéticos de Educação. Uberlândia, Minas Gerais. Ed. Cortez. 1981, p. 9-11.
- BANDET e SARAZANAS. A criança e os Brinquedos. Portugal. Ed. Estampa, 1973.
- BARBOSA, G. A. J. A Respeito da Formulação de uma Política Social do Lazer. Comunicarte, Campinas, PUCC. nº 2, 1983, p. 49-59.
- BENJAMIN, W. Reflexões: A Criança, o Brinquedo, a Educação. São Paulo. Ed. Summus, 1984.
- BOMTEMPO, E.; HUSSEIN, C.L. e ZAMBERLAN, M.A.T. Psicologia do Brinquedo. Aspectos Teóricos e Metodológicos. Eda Bomtempo (Coord.), São Paulo. EDUSP, 1986.
- BRAMANTE, A.C. Estamos Vivendo uma Civilização do Lazer. Revista Brasileira de Ciência e Movimento. Faculdade de Educação Física. Unicamp, Campinas, 1990 (mimeo).
- _____. Recreação e Lazer. O Futuro em Nossas Mãos. In Moreira W. W. (org). Educação Física e Esportes: Perspectivas para o século XXI. Campinas, São Paulo. Ed. Papirus, 1993, p 161-178

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAMARGO, L.O. de L. O Que é Lazer. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1980.

_____. O Lazer é um Perigo. São Paulo. Revista Veja, 1993, p. 8-10.

CARNEIRO, M.P. Treinamento de Voluntários para Atividades Comunitárias de Lazer. Boletim de Intercâmbio. Rio de Janeiro. SESC, v. 4, nº 16. 1983, p. 31-42.

CAVALCANTI, K.B. Esporte para Todos: Um discurso ideológico. Boletim de Intercâmbio. Rio de Janeiro. SESC, v. 4, nº 13. 1983, p. 12-19.

CHATEAU, J. O Jogo e a Criança. São Paulo. Ed. Summus, 1987.

DAMINELLI, M. Estudo do Meio e do Lazer. Boletim de Intercâmbio. Rio de Janeiro. SESC, v. 2, nº 8. 1981, p. 16-21.

DUARTE, M.S. Brinquedo: Uma estratégia pedagógica. Boletim de Intercâmbio. Rio de Janeiro. SESC, v. 6, nº 31, 1987, p. 14-20.

DUMAZEDIER, J. Lazer e Cultura. São Paulo. Ed. Perspectiva, 1976.



DUMAZEDIER, J. A Querela das Definições: in Sociologia Empírica do Lazer. São Paulo. Ed. Perspectiva, 1979.

_____. A Revolução Cultural do Lazer nos Centros Urbanos. São Paulo. Cadernos de Lazer 1, SESC, s/d. p. 44-52

_____. Questionamento Teórico do Lazer. São Paulo. SESC, s/d.

DURAND, M. El Niño y el Deporte. Madrid. Ed. Paidós, 1988.

FERREIRA, M e RIBEIRO, M.J.F. de A. Americana e sua História. Americana, São Paulo, Ed. Decet, 1996.

FILHO, J. I. de SÁ P. Lazer e Psicologia Preventiva. São Paulo. Cadernos de Lazer 3, SESC. s/d. p. 52-60

HAYDT, R.C.C. Crise na Educação. Porque? Thot, s/d.

HORTA, M.R.W.G. Os Brinquedos e o Processo Educativo. Boletim de Intercâmbio. Rio de Janeiro, SESC, v. 4, nº 17. 1984, p. 5-15.

HUIZINGA, J. Homo Ludens. São Paulo. Ed. Perspectiva, 1993.

KÜHNER, M.H. Teatro (por definição) Popular. Boletim de Intercâmbio. Rio de Janeiro, SESC, v. 4, nº 19, 1982, p. 37-46.



LEONARDOS, A.C. O Ciep como Inovação Educacional. Contexto & Educação, Universidade de Ijuí, nº 22, ano 6, abr/jun 1991, p. 46-64.

LAFARGUE, P. O Direito à Preguiça. São Paulo. Ed. Mandacaru, 1990.

LEONTIEV, A.N. Os Princípios Psicológicos da Brincadeira Pré-Escolar. São Paulo. Ed. Ícone, 1979.

MACEDO, C.C. de A. Domingo nas Praias. Reflexão, Pontifícia Univ. Católica de Campinas, nº 35. 1986, p. 62-73.

MAGNANI, J.G.C. Festa no Pedaco. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1984.

MANACORDA, M. A. Depoimento - Manacorda. Revista Ande, São Paulo. Ano 5, nº 10, 1986.

MARCELLINO, N.C. O Lazer e o Uso do Tempo na Infância. Comunicarte-Pucc, nº 7. Campinas, São Paulo. 1986, p. 89-98.

_____. Lazer: Animação e Participação Cultural. Comunicarte-Pucc, nº 8. Campinas, São Paulo. 1986, p. 61-68.

_____. Lazer e Humanização. Campinas, São Paulo. Ed. Papirus, 1995.

_____. Subsídios para uma Política de Lazer: O papel da Administração Municipal. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Faculdade de Educação Física. Unicamp, Campinas, 1990, p. 206-209



MARCELLINO, N. C. "Perspectivas para o Lazer: Mercadoria ou Sinal de Utopia". In: Moreira W. W. (org.). Educação Física e Esportes: Perspectivas para o Século XXI. Campinas, São Paulo. Ed. Papirus. 1993, p. 181-196.

_____. Lazer e Educação. Campinas, São Paulo. Ed. Papirus, 1990.

_____. A sala de aula como espaço para o "jogo do saber". In: Regis de Moraes (org.). Sala de Aula. Que espaço é Esse? Campinas, São Paulo. Ed. Papirus. 1995, p. 59-70.

_____. Pedagogia da Animação. São Paulo. Ed. Papirus, 1990.

MARTINS, C. A. Aspectos Históricos e Sócio-Econômicos da formação dos Municípios de Americana, Nova Odessa e Santa Bárbara D'Oeste. São Paulo. Ed. Decet, 1991.

MEDEIROS, E.B. Brincadeiras e Brinquedos como Manifestação Cultural. São Paulo. Cadernos do E.D.M. - USP, 1988.

MIZUKAMI, M. de G.N. Ensino, as Abordagens do Processo. São Paulo. Ed. Epu, 1986.

OLIVEIRA, P. de S. Brinquedos Artesanais & Expressividade Cultural. São Paulo. Ed. SESC, 1982.

_____. Tempo Livre, Trabalho e Lutas Sociais. Reflexão, Pontifícia Univ. Católica de Campinas, nº 35. 1986, p. 7-14.

PARKER, S. A Sociologia do Lazer. Rio de Janeiro. Ed. Zahar, 1978.



PORCHER, L. Educação Artística. Luxo ou Necessidade? São Paulo. Ed. Summus, 1982.

REQUIXA, R. Sugestões de Diretrizes para uma Política Nacional de Lazer. São Paulo. Ed. SESC, 1980.

RIBEIRO, D. O Livro dos Cieps. Rio de Janeiro. Ed. Bloch, 1986.

RODRIGUES, N. Lições do Príncipe e outras Lições. São Paulo. Ed. Cortez/Autores Associados, 1984.

SAVIANI, D. O Ensino Básico e o Processo de Democratização da Sociedade Brasileira. Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 1984 (mimeo).

SEYBOLD, A. Princípios Pedagógicos de la Educación Física. Buenos Aires. Ed. Kapeluz, 1974.

SILVEIRA FILHO, N. X. da. Avaliação do Enfoque Dominante de Currículo na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Santos. Educação e Avaliação. São Paulo. Ed. Cortez, 1 (1) jul 1980.

SLADE, P. O Jogo Dramático Infantil. São Paulo. Ed. Summus, 1978.

SNYDERS, G. Alunos Felizes. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra, 1993.

TEIXEIRA, A. Educação não é Privilégio. São Paulo. Ed. Nacional, 1977.



TEIXEIRA, A. Uma Experiência de Educação Primária Integral no Brasil. Brasília. Ed. Inep, 1962.

_____. Centro Educacional Carneiro Ribeiro. Brasília. Ed. Inep, 1959.

_____. A Escola Parque da Bahia. Brasília. Ed. Inep, 1967.

TEIXEIRA, G. Perspectivas do Lazer na Próxima década. Cadernos de Lazer 2, SESC, s/d.
p. 14-21

VALE, J.M.F. "O Diretor de Escola em Situação de Conflito". In: Teresa Roserlei N. da Silva (org.).
Especialistas do Ensino em Questão. São Paulo. Ed. Cortez. 1982, p. 37-50.

VALLE, L.A.B. do O Lazer como Resistência. Rio de Janeiro. Forum Educacional, 1988. 12 (4)
p. 44-50

VYGOTSKY, L.S. A Formação da Mente. São Paulo. Ed. Martins Fontes, 1984.

YURGEL, M. Urbanismo e Lazer. São Paulo. Ed. Nobel, 1983.

ZALUAR, A. O Esporte na Educação e na Política Pública. Revista de Ciência da Educação -
Educação e Sociedade. Campinas, São Paulo. Ed. Papirus, 1991. nº 38, abril, p. 19-44

ZALUAR, A e LEAL, M.C. Gênero e Educação Pública: uma Comparação entre o Ciep e a Escola
Comum. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v. 78, nº 188/189/190, jan/dez
1997, p. 157-194.



DOCUMENTOS

Associação Mundial de Recreação e Lazer (World Leisure and Recreation Association). Carta Internacional de Educação para o Lazer. Jerusalem, Israel, 1993.

Proposta Pedagógica do Ciep. Prefeitura Municipal de Americana, São Paulo, 1994.

ARTIGOS DE REVISTA E JORNAL

CIEP Uma Escola na Berlinda. Revista Nova Escola, nº 4, ano I, junho 1986, p. 54-59.

MORAES, A. E. de O pouco caso com os menores de rua. Folha de São Paulo, São Paulo, 24 ago. 1997. Caderno Opinião, p. 01.

PALMA, J. Americana cresceu aqui. Jornal do Zanaga, Americana, 04 jun. 1987, ano 1, nº 10, p. 10.

RIBEIRO, D. A alegria da meninada é a rua. Folha de São Paulo, São Paulo, 18 set. 1995. Caderno Opinião, p. 02.

_____. Educação punitiva. Folha de São Paulo, São Paulo, 18 dez. 1995. Caderno 1, p. 02.

ROSSETTI, F. Projeto bolsa-escola consegue zerar a evasão. Folha de São Paulo, São Paulo, 08 fev. 1998. Caderno 3, p. 08.

SANTINATO, A. L. Estatuto proíbe exploração de mão-de-obra infantil. Correio Popular, Campinas, 02 maio 1998. Caderno Criança, p. 01.

VERZIGNASSE, R. Fuga da Terra. Correio Popular, Campinas, 08 out.1995. Caderno Especial, p. 02.



ANEXO 1a

(Modelo de questionário aplicado aos educandos)

Questões:

- 1) O que você achou do teatro?
- 2) Como você se sentiu ao realizar as atividades do teatro?
- 3) Como você viu a participação de seus colegas?
- 4) Você gostaria de fazer teatro mais vezes?

ANEXO 1b

Roteiro das entrevistas com: Diretor, Professores e Animadores Culturais.

Questões:

1. O que voce acha do CIEP?
2. O que voce pensa do lazer?
3. Voce tem notado alguma mudança de comportamento nos alunos na classe com o desenvolvimento do lazer (relacionamento) ?
4. Como está sendo o dia-a-dia da escola com o lazer?
5. Conte como está sendo o trabalho do teatro no CIEP e como é a participação dos alunos?

ANEXO 2a

(Resposta de um Educando quanto à participação na atividade de Teatro)

Eu adorei fazer teatro
fui por mim
dentro um dia
entre a nam.
pela Tashis
ninguém pense
igual nós



(PAUL - ANEXO 2a)

ANEXO 2b

(Resposta de um Educando quanto à participação na atividade de Teatro)

Para mim o Teatro é uma coisa do mundo
transfêrindo para um pequeno espaço que
é o palco o Teatro é uma coisa que as vezes
nos traz alegria e as vezes tristeza
Eu gosto de participar de uma peça pois me
fiz muitas peças apenas duas e quero participar
de muitas outras porque Teatro é gostoso de fazer
além das brincadeiras do criador mas eu gosto
porque me traz alegria e as outras também
que estão me assistindo

(FAB - ANEXO 2b)



